



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE**

EUCLIDES ARAUJO RIBEIRO

**A VIDA DO VAQUEIRO MARAJOARA “D’OUTRO” LADO DO RIO: UMA
ABORDAGEM ETNOGRÁFICA**

**SANTARÉM - PA
2025**

EUCLIDES ARAUJO RIBEIRO

**A VIDA DO VAQUEIRO MARAJOARA “D’OUTRO” LADO DO RIO: UMA
ABORDAGEM ETNOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Ciências da Sociedade, da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Aparício Suárez

**SANTARÉM - PA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

R484a Ribeiro, Euclides Araujo
A vida do vaqueiro marajoara “d’outro” lado do rio: uma abordagem etnográfica./ Euclides Araujo Ribeiro. – Santarém, 2025.
184 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Miguel Aparício Suárez.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade.

1. Vaqueiro marajoara. 2. Tradições. 3. Cultura “afroindígena”. 4. Fazendas. 5. Memória coletiva. I. Suárez, Miguel Aparício, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 636.2

EUCLIDES ARAUJO RIBEIRO

**A VIDA DO VAQUEIRO MARAJOARA “D’OUTRO LADO DO RIO”: UMA
ABORDAGEM ETNOGRÁFICA**

Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Ciências da Sociedade, da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Aparício Suárez

Conceito:

Data da Aprovação: 21/05/2025

Prof. Dr. Miguel Aparício Suárez
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof. (a). Dr.(a) Diego Marinho de Góis
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof. (a). Dr.(a) Eduardo Soares Nunes
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof. (a). Dr.(a) Diego Amoedo Martinez
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SOCIEDADE

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 20

Ao vigésimo-primeiro dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e cinco, às 14h30, no campus Tapajós, sala 345-B BMT-II, instalou-se a banca examinadora de dissertação de mestrado de EUCLIDES ARAÚJO RIBEIRO. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr. Diego Marinho de Gois, PPGCS/UFOPA, examinador interno, Dr. Diego Amoedo Martinez, PPGAA/UFOPA, examinador externo (que participou em sala virtual), Dr. Eduardo Soares Nunes, PPGAA/UFOPA, examinador externo, e Miguel Aparicio Suárez, PPGCS/UFOPA, orientador. Deu-se início a abertura dos trabalhos, por parte do orientador, que, após apresentar os membros da banca examinadora e esclarecer a tramitação da defesa, passou de imediato ao mestrando para que iniciasse a apresentação da dissertação, intitulada "A vida do vaqueiro marajoara "d'outro" lado do rio: uma abordagem etnográfica", marcando um tempo de vinte minutos para a apresentação. Concluída a exposição, o Prof. Miguel Aparicio, presidente, passou a palavra aos examinadores, que apresentaram suas respectivas arguições. Após as considerações sobre o trabalho em julgamento, o candidato foi APROVADO, conforme as normas vigentes na Universidade Federal do Oeste do Pará. A versão final da dissertação deverá ser concluída no prazo de trinta dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora. Para efeito legal segue a presente ata assinada pelo professor orientador, pelos professores avaliadores e pelo mestrando.

Prof. Dr. Miguel Aparicio Suárez (orientador)

Prof. Dr. Diego Marinho de Gois, UFOPA

Prof. Dr. Diego Amoedo Martinez, UFOPA

Profa. Dr. Eduardo Soares Nunes, UFOPA

Euclides Araújo Ribeiro - mestrando

ATA Nº 1/2025 - PPGCS (11.01.00.00)

(Nº de Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 23/05/2025 11:18)
DIEGO AMOEDO MARTINEZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.00)
Matrícula: 00001090

(Assinado digitalmente em 23/05/2025 11:45)
DIEGO MARINHO DE GOIS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.00)
Matrícula: 00001090

(Assinado digitalmente em 23/05/2025 14:46)
EDUARDO SOARES NUNES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.00)
Matrícula: 00001097

(Assinado digitalmente em 23/05/2025 11:17)
MIGUEL APARICIO SUAREZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICS (11.01.00)
Matrícula: 00001287

(Assinado digitalmente em 23/05/2025 18:24)
EUCLIDES ARAUJO RIBEIRO
DISCENTE
Matrícula: 2021000004

A perfeição de um texto só é alcançada por meio da escrita. O exercício de escrevê-lo, repetidas vezes, refina a grafia, clareia as ideias e aprimora o foco da mensagem. A leitura e a reescrita tributam para eliminar as falhas, tornando o texto imune a críticas. (Anamaria Gomes de Araújo).

AGRADECIMENTOS

A todos que colaboraram para a realização deste trabalho, expresso minha gratidão, especialmente:

A meus pais: Lavino Barbosa Ribeiro (in memorian); Anamaria Gomes de Araújo, minhas inspirações;

A meus filhos, Bruno Lavino e Breno Louis Pelisser Ribeiro, meus mentores motivacionais;

Ao Professor que colocou uma carreta de responsabilidade sobre minhas costas ao dizer que o texto utilizado na seleção o fez reportar a João Guimarães Rosa;

Ao Professor Dr. Miguel Aparício Suárez, que acreditou na minha proposta e orientou a organização das ideias contidas neste estudo.

Aos Professores que compuseram a Banca da Qualificação, que me deram “boas” bordoadas na intenção de contribuir para melhoraria de minhas ideias e escrita e como transcrevê-las neste estudo e, pela indicação de obras e autores valiosos que eram desconhecidos para mim.

RESUMO

Este estudo analisa as dimensões cultural, política e social do vaqueiro marajoara na comunidade de Cima do Teso, na Ilha de Marajó, Pará. A pesquisa explora as tradições, costumes e saberes ancestrais, de raízes "afroindígenas", adaptados às fazendas da região. Revisita marcos históricos, como o apogeu das fazendas de criação de gado no século XIX e as mudanças sociais e econômicas do século XX, mas com ênfase em compreender as práticas culturais contemporâneas. A partir de análises desenvolvidas, destacam-se as narrativas, os mitos e os espaços que moldam a vida coletiva dos vaqueiros. Elementos como a fazenda Mineiro, a rede de fazendas e personagens emblemáticos são centrais para ilustrar as dinâmicas locais e os mecanismos de transmissão de memórias e saberes. A dissertação contribui para o entendimento das formas de vida desse trabalhador rural, destacando sua resiliência e capacidade de adaptação ao longo do tempo.

Palavras-Chave: Vaqueiro marajoara; Tradições; Cultura "afroindígena"; Fazendas; Memória coletiva

ABSTRACT

This study analyzes the cultural, political, and social dimensions of the Marajoara cowboy in the community of Cima do Teso, located on Marajó Island, Pará, Brazil. The research explores the traditions, customs, and ancestral knowledge with "Afro-Indigenous" roots, adapted to the farms of the region. It revisits historical milestones, such as the peak of cattle ranching farms in the 19th century and the socio-economic changes of the 20th century, while emphasizing an understanding of contemporary cultural practices. Through the analyses conducted, the study highlights the narratives, myths, and spaces that shape the collective life of the cowboys. Central elements of the research include the Mineiro farm, its network of farms, and emblematic characters that illustrate local dynamics and the mechanisms of memory and knowledge transmission. The dissertation contributes to understanding the ways of life of these rural workers, emphasizing their resilience and capacity for adaptation over time.

Keywords: Marajoara cowboy; Traditions; Afro-Indigenous cultura; Farms; Collective memory

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Vista aérea de Cachoeira do Arari - cima.....	14
Figura 2 – Vista aérea de Cachoeira do Arari - baixo.....	14
Figura 3 – Vaqueiro marajoara à beira do rio Arari	18
Figura 4 – Fazenda Arari, às margens do rio Arari.....	20
Figura 5 – Cabo Zeca.....	23
Figura 6 – Rio Arari	24
Figura 7 – Museu do Marajó.....	25
Figura 8 – Fazendas da comunidade de Cima do Teso.....	37
Figura 9 – A Ilha de Marajó	41
Figura 10 – Barco São Sebastião do Arari	42
Figura 11 – Puruca do Marajó	44
Figura 12 – Frito do vaqueiro marajoara	46
Figura 13 – Disputa da Copa do Mundo.....	46
Figura 14 – Mastros do Bastião.....	47
Figura 15 – Jóquei marajoara (versão feminina).....	48
Figura 16 – Localização da fazenda Mineiro	53
Figura 17 – Sede da fazenda Mineiro	54
Figura 18 – Sede da fazenda Nossa Senhora de Fátima.....	55
Figura 19 – Vaqueiros: Luquita e Tibinho.....	56
Figura 20 – Vaqueiro Lavinio.....	57
Figura 21 – Vaqueiro Giovanni.....	58
Figura 22 – Rede de fazendas	58
Figura 23 – Sede da fazenda Santa Maria	59
Figura 24 – Origem das fazendas do Marajó	61
Figura 25 – O pessoal de Cima do Teso.....	63
Figura 26 – vaqueiro Lavino Ribeiro.....	67
Figura 27 – Ferramentas do vaqueiro Lavino Ribeiro	74
Figura 28 – Dona Anamaria	78
Figura 29 – vaqueiro João Guará.....	79

Figura 30 – A máquina de costura da Dona Ana.....	83
Figura 31 – O vaqueiro Tibinho	88
Figura 32 – Embarque no barco Perge	113
Figura 33 – Travessia de igarapé.....	119
Figura 34 – Assinalando bezerro no curral.....	121
Figura 35 – Laçada do bezerro búfalo.....	122
Figura 36 – Corda de relho cru na garupa da sela	124
Figura 37 – Laçada do búfalo no campo	128
Figura 38 – Vaqueiros carregando o bangué	130
Figura 39 – Matalutagem	134
Figura 40 – Ferra no curral.....	136
Figura 41 – Área das Três Ilhas	152

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
O VAQUEIRO MARAJOARA	14
O UNIVERSO DO VAQUEIRO MARAJOARA	24
A TRAJETÓRIA DA PESQUISA	32
SOBRE A ILHA DE MARAJÓ.....	40
CAPÍTULO PRIMEIRO	53
A FAZENDA MINEIRO.....	53
A REDE DE FAZENDAS	59
O PESSOAL DE CIMA DO TESO.....	63
HISTÓRIAS DE VIDA.....	66
a) Seu Lavino	66
b) Dona Anamaria	77
c) Tibinho, o aprendiz.....	85
CAPÍTULO SEGUNDO	103
A CONSTRUÇÃO DA VIDA COLETIVA	103
A APARTAÇÃO.....	106
O EMBARQUE.....	112
O ARRODIADOR	114
A ASSINALAÇÃO.....	120
A CASTRAÇÃO.....	125
A TAPAGEM	129
A MATALUTAGEM.....	132
A FERRA.....	136
CAPÍTULO TERCEIRO	141
LUGARES NÃO CERTOS.....	141
A PONTA DO MAGUARY	143
O FURO DO BODE.....	146
XIXÁ DO CARRO.....	148
AS TRÊS ILHAS.....	150

DOM RAMIRO.....	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
A IDENTIDADE	158
A RESISTÊNCIA	160
A LIBERDADE.....	165
A RESILIÊNCIA.....	168
A PLURALIDADE	170
O PERTENCIMENTO	171
O LEGADO.....	172
A COSMOLOGIA	173
A LINGUAGEM	174
A EXPRESSIVIDADE.....	175
REFERÊNCIAS.....	180

INTRODUÇÃO

O VAQUEIRO MARAJOARA

Na Ilha de Marajó, no outro lado do rio Arari (figuras 1 e 2), a existência se revela um tecido estampado por marcas, rastros e outras pegadas. No coração dessa riqueza está o vaqueiro marajoara, cuja rotina se entrelaça com a rigidez da vida nas fazendas da comunidade de Cima do Teso. Lugar onde ele dardeja com bravura, resiliência e resistência singulares. Em vista disso, é justo exibi-lo como precursor de saberes e costumes ancestrais diversos.

Figura 1 – Vista aérea de Cachoeira do Arari, lado do Choque.



Fonte: <https://agenciapara.com.br/galeria/12693/cachoeira-do-arari-imagens-aereas>

Figura 2 – Vista aérea de Cachoeira do Arari, lado de Petrópolis.



Fonte: <https://agenciapara.com.br/galeria/12693/cachoeira-do-arari-imagens-aereas#lg=1&slide=2>

À vista disso, é importante ressaltar que existem outras pesquisas sobre a

vida nas fazendas do Marajó, realizadas por diversas instituições, tanto na cidade de Belém, no Estado do Pará, quanto em outras cidades do Brasil e, possivelmente, do mundo. No entanto, não foram encontrados registros que indiquem que alguma delas tenha sido conduzida por um filho de vaqueiros. Nascido e criado 'd'outro' lado do rio Arari, na sede da fazenda Mineiro, esse pesquisador enfrentou as limitações e o preconceito enraizados na cultura urbana para exaltar a existência do vaqueiro da Ilha de Marajó.

A designação “vaqueiro marajoara” é usada de forma inclusiva, referindo-se tanto ao homem quanto à mulher que exercem a profissão de vaqueiro. A escolha desse termo visa englobar todas as pessoas que compartilham a tradição dessa cultura, a partir dessa comunidade, independentemente do gênero. O uso dessa expressão, no singular, pretende representar coletivamente todos os indivíduos que atuam como vaqueiros na região, destacando a importância de suas contribuições para a divulgação dos saberes, costumes e tradições culturais a partir 'd'outro' lado do rio Arari.

O sentido coletivo empregado nessa abordagem é baseado no conceito de John Comeford, no texto “Onde está a ‘comunidade’? conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o ‘rural’ e o urbano” (2014). Esse conceito se ajusta à proximidade das fazendas, das pessoas e à dimensão coletiva abordada nesta pesquisa. A interação entre elas se dá pela troca de informações, essencial para o saber do vaqueiro marajoara. Assim, o termo “comunidade” é entendido como “localidade”, conforme Comeford orienta: “uma comunidade empiricamente existente de vizinhos, um espaço de chão com determinadas características físicas” (p. 10). Dessa forma, sua inclusão neste estudo é fundamentada na realidade sociocultural da região. Embora o uso desse termo represente uma iniciativa dessa abordagem, é importante destacar que ele surge da observação das dinâmicas sociais e culturais locais:

como um termo, um nome de lugar, associado a família e reputação. Não se trata de uma ‘representação’ da localidade no sentido de uma imagem ideal, mas da constituição da localidade como termo socialmente significativo que nomeia um lugar empírico, ligado a uma determinada prática de localização moral (Comeford, 2014, p. 14).

Assim, a noção de comunidade se mostra relacionada à ideia de cooperação comum, colaboração e ao trabalho coletivo para executar tarefas desafiadoras. O vaqueiro marajoara, ao não poder executar, sozinho, algumas tarefas, depende do apoio de outro vaqueiro, principalmente daquele que trabalha nas fazendas próximas da comunidade, para o manejo de animais nas atividades de assinalar, ferrar, castrar, apartar, embarcar e arrodar. Busca-se, dessa maneira, seguir as ideias de Eric Wolf (1976) para compreender a comunidade de Cima do Teso em seu contexto específico, classificando o vaqueiro marajoara como um trabalhador rural especializado, que conhece de maneira detalhada as práticas de manejar animais, bovinos, equinos e bubalinos; as peculiaridades da natureza da Ilha de Marajó e, por isso, representa uma categoria particular dentro da estrutura social e econômica das fazendas marajoaras, refletindo a diversidade e a complexidade das sociedades rurais que Wolf estudou em sua obra: "Sociedades camponesas".

Relacionando essa ideia ao estudo de Vicent J., pode ver como a ideia de comunidade como um fluxo organizado se aplica ao contexto do vaqueiro da Ilha de Marajó. A cooperação mútua e a colaboração descritas no parágrafo anterior refletem a interdependência e a dinâmica social que Vicent J. menciona em seu texto: "A sociedade agrária como fluxo organizado". Como um trabalhador rural especializado, o vaqueiro marajoara faz parte de um sistema agrário onde o conhecimento prático e os costumes culturais desempenham um papel decisivo na execução das tarefas desafiadoras e na manutenção da estrutura social e econômica das fazendas. Assim, tanto Eric Wolf quanto Vicent J. enfatizam a importância da cooperação e do conhecimento local para a compreensão e a resiliência das sociedades rurais.

Diante disso, diz-se que o conhecimento que norteia a vida nessas bandas do Marajó conecta o vaqueiro à natureza que o cerca e aos animais com os quais lida. Essa conexão não se limita ao trabalho, mas se estende a relações afetivas, sagradas, duradouras e solidárias com seus pares, como se todos pertencessem à mesma família. Muitos, por isso, se consideram parentes de alguma forma, chamando-se entre si de tio, tia, mano, maninho, cunhado, sogro, sogra, marido ou mulher.

Da mesma maneira, ele compreende os elementos naturais que sustentam e orientam sua existência - igarapés, rios, ilhas e campos - por meio da troca, do respeito

e da interação. Essa profunda relação com o lugar e seus animais torna o vaqueiro marajoara um verdadeiro ícone da Ilha de Marajó, a figura humana mais propagada e conhecida da Ilha, como argumenta Marinete Boulhosa:

Ao folhear uma revista de turismo, ao navegar pela internet, ao abrir um folder ou ver um cartaz, fotografia, reportagem ou livros sobre o Marajó, ou ainda indagar às pessoas sobre o que lhe vem à mente ao falar de Marajó, pode-se constatar que a figura do vaqueiro é quase sempre absoluta (Boulhosa, 2016, p. 68-69).

Portanto, nesse cenário onde a natureza é percebida compondo histórias que o conectam à Ilha de Marajó, as narrações revelam seus ensaios sagrados como, por exemplo, a narrativa a seguir:

Quando a notícia da morte do meu pai chegou até mim, o dia já se aproximava do fim. O sol se preparava para cortejar a lua e oferecer-lhe a noite e, assim, entusiasmar mais trovadores. Estávamos sem comunicação, na agência, e trabalhando, há mais de duas semanas, com o mesmo relatório de saldos. Estava praticamente impossível continuar. O gerente, então, decidiu que deveríamos ir até Altamira para as atualizações. A viagem era necessária e urgente; e o responsável por essa tarefa seria eu. Enquanto preparávamos o movimento acumulado do banco para levar para processamento, o telefone deu sinal de vida. Na outra ponta da linha, a voz da minha sobrinha, disse-me que o meu pai havia falecido há poucas horas. Refiz-me do susto e decidi cumprir a tarefa a mim confiada. Saímos à boca da noite, por uma estrada de chão, a transamazônica. Era verão, a rodovia empoeirada e à noite, a puaca formava densas cortinas quando algum veículo passava; mesmo assim, fomos. Digitei e transmiti o movimento rapidamente; aguardei os resultados; e recebi-os em novos e atualizados relatórios. Imprimi-os e embalei a todos e retornamos na mesma noite, em cima do rastro. Porém, cansados, sujos e famintos, paramos na cidade de Medicilândia, cidade na metade do caminho. Já era de madrugada e o único movimento de pessoas que havia naquela hora da noite, era o das pessoas que frequentavam uma seresta próxima ao único hotel da cidade. Saímos do carro e fomos em busca de comida. Compramos porções de iscas de carne, linguiças assadas e farofa para as nossas refeições. Com as marmitas na sacola, nos dirigimos ao hotel com a intenção de descansar por uma hora. Nos banhamos e nos deitamos. Nesse instante, ao fechar os olhos, vi-me chegando à casa do meu avô Lota, no Marajó. Uma choupana feita de palha e tábuas de injá, amarrada com fios de cipó. Entrei pela sala e notei que várias pessoas velavam um corpo. Ao passar pela porta, recebi os cumprimentos dos que estavam ali e fui até o caixão. Notei que era o velório do corpo do meu pai. Em frente à casa do meu avô, passa um rio velho, chamado tarumã. Ele está quase todo seco. Mas quando a maré enche, no verão, a água brota, não se sabe de onde, limpinha e transparente e como um espelho, reflete o azul e as nuvens brancas do céu. E, eu, imóvel, olhando o corpo do meu pai, então, decidi retirá-lo do caixão e, em meus braços, levei-o até o rio. Entrei e segui até a água alcançar o meu peito. Então, ofereci o seu corpo para as águas claras do velho tarumã. Nesse instante, ele se transforma em um boto cinzento, que sai saltando feliz

e, em liberdade, pelas águas vivas e claras do velho rio (Relato do vaqueiro Tibinho, 2011).

A partir dessa narrativa, é possível predizer que o pessoal de Cima do Teso é moldado pela natureza desse lugar sob um ponto de vista que se aproxima de Geertz (2017), porém limitado à vida nas fazendas do Marajó que se apresenta dual. Essa aproximação é fundamental para abranger a dualidade que o torna capaz de conduzir este estudo. Para tanto, seguiu-se a trajetória do vaqueiro da Ilha de Marajó (figura 3) acompanhando as pegadas que o margeiam, e ao rio Arari, que motivam as narrativas arquitetadas por ele e as memórias das pessoas da comunidade.

Figura 3 – Vaqueiro marajoara à beira do rio Arari



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

A dualidade mencionada no trecho se refere às duas dimensões da vida nas fazendas do Marajó: a relação entre o homem e a natureza do lugar, e a interação entre as tradições locais e a modernidade. O vaqueiro marajoara vive em um espaço onde precisa equilibrar essas duas forças - adaptar-se à natureza que o molda, respeitando seu ritmo e ciclos, ao mesmo tempo que lida com as influências externas que afetam sua forma de viver e trabalhar.

Devido ao foco desse estudo ser a 'vida do vaqueiro marajoara', e a condição de pesquisador, escolhi desobrigar-me dos caminhos que evidenciam os patronatos

e os compadrios sociais, bem como as crises campestres, visto que esses assuntos não fazem parte do escopo deste trabalho.

Então percebida, a simplicidade que caracteriza a vida no campo, às margens do rio Arari, fez emergir a necessidade de compreender as razões que transformaram homens e mulheres, escravos e indígenas, em vaqueiros e os mantém interligados a essa profissão que, embora reconhecida, é carente de valorização. Essa exterioridade possibilita explorá-lo sob a concepção semiótica de cultura, orientado pelo argumento de Clifford Geertz (2017, p. 16):

o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (Geertz, 2017, p. 16).

Ao sopesar o pensamento de Geertz, vi-me compelido a compreender o papel que o vaqueiro marajoara exerceu na conquista da Ilha Grande de Joanes, como ficou conhecida a Ilha de Marinatambal¹, no século XVII. Essa compreensão sugere que o vaqueiro pode ter sido um 'enorme instrumento' para a implementação das primeiras fazendas na região do rio Arari (figura 4), no dito "Marajó dos Campos" (Sarraf-Pacheco, 2018, p. 64). Essa inferência se fundamenta na natureza livre do vaqueiro da Ilha de Marajó que, apesar da 'liberdade' que o compreende, é comprometido com o trabalho e afazeres das fazendas.

Na primeira década do século XVII, Portugal aventurou-se por esses ambientes "abastecidos de águas e talhados de rios", porque franceses, ingleses, holandeses, irlandeses, antecipando-se em navegar por essas rotas, aprenderam a dialogar com seus povos para estabelecer, ali e acolá, novos contatos. O medo de perder aquele importante território, (...), jogou a Coroa portuguesa águas adentro do Mar-Dulce. Desenharam-se, a partir dali motivações para a fabricação de inúmeras memórias, argamassa para a escrita de muitas histórias. Do lugar social e cultural de onde fossem produzidas e narradas, ganhariam (...) outras conotações (Sarraf-Pacheco, 2024, p. 101).

¹ Como os artistas, poetas e trovadores cachoeirenses fazem referência à Cachoeira do Arari mais antiga.

Figura 4 – Fazenda Arari, às margens do rio Arari



Fonte: Marli Braga Araújo

De outra forma, os indivíduos levados para os campos do Marajó, homens e mulheres, escravos, não seriam tratados como ‘pessoas em liberdade’. Nesse sentido, dialogar com “os mais antigos” é crucial para entender o papel que essas pessoas desempenharam nas fazendas marajoaras. Além de terem atuado desmatando áreas para a formação de pastagens, levantaram moradias, galpões, currais, mangas, caiçaras e marombas; ergueram tapagens, cercas e cercados; teceram arreios, selas e esteiras que auxiliam no dia a dia das fazendas; e tarrafas para pescar; amansaram cavalos, domesticaram búfalos; caçaram jacarés para comer e alimentar a vida; realizaram corte da canarana, planta aquática rica em nutrientes utilizada para alimentar os animais cultivados em marombas no período de cheias.

Nesse contexto de resistência e reconstrução cultural, surge a identidade do vaqueiro marajoara, que se reconhece como um afroindígena, refletindo a fusão de suas raízes culturais e históricas. Assim, busca-se valorizar sua trajetória e evidenciar o caminho cultural que ele construiu, descrito por Marinete Boulhosa (2017) como a ‘figura’ mais manifesta da Ilha de Marajó. Esse percurso, que apresenta semelhanças com o dos caçadores-coletores de Marshall Sahlins (2021), foi moldado pelo vaqueiro, tornando-se um testemunho vivo de sua história e identidade.

Essa herança ancestral é um ponto crucial da formação do vaqueiro, pois representa um legado que envolve várias etnias indígenas, habitantes originários do Marajó que, ao lado dos africanos, deram origem ao vaqueiro marajoara. Ainda que seja uma hipótese em construção, esse legado o consolida rico em saberes, costumes e tradições, os quais podem ser percebidos nas expressões linguísticas, na boa educação, nas indumentárias livres, nas ferramentas criadas no interior das fazendas e na casa do vaqueiro, que era compartilhada entre pessoas, animais e tralhas. São rastros da etnografia do vaqueiro marajoara que habita as fazendas do outro lado do rio Arari. Dessa forma, torna-se essencial refletir sobre o questionamento levantado por Pedro Stoeckli Pires (2015) em sua tese *Laços brutos, vaqueiros e búfalos no baixo Araguari - Amapá*: “O que sabemos sobre a vida do vaqueiro da Ilha de Marajó que habita a comunidade de Cima do Teso?”

A pergunta é demasiadamente ampla para ter uma resposta simples, ou mesmo uma resposta, mas se ela clama por maior desenvolvimento do conhecimento das relações entre humanos e animais, apresento esta pesquisa como uma tentativa de dar pequenos passos nesse sentido (Pires, 2015, p. 12)

Apesar de as pegadas conhecidas enaltecerem a vida do vaqueiro marajoara “d’outro” lado do rio Arari, é necessário mostrar quem ele é? Como vive? Como se comporta? O que lhe importa? De acordo com Marinete Boulhosa (2016, p. 45 *apud* Araújo, 2002):

[...] as fazendas no Marajó têm sua origem no século XVI, no período colonial, quando o Brasil era sujeito ao sistema econômico mercantilista de Portugal. As fazendas, na verdade, constituíram-se importantes núcleos produtivos no período colonial no Brasil, que teve como base os grandes latifúndios, produção em larga escala e regime escravista (Araujo, 2002).

[...] a história da ocupação do Marajó está estritamente ligada à história da instalação das fazendas de gado e de seus proprietários, pois ao lado da preocupação em assegurar as terras conquistadas, as características físicas do Marajó, colocaram a Ilha, como salienta Soares (2002), num lugar de destaque no processo de colonização: um espaço privilegiado para a criação de gado, contribuindo para a formação dos grandes latifúndios, latifúndios esses que nasceram sob a violência e expropriação das populações nativas, pois o regime de sesmarias e concessões de terras tinha a intenção clara de garantir usurpação das terras dos índios e o regime escravista, como indica Victor Leonard (1996 *apud* Araujo, 2002; *apud* Boulhosa, 2016, p. 46).

Nesse contexto, o vaqueiro marajoara se reconhece como um afroindígena resistente, capaz de enfrentar as singularidades da Ilha de Marajó e desafiar o tempo para se manter resiliente e adaptado aos desafios da vida. Um sujeito educado e esperançoso, como foram seus antepassados, mesmo que tenham tido pouca ou quase nenhuma educação formal. Nessa direção, um aspecto da vida do vaqueiro 'mais antigo' se mostra importante: a crença de que, entre os seus entes que já partiram, alguns foram 'tomados' pelas encantarias da Ilha de Marajó e se manifestam na forma de 'entidades de outro mundo', ou 'vaqueiros encantados', que habitam e protegem os 'lugares não certos'.

Entre os 'seres encantados', os vaqueiros, Quendera e Boaventura são os mais mencionados, inclusive para as bandas do lago Guajará, que é conhecido como o 'lago mistério'² desde tempos remotos por causa das histórias que surgem daquelas bandas. Assim, quando esse assunto é pautado nas rodas de conversas, o vaqueiro marajoara se comporta de maneira diferente. É evidente a mudança na expressão dele: o semblante modifica, o sorriso desvanece e o olhar alegre cede espaço a um semblante sério, ocupado e distante.

Com isso, pode-se dizer que ele tem a vida ligada às encantarias marajoaras, que somente ele avista, mas delas muitos ouvem falar. Suas histórias são contadas em quase todas as fazendas. Por esse motivo, o vaqueiro marajoara as respeita e aos lugares por onde elas surgem vivas e de onde são compartilhadas entre diferentes grupos de pessoas, em ambas as margens do rio Arari. E pelas vozes que dizem tê-las experimentado e, por isso, replicam as experiências 'quase inexplicáveis' ou explicadas de outras formas, que diferentes vaqueiros afirmam ter experienciado.

As reações observadas nos rostos dos vaqueiros, Amadeu e Edinaldo, ilustram esses ensaios: "não gosto de contar essas histórias porque tem gente que não acredita em nós". Ambos estavam se referindo às experiências que disseram ter presenciado para as bandas do 'jucá de quina', lugar que fica na região de dentro da cerca. Com base nesses rudimentos, a investigação precisou ser ajustada para que narrativas como essas pudessem ser registradas.

² O Lago do Guajará, no município de Cachoeira do Arari, é tido como o "Lago Mistério" devido às histórias que surgiram desse lugar. É um lugar "considerado" pelo vaqueiro marajoara que percorre àquela banda.

A esse respeito, do diálogo com o vaqueiro Cabo Zeca (figura 5), da fazenda Mineiro, no caminho até à beira do rio Arari, pode ser destacado o seguinte trecho: “Você deveria passar mais tempo, Parente. Ficar para dormir, pois é a noite, depois do jantar, antes da gente se deitar, que as histórias de visagem surgem”. No entanto, só pude ponderar sobre ela ao final da coleta na fazenda Mineiro e após retornar à Belém. E, assim, recordar que o vaqueiro possui momentos e lugares definidos para relatar as vivências do campo: em volta da mesa após o jantar e à luz de lamparina.

Figura 5 – Cabo Zeca



Fonte: Marciel Morais

Diante disso, conclui-se este tópico asseverando que, ainda que as histórias do vaqueiro marajoara contenham elementos imaginários, elas expressam verdades simbólicas, já que são retratos autênticos de sua identidade cultural. Normalmente, essas histórias são contadas à noite, ao redor da mesa, iluminadas por lamparina ou candeia; ou deitado na rede com as luzes apagadas, para as pessoas da fazenda, sejam elas familiares ou conhecidas. Nesses momentos, ele compartilha as vivências do universo em que habita e fortalece os laços comunitários, utilizando suas narrativas como um meio de transmissão do conhecimento ancestral, perpetuando valores, crenças e ensinamentos que moldam a identidade e a tradição dos vaqueiros marajoaras, conforme será mostrado nos tópicos a seguir.

O UNIVERSO DO VAQUEIRO MARAJOARA

No universo do vaqueiro, o saber empírico se revela acessível. Mas ao avaliar suas referências, vê-se que o conhecimento segue uma fundamentação. Além disso, sua figura evoluiu de um trabalhador rural que atua nas fazendas da comunidade de Cima do Teso para um 'símbolo', segundo Boulhosa (2017), bastante expressivo “d’outro” lado do rio Arari. Assim sendo, busca-se explorar os saberes que ele possui, principalmente as experiências que o resguardam vaqueiro. Mas para compreender esse indivíduo e os conhecimentos que o conectam à narrativa marajoara, faz-se imprescindível desvelar o sentido coletivo que o define. Compreendê-lo assim, nesse contexto, requer compreender a expressão 'd'outro lado' ou 'dali d'outro lado', pois ela transita entre os limites de uma mesma linha.

O rio Arari (figura 6) é essa linha que separa e atrela a cidade de Cachoeira do Arari às propriedades que se localizam no município de Ponta de Pedras (PA), e também às fazendas localizadas nas terras de Cachoeira. E de maneira especial, à comunidade de Cima do Teso, que é formada por fazendas independentes, cercadas por outras mais distantes, que comungam da mesma referência social e urbana. O rio Arari, porquanto, representa a linha que junta e desajunta os moradores das fazendas de ambos os lados do rio, cujas vidas se encontram restringidas por essa demarcação natural que junta e disjunta esses dois municípios marajoaras.

Figura 6 – Rio Arari



Fonte: Marli Braga Araújo

Essa demarcação natural faz com que as interações sociais e culturais sejam, ao mesmo tempo, combinadas para criar uma dinâmica que singulariza essa região. Diante dessa particularidade, surge a seguinte inquietação: por que a vida do vaqueiro marajoara “d’outro” lado do rio Arari segue à margem das discussões sociais?

Para compreender essa questão, é imprescindível percorrer a obra “Marajó”, de Dalcídio Jurandir, para refletir sobre a relação social que se sucedeu no interior da Ilha de Marajó. E, de igual maneira, observar o ‘espírito’ antropológico, sociocultural, ambiental e até arqueológico, de Giovanni Galo, padre jesuíta que abdicou da batina para repercutir a cultura marajoara mais antiga. Além das investigações realizadas pela professora Marinete da Silva Boulhosa (2016) sobre o vaqueiro da Ilha de Marajó. É válido considerar, também, as dinâmicas culturais que emergiram nesse cenário amazônico, especialmente a partir da chegada do Museu do Marajó (figura 7) à cidade de Cachoeira do Arari (PA), em 1983.

Figura 7 – Museu do Marajó



Fonte: <https://secult.pa.gov.br/noticia/1556/museu-do-marajo>

Todavia, as histórias pouco conhecidas da Ilha de Marajó revelam o limitado abrigo oferecido às pessoas das fazendas, relegando-as a uma posição marginal e privando-as de uma conscientização cultural mais ampla devido à imposição de uma cultura dominante que as sufoca e controla. Essa influência impõe uma visão restrita da realidade marajoara e impede que pessoas, como o vaqueiro do Marajó, possam abranger outras culturas e esperanças além das ditadas por esse ideal limitador.

Isso, de certa forma, ajuda a explicar as razões pelas quais o vaqueiro da Ilha de Marajó se mantém enredado em um ciclo de afazeres arriscados e penosos, sem perspectivas que lhes permitam lutar pela própria sobrevivência e a de sua família de maneira justa. Ao observar os saberes, tradições e costumes que emergem dessa realidade, e ao considerar o caráter coletivo que abrange a comunidade de Cima do Teso, evidencia-se a cultura e a vida do vaqueiro, em grande medida, ignoradas.

Isto favorece o aparecimento de novos 'totens' que acidentam a cultura e a história da Comunidade local. Essa tese deriva do contexto da falta de conhecimento, de oportunidades e do desvanecimento das tradições que se apagam antes de outras discussões políticas fundamentais. Enquanto essas questões desabrocham, emerge uma nova perspectiva, que passa a habitar a comunidade de Cima do Teso, avultando os saberes que o vaqueiro cultivava como algo que lhes pertence e à Ilha de Marajó, como nativo que é, do outro lado do rio Arari.

Com esse 'novo olhar' sobre a vida do vaqueiro da Ilha de Marajó, busca-se recuperar as memórias do vaqueiro mais antigo, coletando suas histórias sobre as laçadas e caçadas, estas com a ajuda do marrequeiro, em campo aberto, de dia ou de noite. Além das caçadas de arrasto e, por vezes, de 'bubua' nos igarapés e áreas alagadas pela abundância de águas pluviais que caem nos primeiros meses de cada ano. Também se busca relembrar como ele pescava com tarrafas e redes de malhar, utilizando um método conhecido como 'soçoca', bem como o processo de construção de cercas, currais e tapagens, empregando metodologias e instrumentos simples, como cipós, martelos, facões, ferro de cova, enxadas e cordas, para medir e indicar o rumo e a firmeza dessas atividades.

Essas tarefas integram o cotidiano das pessoas da Comunidade e têm suas raízes engravadas nos primórdios da vida do vaqueiro, sendo parte intrínseca de suas memórias. Ao resgatar essas vivências, este estudo busca compreender a identidade cultural do vaqueiro marajoara, que se manifesta por meio das práticas transmitidas de geração em geração, consolidando sua relação com o território e a tradição da Ilha de Marajó.

Nesse mundo rico e diverso de conhecimentos, todos de natureza prática e raízes antigas, busca-se ressaltar o cotidiano das fazendas da Ilha, sublimando a vida

do vaqueiro do Marajó e suas tradições, reconhecendo o papel ativo que ele ocupa nas transformações culturais desse lugar. Esse ser não é apenas um sujeito passivo das mudanças, mas agente que conforma e preserva sua cultura em meio a um contexto de constantes mudanças. Nessa visão, os rituais do vaqueiro e a herança ancestral que o apoiam estão repletos de emoções vivas, relacionadas à história da Comunidade e ligadas à geração que o antecedeu. Assim sendo, na comunidade de Cima do Teso, esse trabalhador dos campos é visto como 'guardião', resistente e firme, dos saberes que o conectam as suas origens distantes, mas que precisa se tornar consciente da importância da cultura que o sustenta e da tradição cultural que mantém esse grupo social.

Assim, é fundamental esclarecer que a trajetória do vaqueiro marajoara, nesta análise, vai além das atividades realizadas nas propriedades rurais dessa região. Na verdade, ela é expandida por meio das narrativas que evidenciam como ele molda e mantém a herança cultural desde a origem. Esse vaqueiro não se mostra um receptor passivo de sua cultura, mas um agente ativo que constrói, mantém e conforma as tradições ao longo do tempo. Além de manifestar convicções, vivências e experiências nítidas. Em suas histórias, os mitos e as lendas são sempre impregnados de princípios e orientações importantes. Tradição mantida pela expressividade oral, uma habilidade que o vaqueiro da Ilha de Marajó, especialmente da comunidade de Cima do Teso, domina de maneira excepcional.

As narrativas coletadas permitem concluir que a vida dele está entrelaçada com a história da Ilha de Marajó, com a qual interage de modos diversos em tempos distintos. Por essa razão, o grupo que habita a comunidade de Cima do Teso se vê motivado a manter-se adaptado às tradições ancestrais que possui. Essas tradições, devidamente ajustadas, permanecem sendo vividas e ressignificadas no presente. Um exemplo dessa renovação é a figura do jóquei em suas manifestações culturais, o que contribui para manter vivas as tradições de seus antepassados e outros costumes, enquanto enfrenta os desafios contemporâneos.

Desse modo, sua herança cultural é continuamente atualizada, refletindo tanto o respeito pelo passado quanto a capacidade de inovação e adaptação ao momento presente. Esse grupo de pessoas compreende a vida nas fazendas do Marajó, seja

exercitando as tradições que mantém, seja desenvolvendo outras práticas, mas sempre com o propósito de valorizar a cultura que vive. Assim sendo, cultivam a história integrando homens e mulheres abraçando o passado, o presente e o futuro.

Com sua habilidade e fama de criador e contador de histórias, imaginárias, o vaqueiro confere autenticidade às próprias narrativas, permitindo que elas perdurem no tempo e se incorporem ao tecido cultural das fazendas da Ilha. Assim, nessa paisagem delimitada pelos 'lugares não certos' - ditos assombrados, habitados por seres encantados, geralmente homens, mulheres, crianças e animais - ele preza pela vida em liberdade, como fizeram seus antepassados. Essa hipótese ajuda a elucidar as cercanias desses lugares onde o vaqueiro marajoara se renova e se expande; habita e explora as regiões desse vasto território, comumente delineado por uma desigualdade de vistas.

Um olhar mais simples para as pessoas dessa região permite perceber que, devido às transformações sociais, a cultura que o vaqueiro representa está sendo modificada, especialmente quando ele aceita ser chamado de 'jóquei'. Embora essa terminologia esteja associada a uma dinâmica cultural distinta, ela pode levar essa coletividade a refletir sobre a oportunidade de reinterpretar valores tradicionais e acolher novas concepções. Além disso, busca-se sublinhar as diferenças entre as margens do rio Arari e áreas adjacentes, para reduzir o distanciamento geográfico e suscitar debates sobre as diferenças sociais, políticas, históricas e culturais que cercam a vida do vaqueiro naquela comunidade. Nesse sentido, ele procura enfatizar a diversidade que enriquece sua vida tanto nas áreas urbanas quanto nas rurais de outras partes do Marajó. É essencial, para ele, continuar exaltando a riqueza cultural que gera e o permite se reconhecer como alguém capaz de enfrentar as pressões políticas e as desigualdades sociais presentes nessas localidades.

Conforme avançava nesta jornada de descoberta, foi fundamental adotar uma postura reflexiva e crítica em relação ao valor científico da pesquisa e ao objeto deste estudo. No entanto, minha inserção enquanto pesquisador no universo do vaqueiro marajoara não poderia ser desprovida de envolvimento. Então, passei a participar ativamente das dinâmicas sociais e culturais observadas. Dessa maneira, é essencial que eu permaneça atento às narrativas que escolher contar, à maneira como as

apresentar e às vezes que decidir destacar nesses relatos. Apenas assim poderei assegurar que esta abordagem sobre a vida do vaqueiro marajoara 'd'outro' lado do rio Arari seja vista como uma etnografia rica e significativa.

Ao exibir a vida do vaqueiro marajoara sob uma nova perspectiva, busquei revelar aspectos essenciais de suas práticas, conhecimentos e tradições de uma maneira que vai além das representações convencionais. Essa abordagem se deu por meio de uma imersão cuidadosa no cotidiano desse grupo, levando em conta não apenas sua relação com o trabalho, mas também os desafios e expectativas que permeiam suas vivências. Dessa forma, penso ter iluminado a existência desse grupo ao enfatizar as subjetividades, vivências e dar espaço às suas vozes, frequentemente silenciadas. Ao invés de apenas descrever seu modo de vida, procurei compreender e transmitir a forma como percebem sua própria realidade, destacando as nuances que, muitas vezes, passam despercebidas.

Essa contribuição pode ser crucial para promover um diálogo mais amplo e inclusivo sobre a realidade do vaqueiro marajoara, proporcionando uma reflexão contextualizada acerca de seu papel social e cultural. Foi nesse processo que percebi o "peso da carga" ao atender às expectativas das pessoas com as quais interagi - um desafio que evidenciou a complexidade das representações e narrativas sobre as pessoas dessa comunidade. Diante desse contexto, acredito que este trabalho não apenas documenta, mas também convida a um olhar mais sensível e aprofundado sobre a vida do vaqueiro marajoara, especialmente daquele que vive "d'outro" lado do rio Arari. Espero que suas histórias, tantas vezes ignoradas, encontrem espaço para serem ouvidas e compreendidas a partir de uma perspectiva mais social, humana e respeitosa.

Ao longo dessa jornada, pude rememorar um provérbio que me acompanha desde os tempos idos no Marajó: 'dai, de graça, a graça que recebeste!' ou 'se de graça recebeste, de graça deves dar!' Isso me fez refletir sobre um texto de Marcel Mauss, que discute a reciprocidade dos dons e dos sacrifícios (*Ensaio sobre a Dádiva e o Sacrifício*, 2003). Entre as várias expectativas formadas para a atividade de campo, estava prevista essa que atribui um caráter aparentemente natural, livre e sem custos do trabalho do vaqueiro marajoara. Contudo, essa suposta espontaneidade se

mostrou 'enganosa' quando o vaqueiro Elísio Mendes, popularmente conhecido como Beá ou Beazinho, fez-me a seguinte exigência: "Mano Velho, quando o teu trabalho estiver pronto e terminado, você tem que vir aqui em Cachoeira apresentar para nós".

A partir dessa imperatividade, deduz-se que a existência do vaqueiro que se desenvolve do outro lado do rio Arari, também configura uma etnografia descritiva e participativa. Isso revela uma nova teia cultural que o acompanha desapercibida desde suas raízes. Assim, como representante dessa cultura da Ilha de Marajó, do Estado do Pará, da Amazônia e do Brasil, pode-se afirmar que a vida do vaqueiro marajoara tem importância e influência conectada à história desse lugar e à de seus ancestrais.

Diante da aparente necessidade de garantir visibilidade cultural a esse grupo social, baseei-me nas ideias de Marcel Mauss (2003) para compreender como o vaqueiro marajoara manifesta gentileza, bravura e resiliência, atributos que fazem parte de sua herança. Mauss destaca que as práticas sociais envolvendo a dádiva não se restringem a bens materiais, mas também incluem gestos simbólicos que fortalecem laços comunitários. Conforme apontado por Mauss (2003), "a dádiva envolve um sistema social de obrigações que transcende o objeto material e reforça os vínculos entre indivíduos e grupos". Essa perspectiva se revelou ao observar a interação do vaqueiro Elísio Mendes, conhecido como Beá, com outro membro da comunidade. Nesse dia, Beá demonstrou gentileza ao ajudar um vizinho a encabrestar um poldro, dedicando tempo e esforço sem esperar nada em troca - um ato que exemplifica a reciprocidade social discutida por Mauss.

Em outra ocasião, testemunhei a bravura de Beá ao enfrentar uma novilha búfala para evitar que um vaqueiro desatento levasse uma chifrada, demonstrando o espírito guardião, e a coragem, presentes na tradição do vaqueiro. Essas experiências concretas revelam como o vaqueiro aplica na prática os valores herdados de seus antepassados, adaptando-os às necessidades e desafios contemporâneos. Conforme apontado por Mauss (2003), "a dádiva envolve um sistema social de obrigações que transcende o objeto material e reforça os vínculos entre indivíduos e grupos". Assim, a manifestação desses valores no cotidiano dos vaqueiros demonstra um processo de adaptação e continuidade cultural.

Assim, esse tema se torna importante para revelar, desde o outro lado do rio Arari, os trabalhadores de Cima do Teso, que frequentemente enfrentam preconceitos que os rotulam como carentes de conhecimento e cultura, um menosprezo que os relegam a uma posição social inferior por lidarem com bichos brutos. Nesse cenário, é fundamental destacar uma riqueza que os rodeia: o vaqueiro detém um amplo e valioso conjunto de saberes ancestrais sobre o ambiente do Marajó. Ao valorizar esses costumes, ele terá a oportunidade de perpetuar sua história ancestral, já enriquecida pelas experiências cotidianas e contemporâneas que vivencia de modo particular.

Nesse sentido, destaca-se o desafio de ultrapassar as concepções simplistas e, ao mesmo tempo, contribuir para a criação de uma narração mais abrangente e exata acerca da vida do vaqueiro marajoara a partir das áreas rurais de Cachoeira do Arari e de Ponta de Pedras, em suas múltiplas dimensões culturais. Assim, espera-se que futuras pesquisas, antropológicas ou arqueológicas, possam seguir nessa direção e revelar outros elementos da cultura do vaqueiro marajoara, especialmente daquele que compõe o pessoal de Cima do Teso, da região do Cuberto e de dentro da cerca.

Entre as razões que motivam este tema, sobressai a importância científica e o compromisso acadêmico de analisar essa herança cultural marajoara situada no Estado do Pará, na Amazônia e no Brasil. Ao realizar esta pesquisa sobre a vida do vaqueiro do Marajó, busca-se prestar uma homenagem aos seus antepassados e contribuir para a ampliação dos saberes adquiridos durante as disciplinas cursadas no Mestrado, especialmente as pertinentes à antropologia, sociologia, metodologia e cultura regional, que me proporcionaram alcançar novas interpretações acerca dessa região da Ilha de Marajó. Ademais, busca-se apoiar a valorização desse patrimônio imaterial que ainda é pouco reconhecido. Caso contrário, correr-se-á o risco de vê-lo cair em desuso, ser esquecido e até sofrer distorções, como acontece quando se referem ao vaqueiro marajoara como 'jóquei'.

Dessa forma, é recomendável seguir contestando as problemáticas atuais que impactam os povos originários, que incluem comunidades indígenas com vínculos ancestrais com o território, e os povos tradicionais, que englobam grupos culturais cujas práticas e modos de vida foram construindo história, como o vaqueiro marajoara.

Entre essas questões, destacam-se a desigualdade social e econômica, bem como a exploração de recursos, que afetam essas comunidades de maneira distinta.

Além de desafios que desconsideram o meio ambiente e as tradições do vaqueiro, elementos que influenciaram a escolha deste tema, é essencial possibilitar novas formas de compreender e valorizar a cultura que se desenvolve do outro lado do rio Arari. Isso permite diferentes reflexões sobre a vida das pessoas que integram a comunidade e a relevância da conexão entre elas e o seu entorno, incluindo os sítios arqueológicos e a rica diversidade de conhecimentos presentes na região. Dessa maneira, busca-se fomentar discussões sobre políticas que promovam a inclusão e o respeito à cultura do vaqueiro marajoara.

Assim, esta análise sobre a vida do vaqueiro da Ilha de Marajó, do outro lado do rio, tem como objetos de pesquisa os costumes, as tradições, as práticas e os conhecimentos que ele cultiva, bem como as narrativas que compartilha sobre sua vivência. Além disso, foram investigados aspectos socioculturais que evidenciam a relevância de sua existência no contexto regional. Ademais, procura-se identificar os fatores que influenciam sua resistência diante das mudanças sociopolíticas, buscando compreender as razões que o mantêm distante das lutas de classes e das correntes ideológicas de outras regiões. Por meio desse estudo, espera-se contribuir para uma reflexão mais aprofundada sobre a cultura do vaqueiro marajoara e suas formas de adaptação aos desafios contemporâneos.

Portanto, é essencial detalhar o percurso da pesquisa, desde o planejamento da viagem à Ilha de Marajó, incluindo a passagem pela cidade de Cachoeira do Arari e pela fazenda Mineiro. Visto que o objetivo é retratar a vida do vaqueiro marajoara "d'outro" lado do rio, através de uma abordagem etnográfica que, por meio das narrativas do vaqueiro marajoara, revelará experiências e desafios do vaqueiro como será demonstrado adiante.

A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Para alcançar os fins estabelecidos, definiu-se uma abordagem qualitativa. E, para compreender a complexidade da vida do vaqueiro marajoara, adotou-se uma

perspectiva etnográfica descritiva que valoriza a observação direta e permite melhor interação com as pessoas da comunidade. Na pesquisa de campo, pode-se observar como o vaqueiro manifesta gentileza, bravura e resiliência, atributos que fazem parte de sua herança ancestral. Essas observações revelam a importância de reconhecer e validar a conexão entre o eu e o outro, elementos humanos presentes na vida dele. Com essa abordagem, puderam ser captadas sutilezas dos saberes e das tradições que compõem a cultura desse sujeito social.

Nessa direção, foram consideradas as importantes orientações contidas na obra pedagógica de Paulo Freire, especialmente em *Pedagogia da Indignação* (2022), que sugere uma luta desigual. É fundamental esclarecer que este estudo não tem a intenção de transformar o universo cultural do vaqueiro, mas de reconhecê-lo como um agente ativo da cultura da Ilha de Marajó. O vaqueiro, ao longo de anos, teceu, desenvolveu e transmitiu conhecimentos e práticas que refletem sua conexão com a natureza e animais da Ilha de Marajó.

Ademais, a pesquisa bibliográfica incluiu a consulta a outros estudiosos, entre eles, a professora Josebel Akel Fares, que no artigo *Marajó e Vaqueiros: memórias de ofício, épica e ancestralidade* (2015) faz referência ao vaqueiro sourense; e a professora Marinete Silva Boulhosa, que em sua obra, *Entre a sela e o santo* (2016), o explora com mais intensidade, pois permaneceu por um período maior convivendo com o vaqueiro em ambos os lados do rio Arari, captando narrativas fidedignas da vida dele.

Ainda assim, foi preciso explorar o mundo do vaqueiro no romance *Marajó* (1947) de Dalcídio Jurandir, e uma investigação contemporânea conduzida por Max Silva do Espírito Santo (2023), acerca da obra desse romancista paraense que nasceu no município de Ponta de Pedras e conviveu em Cachoeira do Arari por vários anos. Ao longo dessa pesquisa, ficou evidente que o vaqueiro não é apenas um 'símbolo' da cultura, mas um sujeito ativo que produz e molda significados e 'símbolos' culturais.

Sobre Dalcídio Jurandir, é sabido que ele nasceu em 1909, na Ilha de Marajó, no estado do Pará, no Brasil. Além disso, ele é amplamente reconhecido por suas obras que retratam a vida e as dificuldades da gente ribeirinha e do trabalhador rural da Amazônia paraense. Sua escrita é influenciada por suas vivências e pelo ambiente

onde cresceu. Sua obra é ambientada principalmente na primeira metade do século XX, período marcado por mudanças sociais e econômicas.

A região da Ilha de Marajó, cenário de muitas de suas histórias, ainda é caracterizada por uma economia agrária e pela presença de grandes fazendas de gado bovino, equino e de búfalo. A vida do vaqueiro marajoara, que ele retrata, espelha as desigualdades sociais dessa região e a exploração econômica da época.

Com isso, busca-se ancorar nos romances *Chove nos Campos de Cachoeira* (2019) e *Marajó* (2010), de Dalcídio Jurandir, porque apresentam dois aspectos importantes da Ilha de Marajó, fortalecendo ainda mais essa pesquisa. Enquanto uma narrativa revela a vida do vaqueiro nos campos de Ponta de Pedras, a outra a exhibe no ambiente das terras de Cachoeira do Arari.

A escolha dessas obras literárias é justificada pela riqueza de detalhes etnográficos presentes nas narrativas de Jurandir, que oferecem uma visão profunda e multifacetada das experiências vividas pelo vaqueiro da Ilha de Marajó. Dessa forma, a literatura regionalista desse autor se torna uma valiosa ferramenta para complementar e enriquecer esta abordagem etnográfica, proporcionando um diálogo entre as duas áreas que, embora possuam matizes diferentes, se interseccionam na compreensão da cultura do vaqueiro marajoara.

Além dessas obras, foram consultados outros autores. Entre eles, Mariza Peirano (1995, p. 14), que distingue "uma curiosidade acerca da Antropologia como uma disciplina que abriga estilos (...) diferenciados e se mostra favorável à etnografia"; Oscar Calavia Sáez (2013), que aponta "as vias que ainda discutem acerca da Antropologia como ciência: a via Kuhn, a via Popper, a via Wittgenstein, onde afirma que as linhas das ciências humanas e inumanas não são paralelas". Além disso, ele discute que a palavra "ciência" é inadequada para um texto sério sobre Antropologia (p. 21).

Adicionalmente, foi consultada a tese *LAÇOS BRUTOS: Vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá* (2015), de Pedro Stoeckli Pires, que propõe um "aprofundamento etnográfico nas práticas de criação e relação com os búfalos em fazendas às margens do rio Araguari". Da leitura desse texto, extrai-se dois momentos importantes da introdução: o primeiro diz respeito ao encantamento do pesquisador

ao observar a relação entre o vaqueiro e o búfalo, dois seres desproporcionalmente diferentes, tanto em tamanho quanto em força bruta, mas que se respeitam e se ajudam mutuamente, evidenciando não apenas uma relação de trabalho, mas um laço simbiótico e cultural que ressalta o respeito e a colaboração entre dois seres tão diferentes.

O segundo revela um costume comum entre os vaqueiros da comunidade de Cima do Teso: as piadas e brincadeiras. Esse costume ilustra como o humor funciona como um marcador social, evidenciando hierarquias, habilidades e pertencimentos que estruturam as interações do vaqueiro de Cima do Teso. Mas ressalta-se que o vaqueiro marajoara não faz "piadas" com o vaqueiro mucufo; ele caçoa, faz *caçoada* da mucufagem e da falta de habilidade em dominar um cavalo marajoara, lidar com outros animais, tecer e cuidar dos arreios e acessórios de vaqueiro.

Além da tese mencionada no parágrafo anterior, foi consultada a obra *A Partilha da Vida* (1995), de Carlos Rodrigues Brandão, cujo título representa uma característica essencial do vaqueiro marajoara: a partilha. Partilhar é uma ação importante e necessária à subsistência da vida nas fazendas da Ilha, principalmente para as bandas localizadas distantes da cidade de Cachoeira do Arari. Mais do que uma prática ativa, a partilha simboliza os laços de solidariedade e interdependência que sustentam a vida e a cultura dessas comunidades. O vaqueiro do Marajó partilha: ciência empírica, coragem, resistência, resiliência, esforço, trabalho, alimento, açúcar, café, farinha, tradição, costumes; orienta, aconselha, educa e critica, sempre que necessário, mas sem faltar com o respeito à honra e à vida do outro vaqueiro. Essa postura revela uma ética própria da vida nas propriedades marajoaras, que valoriza tanto o bem coletivo quanto a dignidade individual. Apesar dessa obra fazer referência ao sudeste brasileiro, ela traz alguns pontos importantes para este estudo. Como, por exemplo, o seguinte trecho:

Todo o escrito tem uma história do que escreve. Quando ele é o resultado do que os antropólogos costumam chamar "uma pesquisa de campo", não é raro que a sua narrativa tome boa parte de uma "introdução". Não fugirei à regra e se verá a seguir que tenho os meus motivos (Brandão, 1995, p. 5).

A inclusão dessas perspectivas teóricas contribui significativamente para a

compreensão crítica e reflexiva dessa pesquisa, destacando a complexidade e a diversidade de enfoques que a antropologia pode abranger. Sob esse ponto de vista, foram ouvidas histórias sobre as encantarias desse lugar com as quais o vaqueiro se depara em seu dia a dia, observa, percebe, avista e narra, e, em certas ocasiões, dialoga, para integrar essas experiências aos objetivos deste estudo.

Dessa forma, a dualidade entre o tangível e o intangível, aspectos importantes para a vida do vaqueiro marajoara, torna-se mais evidente, principalmente quando ele comunica e narra os episódios que experiencia. Essas narrativas revelam como o vaqueiro marajoara se equilibra entre o mundo concreto e o imaginário, demonstrando a complexidade de sua existência. Portanto, entende-se que as lutas pela resistência do vaqueiro vão além da educação do campo, abrangem a luta pela valorização de suas práticas. Busca-se, assim, adotar uma postura “a favor da etnografia” (Peirano, 2015) da comunidade de Cima do Teso, compreendendo que "esse obscuro objeto da pesquisa" (Saez, 2013) é mais complexo do que se poderia imaginar.

Ainda tratando-se de uma abordagem etnográfica, em determinados trechos utilizei a figura de um narrador e de um observador-participante, que sou eu. Como narrador, busco organizar os acontecimentos e impressões de maneira coerente, traçando uma linha que guie o leitor através da narrativa. Nesse contexto, adoto uma voz que não só apresenta os fatos, mas também os conecta às interpretações e reflexões.

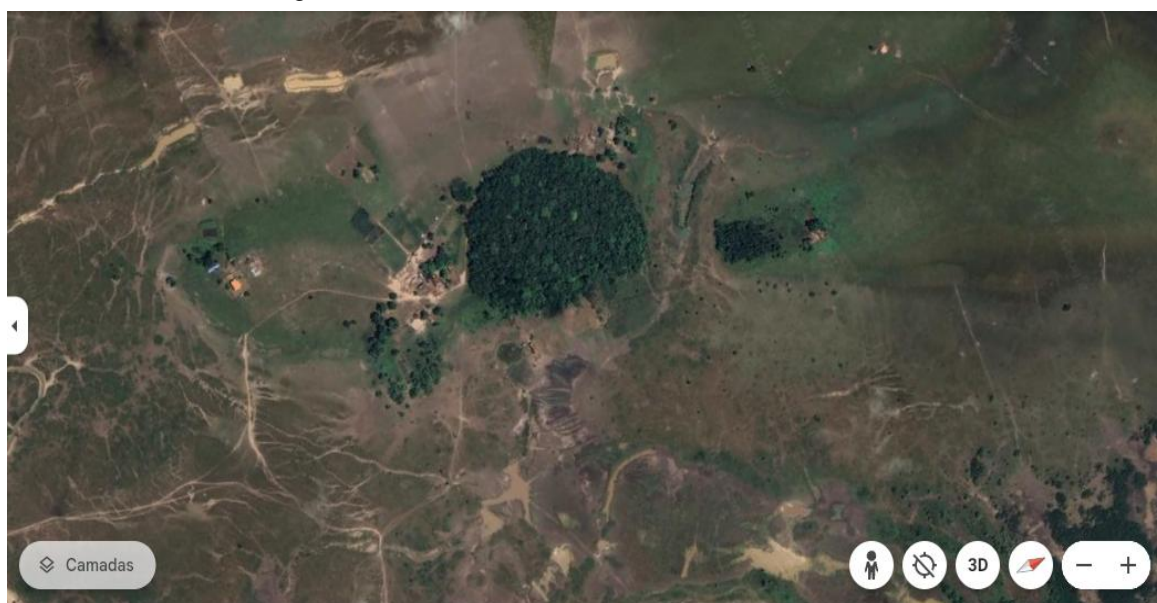
Por outro lado, como observador-participante, minha posição se torna mais imersiva. Ao me inserir diretamente no ambiente, experimento os eventos em primeira mão, permitindo que as nuances e os detalhes que apenas a vivência direta pode revelar ganhem espaço no texto. Essa dualidade - entre o narrador reflexivo e o observador inserido - enriquece o relato, trazendo um equilíbrio entre análise crítica e envolvimento pessoal.

Nesse contexto, Tibinho e Beá, vaqueiros marajoaras, assim como os filhos de seu Lavino e Dona Ana, especialmente Ivani Ribeiro e Raimundo Lucas Ribeiro, se tornaram figuras essenciais, pois ajudaram a explicar várias passagens e algumas histórias. Essas pessoas foram extraordinárias para esta construção, ora informando, ora ilustrando as narrativas que foram recolhidas durante as entrevistas realizadas em

diferentes momentos do dia, tanto na rotina de trabalho quanto em ocasiões informais, ao longo dos diálogos. Assim, procura-se conduzir um estudo que não se aproxime da literatura regionalista, mas que mantenha em foco as narrações que distinguem a comunidade de Cima do Teso e não deformam a vida do vaqueiro marajoara. Contudo, ressaltando aquele que reside e trabalha nas fazendas situadas "d'outro" lado do rio Arari, na Ilha de Marajó, como representante ativo dessa cultura singular.

Todavia, o título teve que ser ajustado para suportar o enfoque deste estudo e, assim, poder ser materializada junto à fazenda Mineiro e ao vaqueiro que habita a comunidade de Cima do Teso, composta pelas fazendas: São Sebastião, São João, Nossa Senhora de Fátima, Santa Maria, Mineiro e Lacre (figura 8). Nos diálogos com o vaqueiro dessas fazendas, com as quais há maior interação e com aquele que reside na cidade de Cachoeira do Arari, pode-se perceber que este é o núcleo urbano que os refugia desde o começo, oferecendo-lhes suporte social. Além desses, um reduzido número de vaqueiros aposentados pôde ser sondado, visto que muitos já faleceram.

Figura 8 – Fazendas da comunidade de Cima do Teso



Fonte: Acervo pessoal. Imagem obtida com aplicativo Georadar

O plano original previa a realização de até 24 entrevistas entre homens e mulheres. Contudo, as condições da viagem para a cidade de Cachoeira do Arari, localizada no coração do Marajó, dificultaram o alcance desse número. Viajei de

lança até a cidade, em uma jornada que durou quatro horas; respirando a fumaça do motor durante todo o trajeto. Ao chegar ao hotel, passei mal e não consegui ingerir alimento sólido, apenas alimentos líquidos.

Permaneci na cidade por dois dias e visitei a fazenda Mineiro. Apesar dessas dificuldades, as narrativas reunidas foram consideradas suficientes para a elaboração deste estudo. A coleta foi planejada inicialmente em formato semiestruturado, com um questionário contendo perguntas abertas para guiar as entrevistas. No entanto, devido às circunstâncias da viagem, essa ideia precisou ser ajustada, transformando as entrevistas em conversas informais. Esse ajustamento não prejudicou a coleta, pelo contrário, facilitou uma interação mais natural e espontânea com os participantes.

Dessa maneira, os informantes se achegaram e compartilharam as histórias que desejavam, além de outras particularidades sobre suas experiências nas propriedades rurais da Ilha de Marajó. Com essa estratégia, tanto a confiança como a clareza e os objetivos da pesquisa foram preservados, resultando em relatos expressivos sobre a ação de vaqueirar. O diálogo com os interlocutores foi de respeito e colaboração, permitindo uma coleta de dados rica e significativa.

Assim, pode ser criada uma relação de afinidade entre o pesquisador e os pesquisados, conhecidos como “o pessoal de cima do teso”, baseada em princípios de confiança e respeito mútuos. No entanto, houve um momento crítico ao chegar à porteira da fazenda Mineiro, devido à incidência de furtos e assaltos. Nesse instante, foi essencial lembrar e demonstrar que o interesse pela vida nas fazendas do Marajó permanece ativo. Assim, a empatia foi instaurada e fortalecida quando a senhora Dina, esposa do vaqueiro Cabo Zeca, me convidou a subir a escadaria da “casa grande” - uma estrutura elevada, tradicionalmente construída para armazenar as traças da fazenda, protegendo as tralhas, animais e vaqueiro da chuva e do sol. Oferecendo-me abrigo, um copo d’água e um café fresco, esse gesto me remeteu a um passado não tão distante e o convite parecia um sinal encorajador para iniciar uma conversa sobre esse lugar. Dessa forma, um diálogo teve início com a pergunta feita por Dona Dina: “é verdade que havia um cemitério de índios por aqui?”

Dessa forma, pode-se afirmar que essa forma de interação social e a dinâmica de aproximação ainda caracteriza o caboclo do Marajó como uma pessoa cordial.

Durante a visita à comunidade, tive a oportunidade de explicar o propósito da minha pesquisa, evidenciando um genuíno interesse pela vida do vaqueiro marajoara e pelos objetos que o cercam, mas com uma perspectiva diferente. Esse reconectar de origens, entre pessoas, humanas e não-humanas, após anos, foi fundamental para reavivar as memórias do campo e da fazenda, vividas em um tempo pouco distante. Isso valoriza os saberes tradicionais e as práticas cotidianas do vaqueiro.

Na condição de herdeiro dessa herança cultural, passei a recordar o comportamento dos animais e os sinais que a natureza desse lugar continua a oferecer, os quais orientam e conduzem a vida do vaqueiro da Ilha de Marajó. Essa experiência foi crucial para lembrar a importância de avaliar as intenções de uma visita antes de aceitá-la; não apenas em um contexto cercado por assaltos, furtos, roubos e ameaças, mas também considerando o sujeito social que permitiu essa interlocução consciente do caráter desta pesquisa.

Diante dessa situação, foi necessário adotar novas abordagens para contactar o vaqueiro em seu habitat e reunir dados adicionais. Utilizando-se, assim, recursos de chamadas de vídeo e interações pelo WhatsApp, o que possibilita reunir de forma mais abrangente as informações necessárias sobre a vida do vaqueiro marajoara. Essa estratégia permite um contato mais próximo com o vaqueiro Cabo Zeca, feitor da fazenda Mineiro, além de possibilitar explorar outras fazendas como a fazenda que, por exemplo, se localiza na região de dentro da cerca, um pouco mais afastada, onde é possível conversar com o vaqueiro João Balá, feitor da Flecheira. Dessa forma, mais memórias puderam ser recuperadas.

Na cidade de Belém, aconteceram diálogos com os filhos do vaqueiro Lavino, uma figura icônica para os vaqueiros dessa região do Marajó, que já partiu. Eles ainda trazem à tona diversas recordações e experiências das vivências deles pelas fazendas marajoaras, por onde seu Lavino viveu e trabalhou, especialmente do Mineiro, Vencedora, Progresso, Lavrado, São Vicente, São João, Cururu, Livramento, Tuiuiú e São João do Arari. Essas lembranças foram essenciais para dar luz às experiências e obstáculos que, quando analisados de maneira crítica, podem revelar como se desenvolveu a vida do vaqueiro marajoara no outro lado do rio Arari, desde o princípio.

Sendo assim, puderam ser recordadas as filosofias singulares construídas, nas propriedades rurais, pelo vaqueiro marajoara que o tornam resistente, corajoso e resiliente: "é de pequeno que se faz o grande"; "lugar onde filho chora e mãe não ouve, nem vê"; "cavalo bom se faz com o tempo e treino"; "nesta terra, mucufo não se cria"; "o meu salário não é folha de mangueira", entre as várias expressões criadas por ele. Dessa forma, ficou evidente que o vaqueiro marajoara, além de cultivar uma filosofia particular e uma sabedoria relacionada ao campo, é um excepcional contador de histórias e formulador de frases impactantes, utilizadas tanto em proveito próprio quanto para motivar outro vaqueiro a enfrentar os desafios cotidianos do trabalho nas fazendas, conforme ele costumeiramente enuncia: "de peito aberto".

Nesse contexto, é correto afirmar que as abordagens adotadas demonstram eficácia e pertinência aos fins propostos, o que serve para assegurar a verdade da vida do vaqueiro da Ilha de Marajó e a confidencialidade dos diálogos construídos, preservando a maneira como ele compartilha suas experiências diárias, além de considerar a forma de se expressar e a interpretação das pessoas daquela localidade. As interações naturais preservam a integridade de muitas informações.

Portanto, pode-se concluir que a metodologia aplicada é fundamental para reunir essas pessoas de maneira respeitosa e de modo autêntico, superando as diversas barreiras para coletar as informações que buscava. Desse modo, puderam ser ouvidas diversas histórias acerca da vida do vaqueiro marajoara e dos vários ambientes "d'outro" lado do rio Arari. Essas histórias revelam a autenticidade do vaqueiro marajoara, mas também ressaltam a riqueza cultural e natural da região, como será visto no tópico sobre a Ilha de Marajó.

O arquipélago do Marajó, localizado na desembocadura do Rio Amazonas, no Estado do Pará, é uma região diversa. É considerado o maior arquipélago fluvial e marinho do planeta, cercado por rios e mar, como informado pela Secretaria Estadual de Turismo do Pará (SECTUR/Pará, 2016).

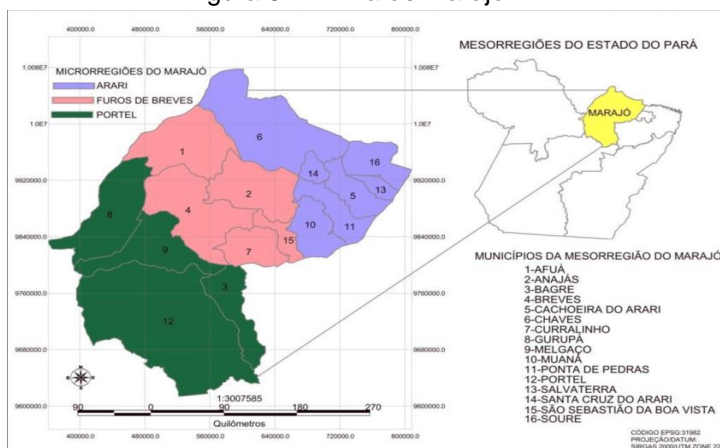
SOBRE A ILHA DE MARAJÓ

Com área superior a 49.000 km², dividida em 16 municípios: Afuá, Anajás, Bagre, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curralinho, Gurupá, Melgaço, Muaná,

Ponta de Pedras, Portel, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure (figura 9). E como destacado por Marinete Boulhosa (2017, p. 5), esse ilhéu "é um dos principais fornecedores de produtos extrativistas, frutíferos, pesqueiros, agrícolas e pecuários para a capital do estado", Belém. De acordo com o Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR-Bio):

A Área de Proteção Ambiental (APA) Arquipélago do Marajó é uma Unidade de Uso Sustentável que abrange uma grande diversidade de ecossistemas, incluindo florestas, campos alagados, mangues e savanas. Esses ecossistemas são gerados em grande parte pelo complexo sistema de marés da região, pelo clima e pelas chuvas. A vegetação do Arquipélago do Marajó inclui espécies típicas da Amazônia, como a piquiarana (*Caryocar glabrum*), cedro (*Cedrela odorata*), tauarí (*Couratari multiflora*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), maçaranduba (*Manilkara huberi*), castanheira (*Bertholletia excelsa*), ucuúba (*Viola surinamensis*), açaí (*Euterpe oleraceae*) e buriti (*Mauritia flexuosa*). A fauna marajoara destaca-se por abrigar espécies marinhas e de água doce, apresentando grande diversidade de animais terrestres e aquáticos (IDEFLOR-Bio, [2023]).

Figura 9 – A Ilha de Marajó



https://www.researchgate.net/figure/Figura-01-Mapa-da-Ilha-do-Marajo-PA_fig1_346718868

A APA Arquipélago do Marajó é formada pelos seguintes municípios: Afuá, Anajás, Breves, Cachoeira do Arari, Chaves, Curalinho, Muaná, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, São Sebastião da Boa Vista e Soure, de acordo com o portal Socioambiental (<https://uc.socioambiental.org>). A geografia desse lugar reflete uma fauna e flora diversificadas, atributos que proporcionam um caráter multifacetado, repleto de contrastes e dualidades que atraem visitantes de várias partes do mundo. Tal como o padre italiano Giovanni Gallo, jesuíta que expressou sua admiração pela

ilha de Marajó na obra *Marajó, a ditadura da água* (2015), ressaltando seu entusiasmo da seguinte forma:

O que é o Marajó? É uma coisa linda, é uma parada! A gente pode colecionar todos os termos que indicam maravilha, entusiasmo, encanto, admiração mais um pingo de mistério, depois mistura-os num liquidificador para conseguir algo que não pode ser definido, simplesmente porque é fora de série (Gallo, 2015, p. 29).

A microrregião marajoara mencionada neste estudo é caracterizada por uma paisagem que abrange zonas de floresta amazônica e campos, ou como diz Agenor Sarraf-Pacheco (2009, p. 23), é conhecida como o “Marajó dos campos”. Muitas áreas nessa região ficam alagadas durante boa parte do ano, devido às chuvas e à inundação dos rios e igarapés. Esses cursos de água funcionam como rotas de transporte, tanto para água e sedimentos quanto para pessoas, percorrendo toda a extensão da Ilha até se juntarem a rios maiores, como o Amazonas, Pará, Tocantins e Araguaia. Essa extensa rede de águas é fundamental para a vida e para a cultura das populações locais. O acesso à região do rio Arari, que compõe o lócus deste estudo, é feito por lancha, barco (figura 10), *ferry boat* ou avião.

Figura 10 – Barco São Sebastião do Arari



Fonte: Marli Braga Araújo

Durante o período colonial, é possível que esses cursos de água tenham facilitado a fuga de escravos das fazendas para se abrigarem no interior da ilha, o que

pode ter favorecido a formação de aglomerados sociais como o quilombo Japú, comunidade que fica no lado esquerda do rio Arari. Nesse sentido, extrai-se do estudo de Agenor Sarraf-Sarraf-Pacheco, que:

o emaranhado de rios que desenham percursos por dentro da floresta Amazônica, os quais ligam os Marajós a Belém, Macapá, fronteira com a Guiana Francesa, também foram espaços para entradas e fugas de africanos no Grão-Pará. Oriundos dos grupos bantos e sudaneses, nações de Angola, Congo, Bengueja, Bareua ou Bara, Bijagó, Cabinda, Carabá ou Calabar, Caçanje, Fulupe, Guiné, Lalor ou Lalu, Mina, Mandinga, Malhi, Macuá ou Macua, Moçambique, Pabana ou Babana, espraimam-se por todo arquipélago, fossem trabalhadores de fazendas, pescadores, agricultores, caçadores, ou ferreiros, carpinteiro, marceneiros, escultores, vivendo em mocambos e quilombos escondidos entre rios e florestas (Sarraf-Pacheco, 2009, p. 58).

Além da exuberância natural, essa parte da Ilha de Marajó se destaca por sua herança cultural e literária. Nesse contexto, a microrregião do Arari está imortalizada na literatura de Dalcídio Jurandir pelas obras *Marajó*, *Chove nos Campos de Cachoeira* e *Três casas e um rio*, que retratam os hábitos da sociedade marajoara. Ao longo do tempo, essa ilha foi habitada por diversas etnias, incluindo Aruãs, Cajuais, Marauanás, Sacacas, Araris, Anajás, Muanás (Sarraf-Pacheco, 2009, p. 58) e Marajoaras, e outros povos, que são reconhecidos pelos moradores de todo o arquipélago como os povos ‘mistérios’ ou ‘povos dos fundos dos rios, lagos e igarapés’ que, conforme dizem os vaqueiros mais velhos, são chamados de caruanas ou caruanes (Lima, 2002). De acordo com Agenor Sarraf-Pacheco:

Na dinâmica marajoara, populações locais sempre sensíveis e sintonizadas aos mistérios da floresta amazônica, produziram inteligíveis modos de vida e trabalho, os quais vêm permitindo-lhes dialogar e respeitar temporalidades dos indissociáveis reinos: humano, vegetal, animal e mineral garantidor do sustento de seu dia-a-dia (Sarraf-Pacheco, 2009, p. 50).

Sendo assim, o vaqueiro da Ilha de Marajó pode ser considerado herdeiro desse patrimônio antropológico de grande significância cultural, especialmente no que diz respeito à sua relação com a renomada cerâmica marajoara, reconhecida como a principal manifestação da arte pré-colombiana na América do Sul. Essa conexão se dá não apenas por meio da história da região, mas também pela forma como os vaqueiros marajoaras preservam e transmitem saberes tradicionais, fortalecendo sua

identidade cultural. Segundo a Instituição Caruanas do Marajó Cultura e Ecologia, “os Sacacas ou pajés eram os guardiões do conhecimento sobre plantas medicinais, ervas e cipós, transmitidos oralmente de pai para filho através de histórias e narrativas míticas”. Embora não tenham sido identificadas características de outras populações indígenas, a influência das populações indígenas marajoaras se faz presente na cultura local, especialmente na forma como os vaqueiros incorporam práticas e conhecimentos ancestrais em seu cotidiano.

[...] dominavam a técnica de horticultura na floresta e desenvolviam a agricultura itinerante, com queimada e derrubada de árvores. Hábidosos arquitetos, os marajoaras faziam aterros artificiais para erguer suas casas nas épocas de cheia. O maior legado desse povo, que desapareceu por volta do ano de 1.300, foi a estilizada cerâmica marajoara. São vasos, jarros, pratos, utensílios de cozinha e urnas funerárias ricamente enfeitados com curiosos desenhos - o mais comum é o de uma serpente, representada por espirais. As peças mais antigas datam de 980 a.C. e podem ser apreciadas nos museus do Marajó, em Cachoeira do Arari, e no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém (Instituto Caruanas do Marajó Cultura e Ecologia).

A partir da chegada dos europeus no século XVII, a história da Ilha de Marajó se conecta à figura do vaqueiro marajoara. A introdução do gado bovino na região, ocorrida durante esse século, foi fundamental para que ele se tornasse uma base essencial para a economia e cultura locais.

Figura 11 – Puruca do Marajó



Fonte: Marciel Morais

Dessa forma, ele desempenhou um papel crucial na criação e aprimoramento do gado bovino, do búfalo e do cavalo marajoara, especialmente no melhoramento e

fomento da raça puruca do Marajó (figura 11), que, segundo o Portal Compre Rural (www.comprerural.com), sofre risco de extinção. Esse puro-sangue marajoara é um animal de altura intermediária, entre o pônei e o cavalo marajoara, que mantém uma grande resistência. Além disso, o vaqueiro marajoara é responsável pela manutenção e evolução das fazendas na Ilha de Marajó.

A existência do vaqueiro, portanto, está intrinsecamente ligada ao cenário rural dessa Ilha da Amazônia paraense, caracterizada por amplas áreas de campos abertos, tesos; áreas de várzeas, rios, igarapés, areais movediços (areias-gulosas) e terruadas³. No dia a dia, esse profissional desenvolve uma variedade de tarefas fundamentais, como o manejo do gado bovino e bubalino; conservação de cercas, currais e mangas; amansação de cavalos; domesticação de búfalos e treinamento do cavalo marajoara para as atividades das fazendas, os chamados ‘cavalos de serviços’. Além disso, seleciona, doma e treina alguns desses cavalos, os mais resistentes, para as provas de argolinha, corridas de tiro rápido, maratonas e festividades típicas que acontecem nos municípios de Cachoeira do Arari, Muaná, Ponta de Pedras, Santa Cruz do Arari, Soure e Salvaterra.

Além das práticas pecuárias, o vaqueiro marajoara do outro lado do rio Arari se empenha em manter várias tradições que fazem parte da rica herança cultural local. Entre essas tradições, a culinária se destaca, com pratos típicos feitos a partir de peixes, carnes e frutas locais, como a farofa do frito do vaqueiro (figura 12); a canhapira⁴, bacaba com carne seca, pirão escaldado⁵, cardote apimentado (caldo de peixe), mingau de arroz com leite de búfala e caldo de espinhaço⁶ com qualhera. Além dessas, há outras manifestações culturais que incluem competições, maratonas,

³ Deformações visíveis, geralmente buracos pequenos, da terra molhada e enlameada originadas pelas pisadas de diferentes animais (cavalos, búfalos e gado bovino); ressecadas pelo sol; geralmente pontiagudas, que dificultam o caminhar de pessoas e animais, no período do verão.

⁴ Vinho, extremamente gorduroso, do tucumã, que fervido por vários dias (entre 3 e 4) com carne seca e tempero à gosto. É servido misturado à farinha da baguda.

⁵ Caldo de passarão (jaburu), cau-uá-uá (ave parecida com o jaburu), geralmente temperado com sal, limão e pimenta malagueta, que é servido misturado à farinha da baguda.

⁶ Coluna vertebral do boi abatido, cortado em pedaços pequenos, cozido misturado ao intestino grosso, com sal e limão. O vaqueiro marajoara o considera fortalecedor e afrodisíaco.

corridas de cavalos como a Copa do Mundo (figura 13), além do mastro de São Sebastião (figura 14), rodas de carimbó, lundu, dança do vaqueiro e da luta marajoara que celebram as raízes e a identidade das pessoas que habitam a região.

Figura 12 – Frito do vaqueiro marajoara



Fonte: Marli Braga Araújo

Figura 13 – Disputa da Copa do Mundo



Fonte: Marciel Moraes

No contexto atual dessa região da Ilha de Marajó, o cotidiano do vaqueiro tem sido alterado por fatores exógenos e endógenos; sociais e econômicos. Mudanças climáticas, como a intensificação do verão e do inverno, têm impactado diretamente a vida da gente das fazendas. A redução das poucas oportunidades de trabalho nas propriedades rurais e o acesso às novas tecnologias fizeram com que o vaqueiro marajoara se adaptasse a uma nova realidade. Em razão disso, as corridas de cavalos foram intensificadas.

As corridas de cavalos marajoaras disputadas entre fazendas, por exemplo, que aconteciam uma vez por ano, no campo de aviação da cidade, agora acontecem mês a mês, o que serve para manter a vivacidade desses eventos festivos e impulsionar a economia local, da cidade e das comunidades do entorno de Cachoeira do Arari (Raimundo Aurélio, janeiro/2024).

De acordo com o Raimundo Aurélio, 'Catrafo', "em Cachoeira, no campo de aviação foi construída a arena do vaqueiro" para organizar as disputas e as corridas de cavalos, o que provocou o surgimento do 'jôquei' que "é o vaqueiro desempregado, de baixa estatura e peso, morador da cidade, que é pago para montar um cavalo e participar das disputas" (Raimundo Aurélio, janeiro, 2024). Uma consequência dessa "evolução" é que a raça pura do cavalo marajoara perde 'cancha' para outras castas, como a raça árabe, criada nos quintais das casas na cidade e a ameaça de extinção sofrida pelo cavalo da raça puruca do Marajó, esclareceu Catrafo.

Figura 14 – Mastros do Bastião



Fonte: Marli Braga

Apesar dessa intromissão, algumas propriedades ainda se dedicam a treinar seus animais cavalares para as competições mais aguardadas do mês de janeiro. A corrida Bastião passou a ser chamada de 'copa do mundo', separada por categoria de raças e criação, incluindo a raça de cavalo puruca marajoara ou puruca do Marajó. No outro lado do rio, essa raça de cavalo marajoara surgiu na fazenda Mineiro, onde foi aprimorada ainda na época do seu Lavino e continua com o vaqueiro Cabo Zeca. A partir desse lugar, ela se espalhou para outras fazendas da região e para a cidade. Os primeiros exemplares dessa raça de cavalo foram a 'cordoninha' e o 'king', que era o preferido do vaqueiro Tibinho que, segundo ele, "formavam uma dupla perfeita".

A presença do 'jóquei' (figura 15) na Ilha de Marajó parece não ter gerado grandes danos à cultura local, pois enaltece as narrativas sobre o vaqueiro marajoara, se tornando assunto das conversas nos bares e, principalmente nas reuniões de amigos, que acontecem no pau do fuxico, um ponto de encontro tradicional da cidade de Cachoeira do Arari. Da maneira como foi inserida, a figura do 'jóquei' contribuiu para a exaltação das tradições centenárias que envolvem o vaqueiro da Ilha de Marajó e as competições de longas distâncias e corridas rápidas, que têm raízes na história da fazenda Mineiro, porém de maneira distinta de como acontecem as disputas atuais.

Figura 15 - Jóquei marajoara



Fonte: Marciel Morais

Embora a proteção das práticas culturais históricas do vaqueiro da Ilha de Marajó seja fundamental, é valioso conhecer que elas sofrem constantes mudanças. Isto faz surgir outras perspectivas acerca dos costumes e das tradições que o identificam, especialmente aqueles que habitam as fazendas da comunidade de Cima do Teso. Essa dinâmica pode promover um diálogo mais abrangente acerca dessa identidade cultural, cujas origens estão ligadas às fazendas que compõem essa comunidade. Assim, ele busca assegurar a continuidade dessas expressões culturais, que são patrimônio da cidade de Cachoeira do Arari, na Ilha de Marajó, e, portanto,

do Brasil, representadas pelo vaqueiro marajoara.

Nesse cenário, onde as histórias retratam as experiências vívidas do vaqueiro, pode-se inferir que a resistência dele foi moldada na criatividade daquele mais antigo. A dedução sobre essa ancestralidade permite dizer que as raízes desse 'caboclo' se conectam às lendas e aos 'lugares não certos'⁷, o que enriquece as narrativas criadas pelas mentes inventivas do vaqueiro marajoara de outras épocas. Historiólas sobre 'seres encantados' podem ser encontradas em várias fazendas da região, muitas delas cunhadas à noite sob a luz da lua ou sob o sereno da madrugada, quando a neblina se torna mais espessa, como será visto no tópico sobre o 'Xixá do Carro', mais adiante. Essas histórias também seguem o curso das águas dos igarapés e rios que cercam esses lugares, bem como as estradas, as matas e os campos que os nomeiam desde diferentes épocas e formas.

Acerca do nome Marajó, segundo relatos do vaqueiro mais antigo, tem origem na palavra tupi "Mibaraió", "Mybaraió" ou "Mbara-yó", que em português brasileiro, da região estudada, alude a "proteção da Ilha" em relação ao mar, ou à "barreira do mar", na língua Tupi (Rabelo; Dos Santos Neves, 2014). Mas isso é de se ouvir falar, de o vaqueiro repetir as narrativas antigas feitas pelos primeiros vaqueiros. No entanto, para os poetas e trovadores cachoeirenses, que usam o dialeto "caboclo marajoara", essa ilha é vista como a "barreira do mar". De acordo com Pe. Giovanni Gallo (2015, p. 125), em sua obra "Marajó, a ditadura da água", o Marajó é descrito como um emaranhado de caminhos aquáticos, constituído por dédalos de igarapés (igará-apé), que são os "caminhos da canoa", simbolizando a "dona da água", ou "superior à água", como descrito em sua obra. O Marajó seria, então, o "emaranhado de caminhos aquáticos da dona da água". Essas designações são celebradas na poesia de André Nascimento, musicalizada pelo "grupo de carimbó Sancari, pau e corda original", enfatizando o aspecto "mítico e lendário" que envolve a natureza da Ilha de Marajó, bem como a vida desse "caboclo", que é o vaqueiro marajoara.

No contexto da comunidade de Cima do Teso, a palavra 'caboclo' é usada para designar o pessoal que trabalha nas fazendas 'embrenhadas" no interior da Ilha

⁷ Lugares onde as encantarias se manifestam de alguma forma.

de Marajó. Acerca desse assunto, são pessoas que apresentam uma maneira de falar calma, pausada, no entanto, austera, socada, forte e imperativa, como se estivessem interagindo constantemente com bichos, animais com os quais lida. Talvez, por isso, autores externos tenham informado que é um termo “utilizado, originalmente, pelos grupos indígenas que viviam na costa para designar os grupos que viviam no interior” (Pace, 2006, p. 2). Porém, no cenário marajoara, interior não são as cidades ou núcleos urbanos, mas as fazendas, pois nestas o vaqueiro também conversa, dialoga e discute tanto com pessoas, quanto com os bichos que cuida, como se estivessem no mesmo nível de entendimento.

Assim sendo, a palavra "caboclo" pode ter surgido como um adjetivo negativo e peculiar no interior da Amazônia brasileira. É utilizado para identificar o vaqueiro que fala "cabuco", "caboco" ou que utiliza o linguajar "cabocado", falado no interior da Ilha de Marajó. Estudos sobre a linguística regional, como o trabalho sobre *A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico* (Lima, 1999), sugerem que a palavra "caboclo" tem raízes na língua tupi e foi adaptada ao português brasileiro ao longo do tempo. Por ser uma interpretação sugerida, difere um pouco da conclusão de Richard Pace (2006, p. 82): “o uso mais comum da palavra é feito pelas pessoas que não se reconhecem como ‘caboclos’ e utilizam o termo para designar pessoas percebidas como de condição social inferior”. Todavia, no caso do vaqueiro marajoara, é uma honra enorme ser tratado assim e não como “ribeirinho”, porque: “vaqueiro é vaqueiro e ribeirinho é ribeirinho”.

Além disso, a microrregião do Marajó, apresentada neste estudo, revela uma paisagem diversificada, permeada por uma vasta rede de igarapés, rios e pequenas ilhas: Çalito, Tuiuiú, Igarapé do Santo Antônio, Igarapé das Almas, Igarapé do Limpo Grande e o velho Rio Tarumã; este último na região do Cuberto. Além das Três Ilhas, Ilha Nova, Castanheira e Enseada, que cercam ou delimitam propriedades, ranchos e retiros. Também há açudes criados pelas “dragas da Federal”⁸, segundo o testemunho do vaqueiro aposentado Raimundo Aurélio; e braços de igarapés formados tanto por

⁸ Máquinas levadas para a cidade de Cachoeira do Arari que ficaram conhecidas como “máquinas da Federal” por causa da origem.

animais quanto por homens. Nesse cenário, a expressão 'ilha' deve ser entendida como porções ou fragmentos de vegetação, isolados ou dispersos e autônomos, com seu próprio ecossistema, distribuídos pelos campos, que podem ter origem nas atividades humanas de outras épocas. Sendo também conhecida como "rebolada".

Dessa forma, desde as cerâmicas mais antigas já descobertas até os costumes e práticas atuais do vaqueiro marajoara, cada elemento da vida nas propriedades rurais dessa região da Ilha de Marajó revela uma narrativa e uma adaptação singular. Essa continuidade é confirmada pelos próprios vaqueiros e moradores da comunidade, que reconhecem a importância de preservar suas tradições e modos de vida, transmitindo conhecimentos de geração em geração.

Contudo, é importante ressaltar que esse legado enfrenta desafios consideráveis, que vão desde a escassez de infraestrutura social até a pressão acerca do uso e da exploração dos recursos naturais, fatores que comprometem a sustentabilidade e a perenidade da vida do vaqueiro e das tradições da comunidade de Cima do Teso. Ainda assim, os relatos dos vaqueiros demonstram um esforço contínuo para manter suas práticas vivas, adaptando-se às mudanças sem perder sua identidade cultural.

A compreensão desse assunto implica reconhecer o valor da cultura do vaqueiro, que se sustenta sobre o tesó. Mas essa valorização não deveria ser vista apenas como um interesse econômico, acadêmico ou científico, mas também como uma responsabilidade ética, cultural, social, moral e ambiental. Ao compreender a relevância desse trabalhador e sua ligação com os ecossistemas da Ilha de Marajó, torna-se clara a urgência de apoiar a manutenção e fortalecimento da identidade desse grupo social, assegurando que as próximas gerações possam usufruir dessa inestimável herança. Assim sendo, esta pesquisa pode representar um avanço significativo rumo a uma compreensão mais profunda e enriquecedora da vida do vaqueiro marajoara.

Ao explorar as tradições e os costumes do vaqueiro de outras épocas, busca-se enriquecer o entendimento sobre a cultura rural da Ilha de Marajó, da Amazônia e do Brasil como um todo. Além disso, busca-se fomentar um diálogo mais amplo, profundo e urgente sobre a relevância da conservação desse patrimônio cultural e

ambiental que faz parte da Ilha de Marajó. Embora o tempo do homem e da mulher marajoaras tenha suas peculiaridades, como destacou o padre Giovanni Gallo em sua obra, é essencial valorizar essa particularidade dos campos da Ilha de Marajó, conforme ressaltado na obra *Marajó, a ditadura da água*:

O nosso tempo não é o tempo de São Paulo, nem de Belém. O nosso tempo é feito de espera. A gente já nasce fora do cronograma. Se Deus quiser, o bebê vai nascer no fim do mês. Será? Não é de estranhar se nasce antes, no barco da linha, no meio da baía alvoroçada. Pode ser que a mamãe, em Belém, vá ficar umas semanas, um mês, até que chegue a hora H (Gallo, 2015, p. 29).

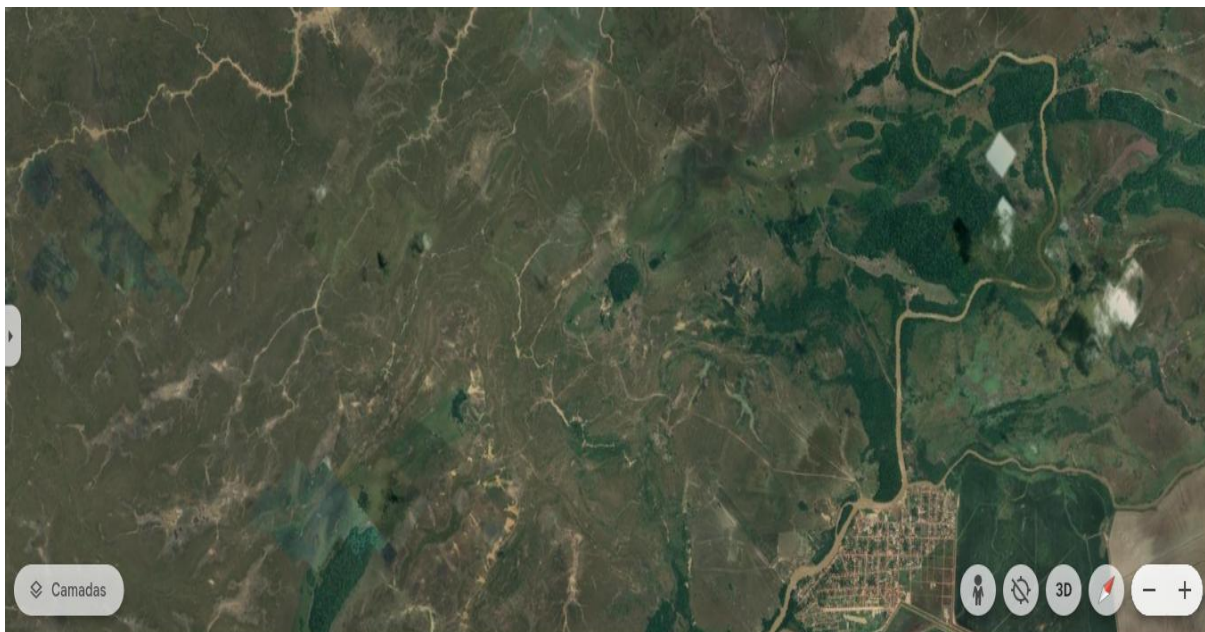
Nesse sentido, é evidente que, para avançar nesta jornada de descobertas e aprendizados sobre a vida do vaqueiro marajoara, é crucial ter em mente que muitos aspectos culturais dessa região não devem ser observados de maneira apressada. Já que esse lugar abriga diferentes formas de vida que utilizam a terra, as matas e os rios de maneiras distintas; aproveitando os campos, a natureza e os recursos naturais de maneira respeitosa para garantir a sobrevivência. Essa ilha é, pois o lar de inúmeras espécies, seja de plantas, animais e pessoas, que, na percepção do vaqueiro marajoara, desempenham papéis diferentes na dinâmica do ecossistema marajoara da comunidade de Cima do Teso. Portanto, é essencial abordar essas questões com a sensibilidade e o respeito necessários para que sejam encontradas soluções que favoreçam o desenvolvimento sustentável e o equilíbrio do bem-estar, principalmente daqueles comunitários.

Sendo assim, no capítulo seguinte será exibida a caracterização da Fazenda Mineiro, incluindo alguns vaqueiros notáveis que são lembrados com zelo e respeito. Além disso, serão discutidas algumas práticas culturais, bem como algumas rotinas do vaqueiro, proporcionando uma visão aprofundada de como ele mantém viva sua tradição e se adequa às mudanças que ocorrem. Esta análise permitirá compreender melhor a importância da existência do vaqueiro marajoara na preservação da cultura local e seu papel como guardião desse patrimônio cultural.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A FAZENDA MINEIRO

Figura 16 – Localização da fazenda Mineiro



Fonte: Acervo pessoal. Imagem obtida com aplicativo Georadar

No início deste capítulo, descrevo a Fazenda Mineiro (figura 17 [p. 52]), localizada no município de Ponta de Pedras, a aproximadamente 4,5 km da beira do rio e da cidade. Esse ambiente tem como referência Cachoeira do Arari porque partilha com essa cidade as tradições que se interligam através das duas bordas do rio Arari. A história de ambas as localidades cresceu entrelaçada pelas narrativas que ressaltam a vida do vaqueiro, bem como as lendas, os mitos e os encantos que abrigam saberes, costumes e tradições, desde o surgimento das primeiras fazendas. Essas memórias continuam a influenciar a vida contemporânea da região, preservando a identidade cultural única de Ponta de Pedras e Cachoeira do Arari.

As lendas, mitos e encantos que fazem parte da cultura marajoara são fundamentais para a transmissão do conhecimento tradicional e para a construção da identidade local. As lendas misturam fatos históricos com elementos fantásticos e são passadas adiante através das gerações, tornando-se parte da memória coletiva do vaqueiro marajoara. Os mitos, por outro lado, têm um caráter mais simbólico e ajudam a interpretar fenômenos naturais, crenças e rituais que estruturam a visão de mundo

da comunidade. Já os encantos estão ligados à dimensão mística e mágica do cotidiano, manifestando-se em relatos sobre lugares, pessoas ou eventos que carregam significados especiais dentro da tradição marajoara.

Figura 17 – Sede da fazenda Mineiro



Fonte: Mauro Gama

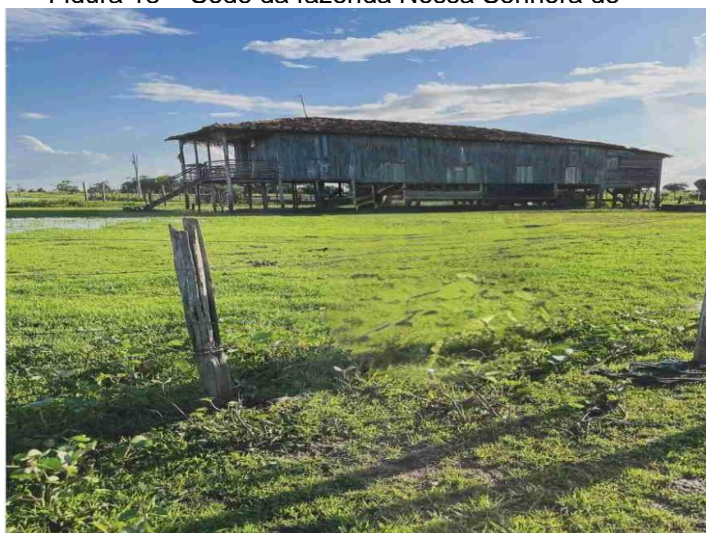
Para o vaqueiro marajoara, esses saberes não vêm da academia ou dos livros, mas da vivência e da oralidade. Tudo o que ele sabe vem da experiência direta, da observação do ambiente e dos ensinamentos transmitidos entre gerações. Esse conhecimento empírico é o que sustenta sua identidade cultural e sua relação com o território, com os animais e com os demais membros da comunidade. Assim, lendas, mitos e encantos não apenas preservam a história da região, mas também orientam o vaqueiro em sua forma de ver o mundo, conectando passado e presente e garantindo que suas tradições continuem vivas.

Para justificar a inclusão destas informações, é fundamental revisitar os registros históricos de Cachoeira do Arari e localizar o Senhor Cândido Sabino da Gama, bisavô dos atuais proprietários, cuja história se tornou crucial para a contextualização desta pesquisa. Sua importância política e seu trabalho na pecuária local associam seu nome à história da cidade, sendo reconhecido como um fazendeiro proeminente. Ele é lembrado como um bem-sucedido criador de gado na Ilha de Marajó desde os primórdios da cidade de Cachoeira do Arari. Tanto que seu nome está incrustado na história cachoeirense. Com essa trajetória, pode-se afirmar que sua influência foi expressiva, especialmente em relação à vida rural e à criação de

animais, como búfalos, gado bovino e, principalmente, o cavalo marajoara.

Os descendentes do senhor Cândido Sabino da Gama fundaram a Fazenda Vitória nas proximidades do rio Anajás Mirim, que banha parte das propriedades de dentro da cerca, na direção do município de Anajás, e a Fazenda São José, localizada à margem direita do rio Arari, em frente à cidade de Cachoeira. Dessa forma, ele teve um papel crucial no progresso da área, criando um legado que ainda se mantém. As propriedades que estabeleceu foram divididas entre seus descendentes. As terras adjacentes ao rio Arari, incluindo a Fazenda São José, que tinha como vaqueiro o senhor João Medeiros, ficaram com Dona Heloísa Gama. As propriedades do Anajás e da Nossa Senhora de Fátima, construída em cedro rosa há mais de 80 anos (figura 18), próximas ao teso, que estavam sob os cuidados do senhor João Vitorino, foram herdadas pelo senhor João Cândido Gama. As terras do São Sebastião, que tinha como vaqueiro o senhor Acico Vara, foram legadas à Dona Cecília Gama. As terras do Rancho, cujo vaqueiro era o senhor Lavino Ribeiro, foram herdadas por Dona Pequenina Gama. Uma parte das terras, localizada próximo ao rio Arari, em frente à cidade, onde está a Vila do Vavá, ficou com o senhor Vavá Borges Bí, que também era herdeiro.

Figura 18 – Sede da fazenda Nossa Senhora de



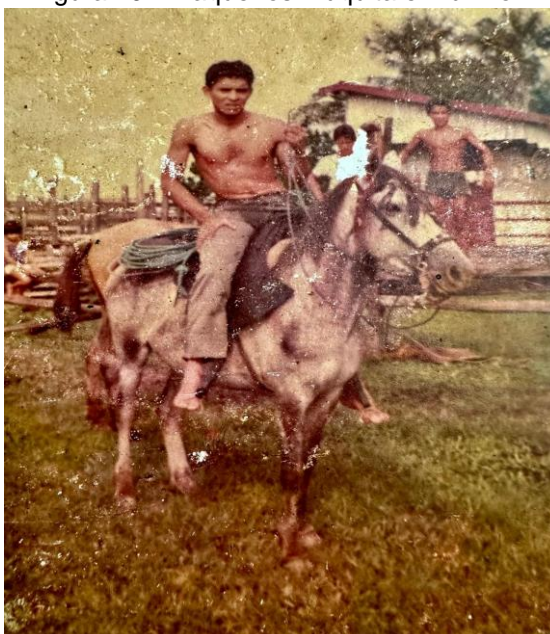
Fonte: Bárbara Marques

Com a repartição das terras e a apropriação pelos “brancos”, como eram denominados os proprietários nessa época, começou-se a instrumentalização do

rancho, nome dado à pequena construção onde eram guardados os utensílios da Fazenda São Sebastião e abrigados os planteis de bodes e carneiros. No início da década de 1970, Dona Pequenina (in memoriam) e seu Lavino (in memoriam) dialogaram sobre os arreios necessários e mais urgentes. Durante essa conversa, seu Lavino comentou que o modelo de sela mais apropriado para essa região seria o 'mineiro'. A partir de então, esse acessório passou a ser utilizado pelas pessoas do rancho. Contudo, a origem do termo é desconhecida.

Por ser uma expressão pouco comum, essa palavra despertou a curiosidade de Tibinho e Diock, filhos pequenos de seu Lavino à época. Durante suas brincadeiras de criança, eles combinaram esse termo com o nome da fazenda principal, São Sebastião. Em suas brincadeiras infantis, eles se consideravam vaqueiros da Fazenda São Sebastião do Mineiro. Com o passar do tempo, essa nomenclatura foi consolidada e passou a ser usada nas mensagens transmitidas pelas ondas das rádios de Belém, no programa 'Alô! Alô, interior!'. Para se desvincular da vizinha São Sebastião, essa propriedade passou a ser chamada de Mineiro. Com a identidade definida, a Fazenda Mineiro ganhou destaque na criação de cavalos das raças marajoara e puruca do Marajó, além de gado comum e búfalos mestiços das raças murrá, jafarabadi, carabao e mediterrâneo.

Figura 19 – Vaqueiros: Luquita e Tibinho



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Ao longo dos anos, graças ao desempenho do senhor Lavino, bem como ao apoio de sua esposa Dona Ana e à colaboração de seus filhos, especialmente Luquita e Tibinho (figura 19), Lavinio (figura 20) e Giovanne (figura 21), essa fazenda se desenvolveu e começou a receber visitantes de diversas regiões, interessados em negociar os cavalos de serviço do Mineiro. Entre os visitantes, havia vaqueiros de fazendas distantes, tanto de dentro da cerca como da região dos Taveira, do outro lado do rio Arari, que buscavam obter mais detalhes sobre os cavalos disponíveis para venda. Às vezes, também apareciam os proprietários para negociar *in loco* as melhores oportunidades.

Durante essas visitas, os vaqueiros trocavam experiências sobre as práticas utilizadas em cada fazenda. Assim sendo, o queijo preparado por Dona Ana a partir do leite de búfala, que inicialmente era destinado apenas ao consumo local, começou a ser reconhecido e produzido por outras propriedades, tornando-se uma referência na região. Com o tempo, esse produto se tornou valorizado e conquistou notoriedade em quase toda a região, recebendo o nome de 'queijo do Marajó', uma especialidade regional bastante apreciada no Estado do Pará, embora seja elaborada com métodos diferentes dos aplicados por Dona Ana.

Figura 20 – Vaqueiro Lavinio



Fonte: Acervo Anamaria Araújo

Figura 21 – vaqueiro Giovanni ao centro



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Dessa maneira, foi apresentada uma concisa descrição da história e da estrutura da Fazenda Mineiro, propriedade onde foram reunidas as primeiras histórias sobre as tradições, costumes e saberes do Vaqueiro Marajoara, da comunidade de Cima do Teso. Essas tradições persistem do outro lado do rio Arari, em uma área que abrange uma rede de fazendas autônomas que constituem a comunidade de Cima do Teso, como é conhecida.

Figura 22 - Rede de fazendas



Fonte: Acervo pessoal. Imagem obtida com aplicativo Georadar

A REDE DE FAZENDAS

Dentro desse contexto, é essencial observar a união que permeia as propriedades rurais dessa região. Além disso, é relevante mencionar que o termo rede foi estabelecido em respeito à autonomia de cada uma, preservando a independência entre elas. Essa particularidade fortalece a identidade de cada uma, enquanto as mantém conectadas unindo a Comunidade de Cima do Teso. Apesar de possuírem finalidades distintas, elas desenvolvem uma rede de fazendas de apoio solidário, especialmente por executarem atividades rígidas e lidarem com as dificuldades que surgem ao longo do ano.

Embora estejam relativamente próximos, esses espaços exibem qualidades distintas. A distância entre as sedes é de cerca de trezentos metros, formando assim uma comunidade composta pelas fazendas Mineiro, São Sebastião, Fátima (figura 23), Lacre, São João e Santa Maria. As propriedades vizinhas em direção à cidade de Cachoeira do Arari incluem a Santo Antônio, São Raimundo e São José. Por outro lado, em rumo oposto, estão Cururu, Caratateua, Flecheira, Ibacoby, Bom Jardim, Ilha Nova, São Carlos, Mãe Maria, Santa Luzia, Campo Limpo, Santa Rute, Santa Amélia, a Santa Filomena e a São Fabrício, as mais recentes.

Figura 23 - Sede da fazenda Santa Maria



Fonte: Marciel Moraes

No contexto de comunidade, o termo 'rede' é utilizado para discorrer sobre o

compartilhamento de saberes, a execução de tarefas e a prestação de assistência em situações de necessidade. Assim, é importante exaltar que a maioria dos feitores, vaqueiros e familiares, tanto da comunidade de Cima do Teso, como da região do Cuberto, do outro lado do rio Arari e de dentro da cerca, realizam as obrigações mais difíceis de forma coletiva. No entanto, o cotidiano de cada fazenda é marcado por tarefas próprias e individualizadas, embora recebam o apoio ora de uma, ora de outra, quando necessário.

No que diz respeito ao sentimento de pertencimento, não foram identificados indícios de uma estrutura formal enquanto associação política ou social, ou seja, não há registros de uma organização que busque representar coletivamente os interesses do vaqueiro marajoara. No entanto, existem rastros que evidenciam uma identidade coletiva, caracterizada pela relação entre indivíduos, propriedades e animais que vivem em harmonia nos campos dessa parte da Ilha, que outrora eram abertos e livres de cercas. Atualmente, homens e animais vivem separados por barreiras humanas e de arames que estabelecem os limites e as divisões entre as propriedades. Mesmo assim, nesse contexto, o vaqueiro mantém o papel de defensor apaixonado da “marca” ou sinal que simboliza a área que ocupa, reforçando seu vínculo com o território e sua identidade cultural.

Assim sendo, cada espaço é valorizado por aquele que o protege, cuida e o defende a todo instante, enaltecendo o ambiente em que habita. Curiosamente, a comunidade opta por não usar o termo ‘comitiva’ como acontece em outras localidades, como no sudoeste do Pará, por exemplo. Em vez disso, utiliza a expressão ‘bando’ para sugerir uma associação entre pessoas e certas espécies de animais que andam em grupos. Essa designação pode ser compreendida pelo fato de que as propriedades localizadas na região de cima do teso, devido ao tamanho, importância e características, normalmente contam com, no máximo, dois vaqueiros. Assim, nesse cenário, ‘bando’ é uma palavra adotada pelo vaqueiro marajoara para designar um grupo de vaqueiros de diferentes fazendas que se juntam para realizar atividades que beneficiam a todos.

A origem de cada fazenda (figura 24 [p. 60]) – exceto das fazendas Mineiro e São Sebastião – permanece desconhecida para os habitantes da comunidade de

Cima do Teso. Embora as informações obtidas sejam baseadas em relatos orais

Figura 24 – Origem das fazendas

Origem das fazendas no Marajó

Não é necessário "pesquisar na Torre do Tombo, ou outro arquivo lusitano" para se obter uma listagem dos contemplados com o retalhamento das fazendas dos padres jesuítas, em atendimento ao aviso de 2 de agosto de 1760 do Marajó de Pimobá, que mandou sequestar-lhes "ditas fazendas no Marajó, sob o pretexto de não possuírem título legal de posse".

Nas Anuários da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, tomo terceiro, compilado por Arthur Vianna, e publicado em 1904, além do Catálogo Nupial dos Possesores de Sesmarias, das Festas populacionais de Pará, de autoria do próprio Arthur Vianna, da Informação sobre a villa de Gurupá e da Breve descrição da villa de Mazagão, escritos em 1842 por Antônio Ladislau Monteiro Baena, encontra-se ainda a relação dos contemplados com as doações efetuadas pela junta governativa do Pará, a seguir transcrita, em resumo:

- 1 - José Miguel Ayres. Fazenda dos Remédios, situada na margem direita do rio Arari. Carta de data no livro 14, página 172 verso. Carta de confirmação no livro 15, página 173.
- 2 - Manoel Gaetano de Azevedo. Fazenda Santo Elias, na margem direita do rio Arari. Carta de data no livro 14, página 172. Carta de confirmação no livro 15, página 187.
- 3 - José Correa de Lacerda. Fazenda situada na margem esquerda do rio Arari. Nos livros mencionados não existem as respectivas cartas.
- 4 - Diogo Pires da Gama. Fazenda Nossa Senhora do Lareto, na margem direita do rio Arari. Carta de data no livro 14, página 26 verso.
- 5 - João Batista de Oliveira. Fazenda Memmo Jesus, a margem direita do rio Arari. Carta de data no livro 14, página 167. Carta de confirmação no livro 15, página 152 verso.
- 6 - Carlos Gemaque d'Albuquerque. Fazenda São Carlos, no rio Arari. Carta de data no livro 14, página 174 verso. Carta de confirmação no livro 15, página 144 verso.
- 7 - Manoel José Henriques de Lima. Fazenda Santo Ignácio, no lago Arari. Carta de data no livro 14, página 173 verso. Carta de confirmação no livro 15, página 149 verso.
- 8 - José Bernardo da Costa e Asso. Fazenda Boa Vista, no lago Arari. Carta de data no livro 14, página 168 verso. Carta de confirmação no livro 15, página 154.
- 9 - Plácido José Pamplona. Fazenda Santa Cruz, no lago Arari. Carta de data no livro 14, página 169 verso.
- 10 - Manoel Joaquim Pereira de Souza Feio. Fazenda Ananatus, no lago Arari. Carta de data no livro 14, página 167 verso. Carta de confirmação no livro 15, página 138.
- 11 - Luiz Gonçalves. Fazenda Santa Bárbara, no lago Arari. Carta de data no livro 14, página 168. Carta de confirmação no livro 15, página 139.

Antônio Paul de Albuquerque *

- 12 - Diogo Luiz Rabello de Barros e Vasconcellos. Fazenda Nossa Senhora de Nazaré, no lago Arari. Carta de data no livro 14, página 181.
- 13 - José Pedro da Costa Souto Maior. Fazenda situada no rio Anajás, margem esquerda. Não existem no livro competente as cartas de data e confirmação.
- 14 - Gaspar Ferreira de Araujo. Fazenda Santa Rosa, no igarapé das Cuielras. Carta de data no livro 13, página 5. Carta de confirmação no livro 18, página 33 verso.
- 15 - José Antônio Salgado. Fazenda São João de Deus, no rio Anajás de Tapajuru. Carta de data no livro 14, página 170 verso. Carta de confirmação no livro 18, página 150 verso.
- 16 - José Garcia Galvão. Fazenda Santos Reis, no rio Anajás do Tapajuru. Carta de data no livro 14, página 171. Carta de confirmação no livro 16, página 50.
- 17 - Victorino da Silva. Fazenda Nossa Senhora do Monte, no rio Camotim. Carta de data no livro 14, página 174.
- 18 - Gervásio Domingues da Cruz. Sem informações sobre a fazenda. No livro competente não existem as cartas de data e de confirmação.
- 19 - Manoel Machado. Fazenda do São José, nas cabeceiras do igarapé Capim. Carta de data no livro 14, página 177 verso. Carta de confirmação no livro 15, página 168.
- 20 - João Batista da Silva. Sem informações sobre a fazenda. No livro competente não existem as cartas de data e de confirmação.
- 21 - Domingos Pereira de Moraes. Fazenda S. Francisco Xavier, no rio Pororoca. Carta de data no livro 14, página 179. Carta de confirmação no livro 18, página 1.
- 22 - Francisco Pereira de Almeida e Silva. Fazenda Rosário, no rio Pororoca. Carta de data no livro 14, página 180.

O documento também se refere ao fato de que "as fazendas, despojadas da administração inteligente dos frades, deram logo mostras de rápida decadência nas mãos dos diretores incumbidos do seu Governo".

E comenta que "antes, porém, de uma deplorável ruína mandou D. José I, pela carta régia de 18 de junho de 1760 (publicada ipse literis no artigo Reforma Agrária em Marajó no fim do século XVIII de autoria de Dom Vicente Ramos, publicado no O Liberal de 3.11.85), ratear e repartir em junta governativa as fazendas em primeiro lugar pelos officiaes militares e pessoas casadas, vindas do reino; estabelecidas no Pará; em segundo, pelas officiaes brasileiros e casados; em terceiro, pelas pessoas distinctas, também casadas, residentes no Estado, que não possuísem bens de raiz competentes; excluidos os que tivessem terras proprias sem benfeitorias e as que não mostrassem capacidade para a cultura".

* Professor adjunto e pesquisador do Departamento de Arqueologia da UFFPA e assistente técnico da Cadern.

Fonte:
<https://fauufpa.org/2011/09/21/origem-das->

antigos, transmitidos de geração em geração, esses relatos fornecem uma origem aceitável e são valiosos porque ajudam a compreender a perspectiva cultural e a identidade da comunidade. Os vaqueiros mais velhos afirmam que essas fazendas são ligadas desde o início por laços de parentesco, o que pode explicar por que os vaqueiros se referem uns aos outros como 'parentes'.

Esse laço também pode indicar que a comunidade de Cima do Teso e as fazendas vizinhas pertenciam a uma pessoa ilustre. No entanto, é uma informação que precisa ser buscada. De qualquer maneira, isso poderia confirmar a existência de um papel 'sesmaria', que dizem estar na posse do único irmão vivo do seu Lavino, Chubita, em Belém. A forma de tratamento, que une essas pessoas, sugere que esses lugares sejam retalhos de fazendas mais antigas sobre as quais pouco se conhece, uma vez que entre os atuais 'donos' não há relações de sangue.

É possível que, nessa região, o retalhe de terras tenha sido uma prática costumeira, haja vista os recortes mais recentes. Apesar disso, esse retalhamento possibilita a exploração da história dessas

propriedades, como a da Fazenda Mineiro, cuja vizinhança, segundo as histórias das

pessoas mais velhas, estaria sobre um antigo cemitério indígena. “Isso é um comentário comum há anos”, afirmou a vaqueira Dina, referindo-se às terras do Mineiro, adquiridas junto à Fazenda Ilha Nova. Contudo, essa fazenda não pode ser identificada. Essa observação leva a seguinte conclusão: essa Fazenda Ilha Nova pode ter origem em um retalhe mais antigo, uma vez que o vestígio que se refere a ela é o que está registrado no contrato de trabalho do vaqueiro Tio Lota.

O que se pode afirmar com certa margem de segurança é que a Fazenda Ilha Nova, localizada nas proximidades dessa rede de propriedades rurais, possivelmente não é a mesma que alienou porções de suas terras, onde se localizam as sedes das Fazendas Mineiro, Santa Maria, Lacre, Fátima, São João e São Sebastião.

No entanto, essa é apenas uma conjectura acerca da origem dessa comunidade que possibilita a elaboração das seguintes anotações:

- a) Cândido Sabino da Gama, precursor da fazenda Mineiro, foi uma figura destacada na região do Arari, desempenhando um papel significativo na criação de gado. Sua influência política era notável, especialmente no que se refere à vida rural.
- b) Nos registros sobre a cidade de Cachoeira, essa figura está fincada na história de Cachoeira do Arari, devido à sua relevância social e política.
- c) As terras de Cachoeira do Arari abrangiam os campos do outro lado do rio Arari e de Ponta de Pedras, que era chamada de Itaguary, como era conhecida. Essas terras incluíam a paróquia de Nossa Senhora da Conceição, do Alto Arary, do Baixo Arary e do Camará.
- d) Essa informação é fundamental para entender a dinâmica do vaqueiro da Ilha de Marajó, que tem a cidade de Cachoeira do Arari como sua referência, enquanto Ponta de Pedras, a sua localização geográfica.
- e) Esses registros sugerem que a história de Ponta de Pedras, da parte que está localizada d’outro lado do rio, de Cachoeira do Arari e da fazenda Mineiro se complementam.
- f) Nesse contexto, as terras adquiridas pelo Senhor Dudu Gama, junto à Fazenda Ilha Nova, e anexadas às da fazenda São José, às margens

do rio Arari, em frente à cidade, poderiam pertencer a uma fazenda maior e mais importante.

- g) Durante a junção, foram feitas melhorias e construídas instalações, sendo a mais relevante a construção da casa grande, erguida alta para ser a moradia do feitor ou do capataz. Mais tarde, essa casa se tornou a sede da fazenda São Sebastião.
- h) A casa do rancho abrigava homens, animais (bodes e carneiros) e as tralhas da fazenda. Com a divisão, passou a ser a sede da fazenda Mineiro e a moradia da família do vaqueiro Lavino.
- i) A fazenda Mineiro é fruto da dedicação dos descendentes do Senhor Dudu Gama, bem como da dedicação e aplicação dos conhecimentos ancestrais do vaqueiro Lavino e de seus filhos.

O PESSOAL DE CIMA DO TESO

Figura 25 - O pessoal de Cima do Teso



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

A expressão “pessoal de cima do teso” é relativamente nova, tendo surgido nos primeiros anos da década de 1980. Embora não seja uma expressão comum, é possível que ela esteja ligada à história da região, envolvendo tanto os negros quanto os indígenas que se tornaram vaqueiros nas primeiras fazendas da Ilha de Marajó. Segundo relatos de pessoas mais velhas que conhecem essa região, como o Amadeu e Edinaldo, alguns vaqueiros do outro lado do rio costumavam comentar, de maneira

brincalhona: “Respeita o homem. Ele é morador de cima do teso”.

O termo 'pessoal de cima do teso' refere-se ao vaqueiro que reside nas fazendas São Sebastião, Mineiro, Santa Maria, São João, Lacre e Fátima, incluindo esta última devido à sua proximidade. Esse grupo engloba o patrão, o capataz, o feitor e o vaqueiro, listados em ordem de importância, além de homens, mulheres, filhos, esposas e os agregados dessa comunidade. Durante os momentos de lazer, essas pessoas se referem a si mesmos como moradores de Cima do Teso, expressando certo contentamento com isso. As narrativas feitas por Dona Ana ajudam a elucidar a formação desses espaços chamados 'tesos'.

Em suas narrativas, Dona Ana, com 91 anos de idade, conta que áreas da floresta nativa foram desmatadas para formar pastagens, extrair madeira e produzir lenha e estacas para as fazendas. Para erguer os tesos do Marajó, os espeques eram encravados juntos, por uma extensa faixa de terra. Os homens preenchiam essas faixas com terras de outros lugares e nivelavam o solo manualmente ou no 'muque' como se diz no linguajar da comunidade local. Dessa forma, surgiram os tesos do Marajó e os açudes, que auxiliam na retenção da água pluvial por um período de tempo maior. O relato de Dona Ana confirma que os tesos do Marajó foram erguidos pelos próprios moradores da região ao longo das décadas, utilizando técnicas tradicionais que passaram de geração em geração.

Nesse cenário, as sedes das fazendas São Sebastião, Mineiro, Santa Maria, São João e Lacre se encontram localizadas em uma vasta área de teso que se estende desde as margens do rio Arari, próximo da fazenda Curral do Meio, e termina logo após a sede da Santa Maria. A sede da fazenda Nossa Senhora de Fátima, embora esteja nas adjacências e pertença à comunidade de cima do teso, foi edificada em terras mais baixas, que se tornam enlameadas no inverno e acumulam terruadas no verão, logo após a faixa de areia-gulosa. As outras sedes próximas a essa “comunidade” foram construídas nesse contexto, em terrenos mais baixos e mais afastados. De acordo com Denise Pahl Schaan, “essas 'baixas', as águas ficam represadas desde o início do período da seca, quando os campos são drenados por um complexo sistema de rios e canais, virtualmente invisíveis durante os cinco meses de inundação” (Schaan *et al.*, 2010, p. 75).

Com base nessas informações e nas pistas recentemente descobertas pelo vaqueiro Cabo Zeca, atrás da sede da fazenda Mineiro, onde foram realizadas escavações para formar um novo açude. Nesse local, foram encontrados um cachimbo e uma machadinha. Apesar de esses achados não esclarecerem a origem da expressão “o pessoal de cima do teso”, apontam que outras pessoas passaram por essa região em épocas bem mais remotas.

Porém, nenhuma base consultada trouxe esclarecimentos definitivos, fazendo permanecer, desse modo, a inferência anterior sobre o assunto. De qualquer maneira, a pesquisa de Schaan, Martins e Portal (2010, p. 74), dedicada à arqueologia marajoara, sugere que a identidade "pessoal de cima do teso" pode estar relacionada à ancestralidade da região e às narrativas que circulam sobre essa faixa de terra. Essa relação se dá por meio dos vestígios encontrados, que indicam ocupações antigas, e das histórias transmitidas oralmente pelo vaqueiro mais antigo, que reforçam a continuidade cultural e a conexão dos habitantes atuais com o passado da região. Os relatos das pessoas que ali habitam preservam memórias sobre eventos, costumes e práticas que atravessam gerações, fortalecendo o vínculo com o território e a identidade coletiva.

A informação que se possui desses primeiros povos vem principalmente da cerâmica, bastante duradoura e em geral bem-acabada, encontrada na forma de vasilhas de paredes grossas e pesadas (devido ao antiplástico de cacos moídos), mas pouco expressiva em termos decorativos. A proporção de fragmentos decorados encontrados nos sítios é pequena, o que indica o uso meramente doméstico e o reduzido caráter cerimonial e festivo dessa cultura material (Schaan; Martins; Portal, 2010, p. 74).

Com exceção do Mineiro, não existem registros que indiquem a presença de itens análogos nos terreiros das outras propriedades dessa comunidade. Nem mesmo que foram encontrados fragmentos de cerâmica nas escavações realizadas nas proximidades das outras sedes. No entanto, surgiram informações sobre descobertas semelhantes em regiões mais distantes, para as bandas do alto Arari.

Com as descobertas nas terras da Fazenda Mineiro, deduz-se que pode haver outra história a ser conhecida. Junto a essa história desconhecida, podem existir figuras como os vaqueiros Lavino, Dona Ana e Tibinho, personagens que traduzem a vida de cada vaqueiro e vaqueira marajoara, que habita a Ilha de Marajó,

especialmente na comunidade de Cima do Teso, ondes essas figuras ainda são lembradas pela sabedoria que os caracteriza e pela empatia presente em sua educação.

HISTÓRIAS DE VIDA

A história dessa porção da Ilha de Marajó e da Fazenda Mineiro é uma fascinante coleção de narrativas, mitos e lendas que envolvem figuras inesquecíveis. Entre o visionário idealizador, senhor Cândido Sabino da Gama, e o atual responsável, Cabo Zeca, destaca-se a trajetória da família de seu Lavino. Esse vaqueiro desempenhou um papel crucial na formação e no crescimento dessa fazenda, que lhe foi confiada com apenas seis búfalas (Boa Noite, Cambraia, Granada, Sanfona, Pampulha e Pode Ser), sendo que duas delas ainda amamentavam. Além das búfalas, ele recebeu alguns poucos cavalos e bovinos. Porém, no mês de sua partida, seu Lavino havia transformado a propriedade, entregando-a de volta aos donos com um rebanho expressivo e significativo.

As histórias sobre este lugar foram reunidas junto aos vaqueiros mais velhos, carinhosamente chamados de "velha guarda", denominação utilizada na comunidade para identificar o vaqueiro mais experiente. Entre eles, Amadeu, Fogueteiro, Valdé, Edinaldo e o próprio Cabo Zeca tiveram a oportunidade de conviver de perto com seu Lavino. Além desses nomes, personalidades como Agnaldo e Beazinho também figuram nas narrativas, ao lado de Dona Ana, a dedicada esposa de seu Lavino, e de seus filhos: Lucas, Tibinho, Ivani e Irani.

a) Seu Lavino

As evidências sobre a vida de seu Lavino (figura 26) indicam que ele teria nascido em 23 de agosto de 1935, em uma propriedade localizada do outro lado do velho rio Tarumã. Contudo, o local exato de seu nascimento permanece um mistério. Supõe-se que tenha ocorrido no 'terreiro' do Sítio São José, nas proximidades do igarapé das Cuieiras, na região do Cuberto. Essas informações foram extraídas de

sua Certidão de Nascimento, na qual ele próprio atuou como declarante. Se estivesse vivo, seu Lavino completaria 90 anos em 2025. As incertezas acerca da data e do local de seu nascimento são atribuídas ao fato de que nem ele nem seus pais possuíam habilidades de leitura e escrita. Essa lacuna, no entanto, foi preenchida ao longo de sua vida graças ao encontro transformador com Dona Anamaria.

Figura 26 – vaqueiro Lavino Ribeiro



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Dona Ana revelou que, apesar da falta de escolaridade dos pais de seu Lavino, sua mãe, Tia Vicência, recorria a quem soubesse ler e escrever para registrar a data e a hora de nascimento de seus filhos. Com esses registros em mãos, seu Lavino conseguiu emitir a primeira via de sua certidão de nascimento, em 1973. Isso lhe permitiu obter sua carteira de identidade oficial e tornar-se um cidadão "de fato e de direito", como se costuma dizer no Marajó. Ainda assim, mesmo sem esse documento, ele já havia se casado com Dona Anamaria, com quem formou uma família numerosa, sendo pai de 11 filhos: Sandra, Irani, Ednelson, Luquita, Niura, Lavínio, Dioc, Tibinho, Gisele, Giovanni e Ivani.

Formado pela escola da vida nas fazendas em que trabalhou, seu Lavino era admirado e respeitado por todos que o conheciam. Reconhecido por sua dedicação e habilidades como vaqueiro, ele se destacava como um profissional exemplar. De pele morena marcada pelo sol, seu rosto trazia os traços únicos da mistura entre "pretos e

brancos". Seus cabelos crespos e olhos cor de mel compunham sua marcante presença. Sobre seu pai, Tio Lota, sabe-se que era filho de uma escrava chamada Joana Batista da Silveira e de Lourenço José Ribeiro. Tio Lota nasceu em um terreiro cuja localização exata é desconhecida, batizado em torno de uma fogueira de São João, durante as festividades de junho, segundo relatos de Tibinho, filho de seu Lavino.

De acordo com um de seus filhos, seu Lavino relatava que, na época em que seus pais nasceram, os filhos de escravos não tinham direito ao batismo nem a padrinhos formais. Por isso, Tio Lota foi batizado à beira de uma fogueira de São João, tendo como padrinhos o Glorioso São Sebastião e Nossa Senhora da Conceição. Esse fato pode ajudar a explicar a devoção que ele nutria por essas entidades sagradas. Além disso, conta-se que a imagem de Nossa Senhora da Conceição foi a única a permanecer intacta após o incêndio que destruiu a 'choupana' onde ele vivia.

Quanto à mãe de seu Lavino, Tia Vicência, dizia-se que era filha não reconhecida de um dos fazendeiros da região. Acredita-se que ela possa ter nascido nas terras da Fazenda Ibacoby, Santa Itelvina ou Bom Jardim, embora essas sejam apenas conjecturas. Segundo Agnaldo, neto de Tia Vicência, ela era descrita como uma mulher de pele clara e olhos verdes. Conforme o relato desse sobrinho-neto de seu Lavino, Tia Vicência afirmava ter ascendência portuguesa e espanhola, possivelmente das famílias Calandrini ou Azevedo. O nome de sua mãe era Emília Maria Barbosa.

Na comunidade de cima do teso, entre aqueles que tiveram o privilégio de conhecer seu Lavino o descrevem como uma pessoa de caráter exemplar, além de pai e vaqueiro admirável. Cabo Velho recordou: "Seu Lavino era um vaqueiro de vasto conhecimento, destacando-se por sua educação discreta e elegância. Sua dedicação à fazenda Mineiro e aos animais que cuidava lhe conferem um lugar especial em nossas memórias". Para o Cabo Zeca, "tio Lavino sobressaía pela excelência de seus serviços e pela confecção de arreios, tanto para a Fazenda quanto para aqueles que admiravam seu trabalho". Cabo Zeca ainda guarda, com orgulho, as duas últimas cabeçadas de brida confeccionadas por seu Lavino como lembrança de seu talento e habilidade incomparáveis. Entre aqueles que o conheceram no Mineiro, está o

vaqueiro Raimundo Aurélio, que se referiu a ele de forma especial:

O Lavino Velho era um vaqueiro e músico da mais alta qualidade e de grande prestígio entre os vaqueiros daqui; tocava vários tipos de instrumentos: de sopro, percussão e corda. Com ele, a voz do violão era cristalina. Era um vaqueiro bom de laço e os cavalos que ele trabalhava eram os melhores (Raimundo Aurélio, janeiro de 2024).

Mas foi Dona Anamaria quem revelou, de maneira mais clara, o talento artístico de seu Lavino: músico. Ela contou que “ele aprendeu a tocar instrumentos de ouvido, apenas ouvindo as canções transmitidas pelas rádios e participando de eventos religiosos conhecidos como 'sair com o santo'. No violão, preferia as cordas de aço, porque, segundo ele dizia, essas cordas eram capazes de expressar todos os tons – sustentados, graves e agudos – para quem quisesse ouvir e acompanhar” (Dona Ana, janeiro/2024). Em seus relatos, Dona Ana mencionou que, desde a juventude, seu Lavino já tocava instrumentos musicais e que, na adolescência, participava de procissões e ladainhas, acompanhando as imagens dos santos em peregrinações por diversas fazendas da região, onde se apresentava como músico. Além disso, ele também trabalhou na derrubada de mata para abrir pastagens.

Recentemente, ela compartilhou uma curiosidade peculiar sobre a mãe de seu Lavino: “Dona Vicência, em suas preces, pedia a Deus que lhe desse um filho cego”. Esse desejo inusitado foi motivado pela admiração que ela nutria por três irmãos cegos, conhecidos como “os ceguinhos”. Eles formavam um conjunto musical que se apresentava nas festas das fazendas, iluminadas por candeias e lamparinas. Segundo Dona Ana, “Dona Vicência achava encantador que esses rapazes, apesar da deficiência visual, fossem capazes de tocar uma variedade de instrumentos como cavaquinho, viola, violão, rabeca, rabecão, clarinete e trompete”. Dona Ana também mencionou que seu Lavino tinha um leve estrabismo e reclamava de visão limitada em um dos olhos, embora não soubesse especificar qual. Ainda assim, ele desempenhava inúmeras atividades como montar a cavalo, laçar, pescar, caçar e confeccionar arreios.

Ao revisitar essas memórias, Dona Ana lembrou que, embora seu Lavino não tenha tido a oportunidade de frequentar a escola, fazia questão de matricular seus filhos e garantir que estudassem na cidade de Cachoeira do Arari. Ele aprendeu a ler

e escrever já na idade adulta, utilizando a mesa da cozinha das fazendas onde viveu e trabalhou. Sua principal meta era aprender a assinar seu nome, já que isso era necessário para obter documentos como a identidade. Dona Anamaria foi sua primeira e única professora, permanecendo ao seu lado até o fim de sua vida. Ela relatou que seu Lavino gostava de usar a palavra “esturde”, que para ele significava “graça”. Nas conversas com Dona Ana, seu Lavino era descrito como um vaqueiro prático, cujos conhecimentos empíricos refletiam o saber tradicional transmitido por seus antepassados. Esse acúmulo de experiências parece ter contribuído para sua conduta ética no trabalho, sendo reconhecido por aqueles que conviviam com ele, inclusive pelos próprios animais que cuidava.

Durante uma conversa com o Cabo Zeca, no caminho de Cachoeira do Arari, emergiu a conclusão de que, no curral, os cavalos mantinham-se calmos diante de seu Lavino. Eles o respeitavam e o fitavam diretamente, comportamento que destaca uma dimensão quase familiar. Esse vínculo entre humanos e animais no ambiente do curral pode ser compreendido à luz do que Philippe Descola (2006, p. 2) descreve: “(...) os animais são (...) considerados pessoas com quem os humanos podem, e devem, interagir de acordo com regras sociais”. Essa interação se estendia também às búfalas, como relatou o vaqueiro Beá, ao afirmar que elas produziam mais leite quando 'era o tio Lavino que as ordenhava no curral'. Segundo Beazinho, elas o reconheciam pelo cheiro e pelo timbre de sua voz, tanto no pasto quanto no curral."

As narrativas sobre seu Lavino revelam que ele transmitia respeito através de um olhar sereno e um tom de voz calmo, mas era sempre firme em suas decisões. Sua liderança era natural, sem qualquer necessidade de imposição de força. Nos depoimentos de seus filhos, ficou evidente que, do pátio da Fazenda Mineiro, bastava ele chamar as búfalas pelo nome – Sanfona, Boa Noite, Pampulha, Granada, Cambraia e Pode Ser – e, mesmo à distância, elas reconheciam sua voz e se dirigiam ao curral, respondendo ao chamado. Essa conexão reflete um vínculo de respeito e confiança, destacando que seu Lavino tinha um papel especial no que poderia ser chamado de "família bubalina".

Na fazenda, como recordou Dona Ana com algumas de suas filhas, cada cavalo que fazia parte da sela de seu Lavino recebia um nome de batismo na primeira

montaria do poldro. Elas garantem que ele escolhia os nomes mais elegantes: Mensageiro, Mercúrio, Panorama, Dengo Dela, Grão Duque, King, Melado, Vigorão, Moeda, Medalha, Floresta, Brilhante, Beija-Flor, Flor do Campo, Na Hora Eu Digo, Sorriso, Só Pra Quem Sabe. Quando passou a competir nas corridas e maratonas em Cachoeira do Arari, os cavalos da Fazenda Mineiro sob sua guarda frequentemente conquistavam vitórias.

O talento de seu Lavino como vaqueiro era notável, especialmente com o laço pequeno em mãos – ele quase nunca errava uma laçada, não importando a distância. Segundo seu sobrinho, Agnaldo Ribeiro, “quando o tio Lavino erguia o braço e abanava o laço, os outros vaqueiros diziam: ‘Hum, já era! Esse tá laçado’”. Seu movimento favorito, conhecido como laçada de “mão virada”, desafiava as habilidades do vaqueiro, e poucos ousavam imitá-lo. “Somente Gongga, da Flecheira, conhecido como Volta Seca pela maneira como laçava, e Diquito, do São João, conseguiam realizar a manobra”, lembrou Agnaldo, filho de Gongga, que por muitos anos foi feitor da Fazenda Flecheira. Essa técnica consistia em “jogar o laço” de modo que apenas o seio da corda atingisse os chifres ou o pescoço do animal. Agnaldo completou: “A laçada fica ainda mais bonita quando acontece contra o vento, por conta do maior grau de dificuldade”.

De acordo com esse sobrinho, que passou um longo período no Mineiro para aprender a ler e escrever com Dona Anamaria, “ele era um pai cuidadoso”. Quando trabalhava com o gado no Mineiro ou nas proximidades, “recomendava à tia Ana que não deixasse os moleques brincarem fora da casa para evitar acidentes”. Nas narrativas de Dona Ana, o vaqueiro Lavino “não gostava de perder uma laçada, muito menos uma porfia”. Ela destacou que “ele sempre buscava ajudar os vaqueiros mais jovens, especialmente aqueles que, a caminho da cidade, paravam no Mineiro para conversar e receber orientações poucos dias antes das corridas”. Segundo ela, essas pessoas vinham de outras fazendas, como a Flecheira, Campo Limpo, Pacovarana, Santa Rute, Santa Luzia e outras.

No curral do Mineiro, seu Lavino observava atentamente os sinais dos cavalos que deveriam ser amansados antes de serem ‘encabrestados’. Depois de amansados, ele orientava os vaqueiros das fazendas vizinhas a trabalharem com os melhores, já

que nessas propriedades a lida com gado era constante. Os cavalos que atendiam às características desejadas por ele eram treinados e preparados para determinadas finalidades. Em conversa com um de seus filhos, o Lucas, popularmente conhecido como Luquita, foi destacado que um dos traços mais significativos que seu Lavino valorizava era a “espada romana” – uma marca que alguns cavalos apresentam desde o nascimento, localizada no pescoço, geralmente logo abaixo da crina, seguindo da periquita até a nuca do animal.

Outro legado deixado por seu Lavino envolve um costume singular: “Se um vaqueiro laçasse um veado no campo, podia sangrar o bicho, recolher o sangue e banhar o cavalo, que esse animal ficaria bom para as corridas” (Tibinho, janeiro/2024). Segundo o Luquita, que atualmente reside em Barcarena, Pará, “os cavalos da sela do papai, que possuíam a marca da ‘espada romana’, eram os mais resistentes, sem manhas ou vícios; por isso, eram os preferidos pelos vaqueiros de outras fazendas na hora de fechar uma venda”. Esse conhecimento sugere que ele tinha um talento único para eliminar manhas e vícios dos animais em treinamento. “Papai os colocava para comerem de comprido, para se acostumarem com a corda de laçar; de cambão ou na ‘picaria’, para amaciar o pescoço e ensiná-los a virar para a direita e para a esquerda”, explicou Luquita.

Conforme as narrativas coletadas junto a diversas pessoas, seu Lavino era descrito como um vaqueiro dedicado, que abraçou intensamente a profissão que escolheu e viveu plenamente ao longo de sua existência. Segundo relatou Dona Ana, “ele orientava os filhos com base no que aprendeu ao longo da vida nas fazendas e compartilhava seus conhecimentos com todos que paravam para aprender com ele sobre o ofício de vaqueirar”. Dona Ana destacou que seu Lavino tinha uma postura de mestre: paciente, atento e generoso.

Para ele, ser relaxado não era uma qualidade, mas uma deficiência que o vaqueiro deveria corrigir. E, por respeito à profissão que exercia e à pessoa que ele orientava, não chamava nenhum aprendiz de mucuf⁹. Contudo, não admitia mucufagem perto dele (Dona Ana, agosto de 2024).

⁹ Vaqueiro relaxado, relapso.

Os filhos consultados foram unânimes em afirmar: “O papai sempre acordava cedo; levantava-se de madrugada. Em dias de trabalho, ele se levantava ainda mais cedo, dependendo do local onde a atividade seria realizada”. A partir desse protesto, é possível concluir uma característica marcante de seu Lavino: seu comprometimento com a profissão. Os aparelhamentos que ele utilizava eram organizados com esmero, e os animais sob sua ‘sela’ eram sempre mansos e bem cuidados. Cabrestos, selas, cabeçadas de boca de lobo e de bridas, cordas, muxingas, esteiras e varas de ferrão – todos os arreios sob sua responsabilidade eram mantidos em perfeitas condições de serem utilizados.

Conforme as conversas prosseguiam, ficou evidente que, além de ser um vaqueiro admirado, seu Lavino era também um habilidoso artesão. E, de fato, era um verdadeiro ‘artista’ no universo do vaqueiro marajoara, merecedor de reconhecimento pela arte que produzia. Conforme mencionou o vaqueiro Beazinho: “Tudo o que ele produzia era caprichado e de superior qualidade e beleza”. Além dos acessórios para a sela, ele fabricava outros arreios para a fazenda onde trabalhava, bem como para vaqueiros de outras propriedades. Seu feitio exclusivo era amplamente admirado e valorizado. Sua filha Gisele lembrou:

Se o material fosse o relho, o Papai juntava as cinzas da lenha do fogão e, de madrugada, colocava o couro no sereno para amaciar o pelo e antes do sol esquentar, iniciava a depelagem com as cinzas misturadas ao sal. O depelador era a tranca da porta, da sala ou da cozinha; quando o sol esquentava, enrolava o couro e guardava-o no mesmo lugar (Gisele Ribeiro, em abril de 2024).

De acordo com Gisele Ribeiro, em agosto de 2024, “na madrugada seguinte, ele colocava o couro no sereno para amaciar e, com precisão no ‘olhômetro’, cortava-o em tiras, ajustando à melhor bitola para o couro e a sola”. Para esse trabalho, a faca era sua ferramenta principal e, por isso, precisava ser a mais afiada da casa. Beazinho relatou: “O tio Lavino tinha uma faca que ele não deixava ninguém pegar. A que ele usava nunca ficava cega, por isso ele a guardava separada e em segredo”. Segundo Gisele, “com paciência, o papai enrolava as tiras em ‘tornos’ feitos de madeira ou em ‘forquilhas’ de galhos de cuieiras, ou até de osso, que ele mesmo fabricava, moldando-as até formarem o contorno de uma ferramenta essencial”.

Na imagem adiante (ver figura 27), são apontadas duas ferramentas ou, dois furadores fabricados por seu Lavino: o da esquerda, feito de chifre de veado galheiro, e o da direita, de osso de rejeito de boi. Em conversas com o Cabo Zeca, da Fazenda Mineiro, foi mencionado que esse modo de criar ferramentas artesanais é cada vez mais raro. Por isso, ele preserva duas amostras de arreios produzidos por seu Lavino, que servem como modelos para novas peças. “Tio Lavino tecia muxingas em variados estilos de trança”, contou Cabo Zeca, em janeiro de 2024. De acordo com ele, “o modelo predileto dele era o rabo de tatu”. Além das muxingas, seu Lavino produzia voltas (muxingas) feitas de cordas de laçar, bem como rebengues e chicotes em diferentes padrões: tranças lisas ou torcidas, de duas, três, quatro ou cinco pernas – mas havia as tranças de 12 pernas, que eram as mais desafiadoras, segundo Dona Ana.

Figura 27 – Ferramentas do seu Lavino Ribeiro



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

As tranças mais comuns eram as ‘torcidas’, mas algumas eram tecidas com um pedaço de timbó titica em seu interior. Já os chicotes lisos exigiam precisão: “As intrincas, de duas ou três pernas, eram as mais fáceis de tecer, mas deixavam as mãos e os dedos cheios de calos d’água. Já as tranças de seis ou mais pernas eram muito difíceis e trabalhosas” (Dona Ana, janeiro de 2024). Apesar das dificuldades, Beazinho ressaltou a paciência de seu Lavino: “Ele tinha paciência de sobra para ensinar os mais novos. Eu que era péssimo; não aprendi a tecer como ele queria que

eu tivesse aprendido” (Beazinho, janeiro de 2024).

Mas foi conversando com o vaqueiro Guilhovan, conhecido como Fogueteiro, que outra faceta de seu Lavino pode ser identificada. Segundo Fogueteiro, seu Lavino era um professor paciente e atento. Ele acompanhava de perto as tarefas de tecer arreios, verificando cada detalhe. Quando percebia algo errado, dizia: “Ê, homem! Isso não está certo; não está direito”. Ele então corrigia e explicava a maneira correta de realizar o trabalho.

No período em que Fogueteiro trabalhou como vaqueiro na Fazenda São Carlos, ele treinou cavalos para seu Lavino, tanto para as atividades de trabalho quanto para as corridas. Um desses cavalos foi o Canarinho, um cavalo cardom¹⁰. Para Fogueteiro, que hoje está aposentado e vive na cidade de Cachoeira do Arari, seu Lavino foi um mentor que lhe deixou preciosas lembranças e conselhos valiosos.

Fogueteiro seguiu muitas das orientações de seu Lavino e destacou que, ao elogiar, ele costumava dizer: “Ê, suômi, tá certo; tá direito”. Isso reflete tanto a didática como o caráter pedagógico utilizado por ele, que eram simples, mas profundamente eficazes. No entanto, a frase mais marcante que ele proferia, segundo Amadeu, era: “Ensina quem sabe; mas só aprende quem quer. Para ensinar tem que saber, e para aprender tem que querer, se não, é tempo perdido”. Amadeu, que foi vaqueiro na fazenda Lacre, sob a supervisão do feitor Vavá Siqueira, lembrou com respeito essas palavras de sabedoria.

o mais difícil da tarefa de fazer arreios era aprender os caseados em forma de cabeças de botão, que o seu Lavino fazia; e as sobrecilhas de sedém porque esses dois acessórios têm de oferecer boa feitura e segurança na hora do serviço. Eles deveriam seguir o padrão do corpo, a defluir da trança, e o caseado deveria representar a cabeça de um botão de capim, um tipo de grama, que nenhum animal come, pelo menos, nessa região do Marajó (Amadeu, janeiro de 2024).

Segundo esse vaqueiro, que se aposentou precocemente devido a um problema no nervo ciático que lhe encurtou uma das pernas e hoje reside na vila do Vavá Borges Bi, na beira do rio Arari, apenas “seu Lavino e seu Vavá Siqueira sabiam

¹⁰ Cor branca, mas não alva.

a maneira certa de tecer as sobrecilhas de sedém” (Amadeu, janeiro/2024). Sedém é o nome dado aos pelos das crinas e caudas dos cavalos, utilizados na confecção de arreios como cordas, cabrestos, cilhas e sobrecilhas. Segundo Amadeu, “os caseados ficavam mais ‘complicados’ de tecer quando as tranças tinham seis, oito ou mais pernas; nenhuma ponta poderia ficar à mostra, solta ou encavalada”.

Dos diálogos com Amadeu, conclui-se que seu Lavino era exigente, especialmente quando se tratava de tecer muxingas no estilo rabo de tatu, devido à presença do pedaço de timbó. Além disso, ele não permitia – nem a seus filhos – o uso de umbigo de boi para fazer chicote, a fim de evitar lesões nos cavalos. Sua filha Irani relatou que seu Lavino sabia confeccionar cintas de trança de seis ou mais pernas sem separar as tiras das pontas da sola. Conforme ela comentou, “não havia ninguém igual a ele nessa habilidade”.

Entre os vaqueiros mencionados neste estudo, Beazinho foi quem conviveu mais de perto com seu Lavino, residindo no Mineiro por muitos anos. Ele afirmou ter sido tratado como um filho por seu Lavino, a quem considera sua maior referência. Nos relatos de Beazinho, ficou claro que seu Lavino tecia as melhores esteiras de junco manso, cortados nos baixões da fazenda Cuieiras e amarelados pela exposição ao sol. Cada esteira tecida por ele durava cerca de “dois ou três invernos”, dependendo do zelo e da frequência de uso.

Segundo Beazinho, pelo feitio e padrão das esteiras, seu Lavino era capaz de avaliar “a linhagem, a procedência e a categoria” do vaqueiro que as havia confeccionado. Ele observava com atenção o acabamento e a forma como as esteiras eram dobradas na sela. “Coitado do vaqueiro, se ele visse uma esteira ‘cú de jabota’, era gozação até que o sujeito aprendesse”, lembrou Beazinho, em janeiro de 2024.

Para interromper as brincadeiras recebidas, muitos diziam: “Pode deixar, Tio Lavino, vou caprichar na próxima”. Ele, então, costumava responder: “Uma esteira quando nova é mais rígida e, por esse motivo, ainda não está ajustada à sela nem ao dorso do cavalo, que é abaulado” (Agnaldo, janeiro/2024). Com isso, concluiu-se que o extenso conhecimento acumulado por seu Lavino o levava a acreditar que o uso de uma esteira nova poderia representar um risco para o vaqueiro. Para minimizar esse risco, ele aconselhava seus filhos e aqueles ao seu redor a evitarem o uso de uma

esteira recém-construída durante tarefas pesadas.

Seu Lavino também demonstrava grande habilidade em tecer cordas, cabrestos e muxingas em diferentes estilos, incluindo os de sedém. Apenas ele e o já falecido Vavá Siqueira dominavam a arte de trabalhar com crinas e caudas de cavalo. “Lavino guardava a crina e o rabo dos cavalos, depois selecionava fio a fio uma quantidade suficiente para tecer o arreio idealizado. Ele os enrolava em tornos de madeira, que ele mesmo fabricava” (Dona Ana, agosto de 2024). Essa atividade exigia tempo e extrema paciência – do corpo, dos olhos e da mente. Depois de concluídas as tranças, em três pernas, ele levava o material ao fogo para aparar as pontas, evitando que elas ficassem expostas e machucassem as mãos, relatou Dona Ana.

Em narrativas mais recentes, Dona Ana contou que, na Fazenda Mineiro, seu Lavino amansou uma vaca comum, de cor branca, que recebeu o nome de Rainha. Ela respondia ao chamado dele, de onde ele estivesse, demonstrando a habilidade e a conexão especiais que seu Lavino possuía até mesmo com os animais.

Até que um dia, ela sumiu e não atendia à voz do seu vaqueiro. O Lavino, os meninos e os donos da fazenda a procuraram até pela enseada. De repente, o Lavino gritou: *Rainha! Rainha!* E a vaca respondeu distante. O Lavino, guiado pelo mugido da vaca, embrenhou-se na mata, em uma parte bastante fechada, pelo meio das palmeiras de marajá e jacitara, e a pé, cortando mato, pois montado não era possível alcançar o local exato onde a vaca estava, já que essas árvores têm muitos espinhos. No meio desse lugar, ele avistou o animal deitado e já sem forças. Ele contou que dos olhos da Rainha, lágrimas escorreram quando ela viu o enxergou. Então, ele voltou roçando de terçado, para limpar o caminho o suficiente para que os demais vaqueiros pudessem se aproximar do local onde a vaca foi encontrada. Quando eles chegaram lá, a Rainha suspirou e morreu (Dona Ana, agosto de 2024).

Na narração de Dona Ana, percebe-se que esse animal era tão querido que sua perda foi profundamente lamentada por todos. A figura de Dona Ana, ao lado de seu Lavino, desempenhou um papel essencial no fortalecimento da Fazenda Mineiro. As pessoas da comunidade a recordam com os olhos marejados, marcadas pela admiração e carinho. Em virtude dessa relevância, Dona Ana é apresentada a seguir.

b) Dona Anamaria

Os vaqueiros marajoaras mais antigos costumavam brincar dizendo que a

Figura 28 - Dona Anamaria



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

resistência, a força e a bravura de um vaqueiro provinham da figura da mulher. Por isso, quando um deles se encantava por uma jovem, oferecia-lhe a garupa de sua cela e ‘a roubava’, tornando-a sua esposa para toda a vida. Essa era a tradição - ou pelo menos é a história que ecoa entre eles. Entretanto, não se pode afirmar que a valentia de seu Lavino derivava de sua esposa, Dona Anamaria, pois ele também possuía inúmeras qualidades, muitas delas herdadas de gerações anteriores. Tampouco é adequado dizer que a tenha ‘roubado’ da casa de seus pais, os vaqueiros João Guará e Damiana, cuja experiência e tradição marajoara influenciaram profundamente sua visão sobre o

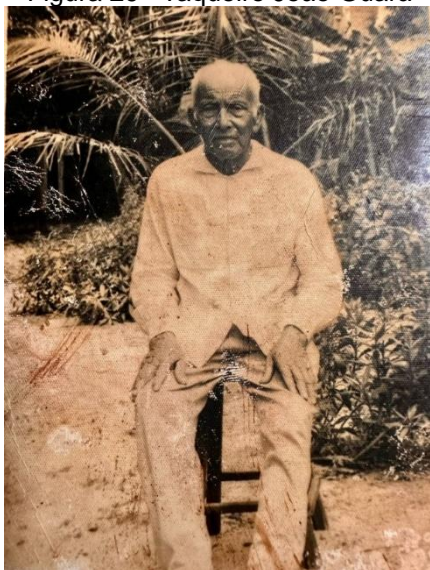
ofício de vaqueiro, já que João Guará era respeitado por todos pela sua transparência, autoridade e pela presença marcante de dois terçados na cintura, que ele chamava, de forma peculiar, de “teu pai” e “tua mãe”.

Do outro lado do rio Arari, na comunidade de Cima do Teso, acredita-se que as qualidades de um vaqueiro estão ligadas aos saberes acumulados ao longo do tempo, bem como aos princípios e valores transmitidos entre as gerações. Nesse contexto, a ‘Tia Ana’, como prefere ser chamada, personifica essas virtudes. Sua fé inabalável, sabedoria, força e determinação ecoam o legado deixado por seus pais, João Guará (figura 29) e Tia Damica, ambos vaqueiros que viveram do outro lado do rio, na fazenda São João do Arari - conhecida localmente como São João do Horácio, em referência ao antigo proprietário.

Dona Ana nasceu no dia 25 de julho de 1933 e, em 2025, completará 92 anos. Apesar da idade avançada, conserva uma mente clara, aberta e cheia de energia. Dedicar seu tempo a diversas atividades, como costura, bordado, crochê, confecção de tapetes, lavagem de roupas, culinária e leitura da Bíblia. Dona Ana tem “as práticas da vida” e se orgulha de ser a primeira a preparar o café da manhã. Natural da Ilha de Marajó, aprendeu desde criança a desempenhar uma infinidade de tarefas, como

gosta de afirmar, e é reconhecida como uma mulher sábia e justa.

Figura 29 - vaqueiro João Guará



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Natural da Ilha de Marajó, aprendeu desde criança a desempenhar uma infinidade de tarefas, como gosta de afirmar, e é reconhecida como uma mulher sábia e justa. Tia Ana ainda guarda memórias afetuosas tanto do trabalho nas fazendas marajoaras onde viveu quanto das atividades na cidade. Na juventude, residiu em Belém, onde frequentou o ginásio e formou-se em Técnica Contábil. Contudo, sua verdadeira paixão sempre foi a educação. Assim, tornou-se a primeira e única professora a lecionar no Mineiro, alfabetizando gratuitamente os filhos dos vaqueiros de diversas propriedades.

Dona Ana viveu mais da metade de sua vida nas fazendas da região do Arari, na Ilha de Marajó. Do outro lado do rio, compartilhou décadas ao lado de seu esposo, Lavino. Essa cabocla de olhos amendoados, que evocam traços japoneses, orgulha-se de sua ascendência afroindígena — e sempre fez questão de enfatizar: “Tenho sangue de preto em minhas veias”. Para ela, essa identificação era fundamental, refletindo tanto sua ancestralidade africana quanto indígena. Quem a conhece de perto a descreve como uma mulher de coração generoso, alma pura e translúcida. Dona Ana personifica a sabedoria de seus antepassados e os valores transmitidos por seus pais, Tio João e Tia Damica. Em tudo o que faz, busca a excelência.

Na fazenda Mineiro, Dona Ana destacava-se por preparar os melhores doces de leite e de ginja, além de um queijo de sabor singular, que, segundo seu filho Tibinho, foi o precursor do famoso queijo do Marajó. A ginja, fruta de coloração amarelo-esverdeada e sabor ácido, transformava-se em uma das sobremesas mais celebradas da região pelas mãos habilidosas de Dona Ana, como atestam aqueles que conviveram com ela na fazenda.

Dona Ana narra que a ginja só podia ser colhida em dois momentos do dia: 'antes ou depois do sol aquecer'. Na comunidade de Cima do Teso, havia apenas uma

única árvore dessa espécie, cultivada por ela e seus filhos pequenos ao lado da sede do Mineiro — e, curiosamente, frutificava o ano inteiro. Segundo Dona Ana, fora do quintal da casa do senhor João Cândido, na cidade de Cachoeira, essa planta não vingava em nenhum outro lugar, mas prosperou no Mineiro. No quintal de João Cândido, era cuidada por um alemão chamado Müller, e todas as tentativas de cultivá-la em outros terrenos da comunidade fracassaram.

Como ela mesma conta, “após colhida e lavada, a ginja era deixada de molho por horas, depois fervida no fogão a lenha por, pelo menos, quatro vezes. Em seguida, era escorrida numa peneira de jacitara e deixada ao ar para reduzir o azedume”.

Ela ainda recorda que, “após escorrida, a fruta retornava ao fogo, em banho-maria, até começar a mudar de cor”. Somente depois disso, Dona Ana misturava a calda e deixava que fervesse por cerca de uma hora, ou até que as frutas adquirissem uma coloração avermelhada. Com sua habilidade única e sabedoria acumulada ao longo dos anos, a fruta da ginjeira ganhava uma tonalidade rosada intensa, essencial para que o doce de ginja ficasse perfeito. O resultado era uma combinação harmoniosa entre o sabor doce e um toque levemente ácido. “Era uma delícia!”, diziam os meninos daquela época, que misturavam farinha da baguda à raspa da panela, segundo ela mesma recorda.

Além do doce de ginja, Dona Ana era mestre na preparação de três tipos de doces feitos com leite de búfala: liso, granulado e de soro. Segundo ela, a proporção ideal era de quatro litros de leite para dois quilos de açúcar, podendo ser granulado ou refinado. Esses doces exigiam temperatura controlada e atenção constante à panela, razão pela qual sempre deixava 'um dos moleques na bicora do fogão', enquanto cuidava de outras tarefas domésticas. O doce liso e o de soro eram mais simples de fazer, enquanto o granulado demandava maior cuidado. Dona Ana também tinha um 'truque' especial para o preparo, mas nunca revelou esse segredo. O zelo era tanto que não permitia que pessoas de fora da casa, mesmo que conhecidas, se aproximassem da cozinha durante a produção dos doces.

Com esse cuidado, Dona Ana narrou o processo de fabricação do queijo do Marajó como um trabalho que lhe exigia ainda mais tempo e dedicação. Mantendo o mesmo rigor, ela explicou que “a presença de pessoas estranhas na casa, perto do

fogão a lenha, perturbava as energias envolvidas na produção”. Descreveu a fabricação do queijo como um verdadeiro ritual, que começava com a separação dos bezerros e passava pela coleta e seleção do leite. Segundo ela, “quando as vacas estavam com bezerros novos, produziam um leite mais ralo, menos denso, mas em maior volume”, relembrou. Com o crescimento dos bezerros, “as búfalas produziam um leite mais espesso, porém em menor quantidade”. Dona Ana preferia um leite com equilíbrio entre textura e gordura, garantindo uma massa de coalhada superior. Segundo ela, apenas o vaqueiro Cabo Zeca conseguia produzir um queijo parecido com o seu.

Ao prosseguir com suas reminiscências, Dona Ana recorda que “o leite destinado à feitura do queijo do Marajó era separado previamente, ainda no curral, e passava por um processo de coagem antes de ser armazenado em uma panela levemente coberta, vedada com pano e tampa. Deixado para coalhar durante a noite na despensa, o espaço mais protegido da casa”. Um ou dois dias depois, o processo de elaboração do queijo era retomado com a separação da nata para a produção da manteiga. Nesse momento, ela observava o leite e comentava com seu Lavino sobre a pastagem das búfalas, mencionando quando estas não haviam consumido o capim-de-marreca ou quando esse pasto estava escasso. Da nata, retirava a banha do leite para preparar os alimentos e a manteiga para fritar a massa do queijo.

Para obter uma quantidade suficiente de banha e produzir um, dois ou mais quilos de queijo, era necessário separar uma quantidade maior de leite e deixá-lo para coalhar. Segundo ela, “quanto maior o tempo de coalha, maior a espessura da nata”. Essa nata podia ser acumulada ao longo de dias para ajustar a textura da manteiga, da borra e da banha. Como relataram seus filhos, Tibinho, Ivani e Gisele, bater a nata até atingir o ponto ideal de manteiga era uma tarefa árdua e cansativa. Para derreter a manteiga, era preciso aquecê-la e vigiar a fervura para não transbordar a borda da panela. A recompensa por todo esse esforço era misturar a borra com açúcar e farinha da baguda”, relataram os filhos dessa cabocla da Ilha de Marajó.

Seguindo com suas histórias, Dona Ana explicou que separava a nata da coalhada e a reservava em uma panela até acumular uma boa quantidade, designando a tarefa de bater e ‘apurar’ a nata a um de seus filhos. “Eram horas de

trabalho até alcançar o ponto de apuração. Depois de apurada, a manteiga era lavada e levada ao fogo brando, em uma panela, para ser derretida e liberar todas as estilhas da coalhada, do soro e do leite”, detalhou. O que sobrava desse processo era a borra da nata, aguardada com ansiedade por seus filhos. Segundo suas filhas, Niura, Gisele e Ivani, a borra era a parte mais apreciada, misturada com farinha e açúcar - uma delícia tão esperada quanto a ‘raspa’ da panela do doce e do queijo.

Dona Ana relata que, para separar a massa da coalhada do soro, utilizava um “saco branco de algodão limpo, como aqueles usados para embalar açúcar”, reservado exclusivamente para essa tarefa. Segundo ela, “extrair o soro da massa exigia bastante força, então eu deixava o saco pendurado por várias horas”. Após esse processo, a massa era fervida duas ou mais vezes. Na última fervura, Dona Ana acrescentava sal a gosto e deixava cozinhar em banho-maria até que se formassem pequenas bolinhas, semelhantes à farinha de tapioca.

Em seguida, a massa era colocada para escorrer em uma peneira de jacitara, por cerca de uma hora. Durante esse período, Dona Ana mencionava que adicionava água limpa e coada, em temperatura ambiente, simulando um choque térmico. Depois de escorridas, as bolinhas estavam prontas para serem fritas na “manteiga de leite”, até formar a liga e o queijo ficar no ponto ideal.

Eu não tinha forma, então aproveitava as latas quadradas de óleo, vazias e abertas em um dos lados. Era onde eu despejava o queijo e amassava-o ainda quente para ficar mais denso e liso. Quando frito na banha do leite, o queijo pode durar dias e até semanas. Mas, ao primeiro sinal de ‘ranço’, deve ser descartado ou usado como alimento para as galinhas (Dona Ana, janeiro de 2024).

Para conservar o queijo, Dona Ana tinha seus truques: “enrolava o queijo em um pano limpo e guardava-o no interior de uma lata, junto à farinha, técnica que ajudava a prolongar a sua conservação”, relatou Ivani. Nas propriedades do outro lado do rio, especialmente nas fazendas da comunidade de Cima do Teso, as pessoas desenvolviam uma ampla variedade de habilidades. Essas práticas surgiam de forma natural, fruto da criatividade de cada um, em resposta às necessidades do cotidiano, como se fossem guiados por “pessoas invisíveis”.

Assim, Dona Anamaria dominou técnicas de primeiros socorros e fez questão

de orientar seus filhos, pois, vivendo longe da cidade, era essencial que soubessem como agir em situações de emergência. Ela aprendeu a estancar hemorragias e a preparar remédios caseiros para diversas enfermidades, ferimentos e machucados. Com raízes afroindígenas, Dona Ana preservava tradições ancestrais no cuidado com a saúde e na relação com a natureza. Mantinha uma pequena horta nos fundos da casa, onde cultivava plantas medicinais, seguindo conhecimentos transmitidos por gerações. Para fertilizar esse espaço, ela e seus filhos coletavam esterco seco nos altos do teso. Contudo, durante o verão, quando o poço secava, a horta se tornava temporária, e, mesmo assim, ela se dedicava ao cultivo das espécies mais resistentes.

Além de ser professora, nas horas vagas, Dona Ana se dedicava a outras atividades, como costurar, consertar tarrafas e rachar lenha. Ela era responsável por ornamentar os chapéus dos vaqueiros marajoaras, tanto os de seu Lavino quanto os de seus filhos, todos feitos de palha de carnaúba. As abas desses chapéus eram personalizadas por ela utilizando sua antiga máquina de costura Vigorelli, que a acompanha desde 1967 sem nunca precisar de reparos. As barbotas, feitas sob medida, eram requisitadas não apenas por sua família, mas também por outros vaqueiros que apreciavam suas personalizações. Dona Ana também costurava as roupas da maioria de seus filhos, especialmente dos filhos pequenos, utilizando a mesma máquina Vigorelli, que segue funcionando até os dias atuais (figura 29).

Figura 30 – A máquina de costura da Dona



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Dona Ana recorda com carinho que Tibinho era o filho mais encantado com as peças que ela criava, em especial “os tocós e os shorts largos, com cordão na cintura, que ele adorava usar na altura do ‘rendengue’”. Nascida em uma família de vaqueiros e criada na fazenda São João do Arari, ou São João do Horácio, Dona Ana também era uma hábil vaqueira. Ela sabia consertar tarrafas manualmente, utilizando agulha e aplicando caseados com destreza e perfeição.

No papel de professora, Dona Anamaria dedicava-se a reunir as crianças do Mineiro e das fazendas próximas, de segunda a sexta-feira, “a partir das três da tarde, ao redor da mesa da cozinha” para as atividades escolares. Os cadernos utilizados eram produzidos por ela mesma, utilizando folhas de papel ao maço compradas no comércio de Cachoeira do Arari. Essas folhas eram cortadas “ao meio e costuradas à mão com agulha e linha grossa”, um exemplo de sua engenhosidade e dedicação.

As aulas abrangiam Português, Ditado, Matemática, Tabuada e Ciências, garantindo uma formação básica, mas essencial para os pequenos. As lições eram extraídas de livros doados pelos “brancos”, enviados de Belém para serem utilizados pelos ‘moleques’ da fazenda, ajudando a aproximar o conhecimento de um cotidiano muitas vezes distante dos recursos urbanos.

No Mineiro, a gente ganhava bastante livros, todos usados. Às vezes, das séries mais adiantadas. Aproveitávamos todos, mas sem recortar nenhum, mesmo sendo usados. Esses livros foram úteis para meus filhos aprenderem, porque eles não podiam ir à cidade de Cachoeira, pesquisar os assuntos que lhes passavam na escola (Dona Ana, janeiro de 2024).

Segundo relatos de sua filha Gisele, durante as aulas de leitura e tabuada, 'a palmatória tinha um espaço garantido na cabeceira da mesa, ao lado direito dela'. Era um símbolo de disciplina, mas também de respeito pelo aprendizado. Todos os dias, Dona Ana dedicava-se a tomar as lições de tabuada, corrigir as contas, revisar as atividades de ditado e supervisionar a cópia do ditado, sempre atenta às dificuldades de cada criança.

Segundo Dona Ana, “Tibinho não gostava de fazer a cópia nem de estudar tabuada, já que nunca errava uma conta, nem mesmo a tabuada dos nove fora, como ele costumava dizer”. Sua habilidade com números dispensava esforços extras, tornando-o uma figura curiosa entre os alunos reunidos ao redor da mesa da cozinha.

Ele tinha um raciocínio rápido e fazia contas de somar, dividir e multiplicar de cabeça. Às cinco horas da tarde, eu encerrava a aula para os moleques brincarem, encherem o tanque com a água do poço; racharem e recolherem a lenha; dobrarem e prenderem os bezerros das búfalas no curral (Dona Ana, janeiro de 2024).

Dona Ana deu à luz onze filhos, e todos eles foram alfabetizados por ela. Segundo seus relatos, enfrentou grandes desafios durante os partos de Luquita e Tibinho, ocasiões em que quase perdeu a vida. No parto de Lucas, em particular, ela lembra que deu bastante trabalho às parteiras. Esse nascimento aconteceu na propriedade localizada nas terras de Cachoeira, onde sua avó, Edwiges Gomes de Paula, atuou como parteira, contando com o apoio de sua mãe, Damiana, e de sua irmã Maroca. Esta última, posteriormente, se tornou a parteira responsável pelos partos de seus filhos mais jovens. De acordo com Dona Ana:

o parto do Lucas foi complicado e minha avó, em momento de desespero, “pediu auxílio divino e, olhando para as imagens de São Raimundo Nonato e São Lucas, que estavam em uma prateleira, prometeu que, se recebesse ajuda e o bebê nascesse saudável e fosse do sexo masculino, se chamaria Raimundo Lucas, pois tanto ela quanto a mamãe já estavam exaustas. Ela recorda que “uma vela branca foi acesa e a criança nasceu com saúde, embora com o cordão umbilical enrolado no pescoço, e recebeu o nome de Raimundo Lucas (Dona Ana, agosto de 2024).

A história de vida de Dona Ana é marcada por momentos de fé e superação. Sua determinação e resiliência na criação e educação de seus filhos são fontes de inspiração. Tanto que, ao voltarmos nossos olhares para o Tibinho, descobriremos como os ensinamentos e exemplos de Dona Ana e seu Lavino moldaram suas conquistas e influenciaram profundamente a trajetória de vida desse vaqueiro.

c) Tibinho, o aprendiz

A Ilha de Marajó, situada na foz do rio Amazonas, apresenta duas estações climáticas distintas que afetam diretamente o modo de vida dos seus habitantes. Do outro lado do rio Arari, as estações de verão e inverno moldam as atividades e os desafios enfrentados pelo vaqueiro da região de Cima do Teso.

Se por um lado, no verão, o cenário é marcado pela seca e pela presença de aves como os jaburus, que se aglomeram nos açudes e igarapés em busca de peixes presos nas poças de água, por outro, essa estação representa um período de desafios para as pessoas da comunidade. Dona Ana, esposa do vaqueiro Lavino, relata que, para os moradores, o verão simboliza a escassez em todos os aspectos: de água, alimentos, frutas e até de animais, exigindo estratégias de adaptação para garantir a sobrevivência. Nesse período, os animais de maior porte são levados para a área do Cuberto onde há mais pasto e água. Este movimento traz à tona vários desafios enfrentados pelo vaqueiro marajoara: sol intenso, atoleiros, poeira, seca, distância de casa, longas horas de cavalgada, fome, sede e a necessidade de maior atenção aos animais enfraquecidos.

E, por outro, no inverno, 'o campo vira mar' com chuvas intensas e a chegada das marrecas, um tipo de pato selvagem em busca de alimento. No entanto, conforme observa Dona Ana, o inverno, que traz a 'fatura' na forma de pastos renascidos, abundância de água e frutificação das árvores, também impõe desafios próprios. Durante esse período, os animais retornam às terras das fazendas da Comunidade, os pastos florescem e a água se acumula intensamente, transformando a paisagem. Contudo, essa transformação não representa apenas abundância - ela também exige adaptação por parte dos moradores, que precisam lidar com desafios específicos dessa estação. Apesar da aparente prosperidade trazida pelo inverno, as dificuldades persistem, especialmente no que diz respeito às condições de vida da comunidade e à necessidade de recursos essenciais para os animais. Ainda que o período chuvoso favoreça o renascimento dos pastos e a abundância de água, ele não compensa totalmente as carências deixadas pelo verão, criando um ciclo contínuo de desafios e reajustes para aqueles que vivem na região.

Nas fazendas da Comunidade, assim como nas mais afastadas, as mulheres grávidas enfrentam grandes dificuldades, especialmente quando a hora do parto se aproxima - um momento que é incerto. De acordo com Dona Ana, devido à distância até a cidade mais próxima, Cachoeira do Arari, e às dificuldades do percurso, as parteiras que moravam na cidade, na época em que Dona Ana residia no Marajó, frequentemente precisavam viajar até as fazendas e permanecer por alguns dias para

ajudar as futuras mães a organizarem os preparativos para o parto.

Na Fazenda Mineiro, as condições eram um pouco mais favoráveis para Dona Ana, já que a localidade está situada a cerca de 4,5 km da cidade. No entanto, nas demais propriedades em que seu Lavino atuou, a parteira precisava permanecer na fazenda antes e após o nascimento dos bebês, acompanhando as mães até o fim do período de resguardo. Dona Ana relata que sua primeira filha nasceu na cidade de Belém, enquanto os outros filhos vieram ao mundo em diferentes locais: Progresso, Vencedora, São João do Arari e Cachoeira do Arari. Nesses partos, sua avó, Edwiges Gomes de Paula, foi a parteira que a assistiu, contando com o auxílio de sua mãe, Damiana, e de sua irmã, Maroca. Esta última assumiu o papel de parteira para os demais filhos, principalmente aqueles que nasceram no Mineiro.

Durante as gravidezes de Dona Ana, seu Lavino fazia questão de se manter por perto, sempre com um cavalo manso de prontidão. Normalmente, mantinha uma marrequeira, um animal ainda mais dócil, presa na cerca da casa. Assim, ao primeiro sinal do parto, poderia ir rapidamente buscar a parteira na cidade, mesmo à noite: “ele sempre agia dessa forma desde a gravidez do Diock, do Tibinho, da Gisele, do Giovanni e da Ivani, todos nascidos no verão” relembra Dona Ana (janeiro, 2024). Segundo suas lembranças, nesses períodos, ela se abstinha de montar a cavalo para não prejudicar os bebês e, como não havia carroças ou outros meios de transporte na fazenda e na vizinhança, ela precisava ficar na propriedade até dar à luz.

Ao partilhar parte de suas memórias, Dona Ana revelou que teve problemas em dois dos seus onze partos. No nascimento de Lucas, o quarto filho, ela enfrentou grande dificuldade. No entanto, o parto de Tibinho, sua oitava gestação, ocorreu sem complicações. Porém, após o parto, ela sentiu-se mal, ficou sem forças e teve um sangramento significativo.

Além dessas lembranças, Dona Ana compartilhou que Tibinho, assim como todos os outros filhos homens, tornou-se vaqueiro ainda na tenra idade. Em sua narrativa, ela descreveu com detalhes os desafios e as alegrias de criar seus filhos em meio às dificuldades do campo.

Na madrugada do dia 22 de dezembro, aproximadamente às 02 horas, senti as primeiras pontadas, então, levantei, acendi a lanterna e chamei o Lavino.

Ele veio, acendeu a lamparina e foi preparar o fogo para ferver a água. Ficamos na área da cozinha, enquanto ele aprontava o café. Os sinais eram bem espaçados. Depois de certo tempo, outro sinal. O Lavino, então, saiu no escuro, foi pegar a castanhinha para selar e ir até Cachoeira, buscar a Maroca. Eu fui pro quarto. Não deu tempo nem de deitar na rede. Quando o Lavino passou do lado da janela do quarto, o menino chorou e ele escutou. Então, ele deixou a égua e chamou o Lucas. Nessa época, tinha de 13 pra 14 anos, e mandou ele ir buscar a Maroca, na Cachoeira. O Tibinho nasceu rápido, não deu trabalho, mas depois... Seguindo minhas orientações, o Lavino pegou o bebê do chão, cortou o cordão umbilical, limpou o corpo, desobstruiu as narinas e o deixou na rede. Naquela época, nas fazendas, dormia-se só em redes. Só então ele pôde dar atenção me ajudar. Minutos depois, já na rede, colocou o bebê no meu colo para mamar pela primeira vez. Todo esse trabalho foi realizado à luz de uma lamparina e de uma lanterna, com extremo cuidado para evitar acidentes. Por volta das seis horas da manhã, o Luquita chegou com a Maroca, que finalizou os serviços e ficou o resguardo inteiro, comigo, no Mineiro (Dona Ana, janeiro de 2024).

Figura 31 - O vaqueiro Tibinho



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Revisitando suas memórias, Dona Ana mencionou que Tibinho veio ao mundo na segunda quinzena de dezembro, próximo ao Natal, no fim do verão de 1967 e início do inverno de 1968. Apesar de seu nascimento ter sido sereno, sua educação não demandou cuidados especiais. Dona Ana afirma que ele recebeu a mesma atenção e afeto que os outros filhos. Seus irmãos mais velhos recordaram que sua cabeça era desproporcionalmente grande em relação ao corpo, o que lhe conferiu o apelido de Tibinho ou Tiquinho. Entretanto, Dona Ana preferia chamá-lo de 'Diby', inspirado no personagem de um livro que havia lido em sua juventude e que, segundo ela, significava "um grande homem".

Embora a constituição física de Tibinho fosse delicada, Dona Ana mencionou que ele apresentava uma impressionante capacidade de foco e memorização das informações sobre a fazenda e os animais. “Ele dava fé de tudo. Mas não tínhamos certezas sobre a vida dele, mas ele valorizava tudo, vivia brincando, correndo, falando, aprendendo, sorrindo e cantando pelos campos” (Dona Ana, janeiro/2024). Segundo ela, Tibinho aprendeu a montar a cavalo muito cedo e, aos três anos, já era capaz de dobrar os búfalos e prender os bezerros no curral. No início, seu cavalo preferido era uma égua chamada Codorninha, que, além de ser sua primeira montaria, também foi professora de outros vaqueiros, transmitindo experiência e confiança aos que aprendiam a lidar com os animais.

Em certa ocasião, no final do verão, o céu escureceu e as nuvens se tornaram densas. O vento forte anunciava a chegada do inverno, limpando a poeira e a sujeira do campo como se estivesse preparando a terra para receber as chuvas. Era uma tarde do mês de dezembro de 1969, um grande temporal se formou para as bandas da enseada. Tibinho, saiu de casa para saudar a chuva, corria e gritava de alegria, mas acabou se ferindo. Ignorou minhas ordens para ficar em casa. Só escutei o grito e corri. Uma telha, levada pelo vento, atingiu a cabeça desse pequeno (Dona Ana, janeiro de 2024).

Dona Ana recorda o dia em que encontrou seu filho Tibinho no chão, com o rosto ensanguentado após ouvir seu grito de dor. Para tratar o trauma, ela pressionou o ferimento até controlar a hemorragia. Após alguns minutos, o sangramento cessou, permitindo que ela avaliasse a lesão. Felizmente, não era grave, embora houvesse um pequeno corte acima do olho esquerdo. Tibinho foi deixado em repouso no chão da sala enquanto ela fechava as janelas e portas para proteger a casa da chuva. Esse acidente deixou-lhe uma cicatriz permanente próxima à testa, segundo ela.

Na região do Marajó, algumas pessoas mais antigas acreditam que o oitavo filho de um vaqueiro requer cuidados especiais, uma ideia transmitida ao longo das gerações. Seu Lavino e Dona Ana tiveram sete filhos antes de Tibinho e mais três após ele, formando uma família de treze pessoas. Os primeiros filhos foram morar em Belém para estudar, retornando ao Marajó apenas nas férias. Mas Tibinho permaneceu na fazenda com os pais e os irmãos mais novos, Gisele, Giovanni, Ivani e Lavinio.

Na fazenda, a rotina de Tibinho começava cedo, antes do amanhecer. Ele

ajudava na tiragem do leite das búfalas e gostava de consumir a “tipuca” das vacas preferidas: Boa Noite, Sanfona, Pampulha e Cambraia. Esse hábito foi crucial para ele se desenvolver e se tornar vaqueiro, apesar da idade, de acordo com Dona Ana.

Em certo período, porém, Tibinho contraiu caxumba, também conhecida como papeira (*parotidite bilateral*), acompanhada de uma infecção respiratória grave que resultou em perda auditiva temporária e sequelas. Diante da gravidade do quadro, Dona Ana buscou atendimento médico na cidade. Naquela época, a figura do político e do médico frequentemente se sobrepunham, e o prefeito da época, Guilherme Feio, prescreveu cerca de vinte e duas injeções, cujo nome do medicamento ela não se lembra. No entanto, ela decidiu não seguir o tratamento recomendado e optou por utilizar remédios caseiros, usando ervas medicinais cultivadas na horta, que mantinha atrás da casa do Mineiro, para tratar o filho.

Dona Ana, mulher fervorosa, manteve a crença no Deus que seus pais lhe apresentaram na infância e juventude. Herdeira de uma tradição de firmeza e sabedoria, ela recorria às plantas medicinais para tratar a saúde de seus filhos. Para cuidar de Tibinho, ela utilizava uma combinação de banha de galinha e de bicho do tucumã, chá de amor crescido e hortelãzinho, banhos de arruda, pião roxo, pião branco e língua de vaca, além de pílulas de matos e de jalapa. Essas pílulas, que se assemelhavam a chumbos de cartuchos de espingarda, eram administradas diariamente, dissolvidas em uma colherzinha de chá.

Em suas narrativas, ela recorda que seu Lavino, herdeiro de alguns segredos dos escravos, sempre que retornava do campo, cumpria um ritual de passar a perna sobre a cabeça de Tibinho, acreditando que trazia a cura enviada pelos vaqueiros encantados. Com os rituais realizados por Dona Ana e as 'mandingas' de seu Lavino, Tibinho começou a mostrar sinais de melhora e maior disposição, embora ainda não conseguisse ouvir. Durante o período em que esteve doente, as pessoas tinham de falar de frente, para que ele pudesse fazer a leitura labial. Dona Ana também derretia banha de galinha caipira e, com uma pena de galinha, aplicava-a no interior dos ouvidos do menino, dizendo: “ele nunca morreu”.

Certo dia, segundo relatos de Dona Ana, seu Lavino saiu de casa cedo, ainda de madrugada, e retornou por volta das três horas da tarde. Entrou pela porta da

cozinha, perguntando pelo menino. Dona Ana respondeu que Tibinho brincava no terraço e já conseguia ouvir. Incrédulo, seu Lavino se aproximou lentamente e perguntou ao menino sobre o que estava brincando: “ei, suomi, de que o senhor tá brincando, já?”. Tibinho respondeu prontamente, dizendo que estava laçando poldros, o que quase fez seu Lavino chorar.

Os brinquedos favoritos de Tibinho incluíam cavalos de sola, produzidos por seu irmão Lucas, cavalos de pau, feitos de finos galhos de envireira ou folhas de tucumãzeiro, além da construção de currais para búfalas, que eram feitos de caroços de tucumã. Ele também tinha paixão por futebol e pelas leituras. Durante as férias, Dona Pequeninina e seu Aureliano, proprietários da fazenda Mineiro, levavam gibis e brinquedos para alegrar as crianças da casa, além de livros. Foi nesse período que Tibinho começou a se interessar pelos personagens de quadrinhos que conheceu, como Tio Patinhas, Pato Donald, Mickey, Minnie, Pateta, Ranulfo, Margarida, Patacôncio, Gastão, Huguinho, Zezinho, Luizinho, Mancha, Riquinho, Supermouse, Capitão América, Batman, Robin, Capitão Marvel, Lanterna Verde, os irmãos Metralhas e o Fantasma. No entanto, ele só entendeu o significado de 'histórias em quadrinhos' tempos mais tarde.

O garoto, ao ganhar uma coleção de 14 livros de Alfred Hitchcock, "devorou-os em apenas uma semana, surpreendendo a todos com sua incrível memória. Ele conseguiu descrever o enredo de cada obra quando perguntado", declarou Dona Ana. Além disso, “ele gostava de ler jornais, fotonovelas - sempre às escondidas da mamãe, e as edições da revista Placar” (Niura, janeiro/2024). Foi nessa rotina de leituras antigas que ele se familiarizou com os ícones do futebol brasileiro. Conheceu “Pelé, Garrincha, Tostão, Escurinho, Mesquita, Dico, Darinta, Dutra e Edson Cimento, sendo que este último foi reconhecido como o melhor goleiro do Brasil no ano de 1971”, segundo ele. Nessa época, Tibinho decorou os hinos de diversos clubes do país, mas sua verdadeira paixão sempre foi o Flamengo, relatou. Através da rádio Globo, ele também se encantou com as histórias de Zico, Adílio, Raul e Júlio César.

No Mineiro, seu Lavino tinha um rádio que “captava várias emissoras de diferentes cantos do mundo, como a Globo, a BBC de Londres, a Difusora de Manaus e a Nacional de Brasília”, relatou sua irmã Gisele. Esse aparelho era conectado a dois

fiões de arame: “um preso a uma vara acima do telhado, que funcionava como antena, e o outro, enterrado no chão, embaixo do assoalho da casa”, ela completou. Através desse rádio, “ele acompanhou eventos esportivos marcantes, incluindo a Copa do Mundo de 1978, a inauguração do estádio Mangueirão em Belém, o tricampeonato paraense do Remo em 1979 e o título mundial do Flamengo em 1981”, comentou Dona Ana. Ele se divertia explorando as ondas AM e tropicais de diversos rádios, conheceu estádios de todas as regiões do Brasil. Aos domingos, era como se “viajasse para o Maracanã, para torcer pelo Flamengo. Era como se ele estivesse presente na arquibancada; imaginava que a emoção deveria ser a mesma”, esclareceu ela.

Durante sua infância, “ele ganhou camisas de diversos times de futebol, mas nenhuma alterou o amor pelo Flamengo e a admiração pelo Clube do Remo”, ela falou. “Aos domingos, antes dos jogos, ele costumava cantar o hino do Clube do Remo, sintonizado nas transmissões da rádio Liberal AM”, segundo ela. Entre suas atividades preferidas, estava a de ouvir as partidas do Flamengo pela rádio Globo e as do Remo através da rádio Liberal AM, relatou seu irmão Giovanne.

A vida na fazenda era de grandes dificuldades, mas os meninos do Mineiro a ignoravam e desenvolviam as atividades de forma lúdica. Segundo o Tibinho:

A gente fabricava cavalos de pau, com os quais brincávamos de amansar poldros e laçar bois, usando caveiras secas presas ao curral, ou a algum esteio, levantado no campo. Cada moleque tinha seu próprio cavalo, geralmente com os mesmos nomes dados, pelos nossos pais, aos cavalos reais; utilizávamos cabrestos compridos, com uma argola na extremidade. Havia horário determinado para tudo. A rotina deveria ser cumprida conforme a ordem do papai e da mamãe, ou dos irmãos mais velhos (Tibinho, janeiro de 2024).

“As tarefas de buscar água no poço, cortar lenha, cuidar dos bezerros, trabalhar na horta e ouvir as mensagens na rádio foram importantes e valiosas para a gente mostrar responsabilidade” reportou Ivani (janeiro, 2024). Gisele complementa: “nenhuma atividade poderia ser negligenciada, inclusive a de ouvir as mensagens pela rádio Marajoara, sempre às treze horas” (janeiro, 2024).

No Mineiro, o programa do comunicador Almir Silva, “Alô, alô, interior!”, segundo Tibinho, era a forma mais eficaz e rápida de comunicação entre a capital e o interior do Estado do Pará. Quando uma mensagem era destinada a uma fazenda

sem rádio, mas ficava próxima ao Mineiro, seu Lavino ou algum dos meninos se encarregava de avisar o vaqueiro desse lugar, relatou Dona Ana. Essa tarefa, muitas vezes, coube a Tibinho, segundo suas lembranças.

O Tibinho desenvolveu a habilidade de leitura e escrita muito cedo, sem necessitar de apanhar para cumprir as tarefas. Mas não gostava de fazer a cópia do ditado; era um menino que se esforçava para escrever certo, logo, na primeira vez. Aos seis anos, ele já tinha aprendido tudo, então, foi para Cachoeira, estudar, mas não aguentou a saudade. A casa da Maroca, acolhia muitos meninos das fazendas, como Campo Limpo, Bom Jardim, Livramento, Lavrado, Ibacoby e Cururu. Em Cachoeira, Tibinho teve dificuldades para se adaptar: “a Maroca dizia que esse menino chorava todos os dias sentindo falta Lavino. Durante os três meses que ficou lá, contraiu uma doença, que era desconhecida na época, e que atualmente é conhecida como conjuntivite, o que o impedia de abrir os olhos. Ficou assim por duas semanas. Depois que ele recuperou, o pai Lavino levou os meninos, Tibinho e Diock, de volta ao Mineiro, de onde eles iam à cidade, diariamente, para estudarem no Grupo Escolar Delgado Leão (Dona Ana, janeiro de 2024).

De acordo com Lucas, a distância do Mineiro à beira do rio, em frente à cidade de Cachoeira, é de cerca de 4,5 km, passando pelo mato, Igarapé das Almas e as três ilhas até alcançar a margem do rio. Ali, os cavalos ficavam amarrados nas mangueiras plantadas nos fundos da casa do senhor Osvaldo Tapuru, uma personalidade icônica dessa área. Para atravessar o rio, ele utilizava uma canoa ou um casco movido a remo. No entanto, quando ele não estava ‘bem’, seu filho, Raimundo Afonso, conhecido como ‘Boto’ devido à sua impressionante capacidade de permanecer em apneia no fundo do rio, assumia essa tarefa. Segundo Dona Ana, foi esse senhor quem ensinou seus filhos a nadarem.

Nos anos iniciais da década de 1970, Tibinho e Diock iam sozinhos para a escola em Cachoeira. Em uma ocasião dessas, a inexperiência desses meninos quase resultou em tragédia. No inverno, o rio Arari enche e fica largo e a correnteza fica muito forte. Sem ter alguém para levá-los para o lado de cá do rio, eles decidiram atravessar sozinhos, na canoa que estava lá, d’outro lado. Usaram tabatinga para calafetar as brechas da canoa, mas, no meio do rio, a pressão da água fez o calafeto ceder e a canoa começou a afundar. Felizmente, a canoa não afundou completamente; ficou de bubuia e a correnteza os levou na direção das pedrinhas, bem por debaixo das árvores de cuieiras, onde eles se seguraram nos galhos e gritaram por socorro (Dona Ana, janeiro de 2024).

No lado de Cachoeira, à margem do rio Arari, ficava o “curro velho”, como era chamado o matadouro da cidade de Cachoeira. Ali, trabalhava um senhor chamado

Pedro Melo, que também era pescador. Esse caboclo, profundo conhecedor do rio Arari, era responsável por transladar a carne até o mercado municipal utilizando um 'batelão', uma embarcação pequena que pode ser conduzida a remo, motor de popa ou vara; atualmente, é chamada de 'rabuda'. Foi esse senhor quem os socorreu, e a canoa do seu Osvaldo Tapuru, levando-os para a margem segura do outro lado do rio, relatou Dona Ana.

Naquele dia, Tibinho montava uma égua pedresa chamada Codorninha, enquanto Diock montava a égua Castanhinha. Ambas eram usadas como marrequeiras durante as caçadas que o Lavino fazia para levar comida para casa. Tibinho tinha uma língua de trapo, nem bem apeiou, foi logo relatando o ocorrido. Quando o Lavino voltou do campo, contei a ele, que foi orientar os meninos sobre como atravessar o rio com segurança, enfatizando que nunca deveriam fazê-lo sozinhos (Dona Ana, janeiro de 2024).

A vida no Mineiro não era fácil, conforme relatos de Dona Ana. No entanto, no verão de 1977, a seca tornou mais grave a situação. Segundo suas narrativas,

Nesse ano, secou tudo. O Lavino tinha de ir lá pra dentro, olhar os bichos, eu ficava sozinha com as meninas. Os meninos ajudavam o Lavino a cuidar dos animais. Quase tudo o que gente comia, era comprado em Cachoeira: carne, farinha, feijão; peixe, só quando dava pro Lavino ir tarrafeiar, que ele trazia. O que salvava eram os frangos, que eu criava. A gente juntava caroço de tucumã, no mato, quebrava, retirava as amêndoas e pilava no pilão, para fazer ração para dar o de comer às galinhas, que era para gente ter o que comer. Toda semana, a gente tinha de cavar o poço, mesmo assim, a água era pouca. Tinha de retirar do poço e esperar “sentar” para coar, encher os potes e cozinhar. Em janeiro, do ano seguinte, o Lavino que recolher os animais e trazer de volta antes dos “brancos” chegarem. Quando eles chegaram, fui conversar com a Dona Pequenininha, para obter uma reparação. Foi, então, que ela consentiu que o excedente do leite produzido pudesse ser vendido em Cachoeira e o apurado fosse utilizado para comprar cadernos, canetas, livros e uniformes para os meninos. Mas, naquela época, havia poucas vacas dando leite; a produção ficou limitada ao inverno, já que no verão os animais eram levados para as terras do Tio Lota, pai do Lavino, na região do Cuberto. Tibinho ficou encarregado da venda do leite, cuidar dos vasilhames, do envasilhamento e do transporte. Ele andava pelas ruas da Cachoeira anunciando o leite; as pessoas faziam perguntas sobre o preço da água ou sobre a quantidade do leite misturado. No entanto, o leite que ele vendia era puro, sem mistura, e os bezeros eram separados das mães todas as tardes, dormindo presos durante a noite (Dona Ana, janeiro de 2024).

De acordo com Dona Ana, o verão seguinte se apresentou mais suave e, em fevereiro de 1978, seu irmão, Nazareno, visitou-a no Mineiro. Durante essa visita, conversaram sobre a possibilidade de Diock, irmão mais velho de Tibinho, mudar-se

para sua casa em Belém para estudar, já que Nazareno era padrinho de Diock. Naquele ano, Tibinho, que já atuava como vaqueiro, passou a ir sozinho à escola na cidade e a amansar poldros e cavalos mais ariscos. Entretanto, seu cavalo favorito era King, um puruca melado, famoso por sua velocidade e resistência. A conexão entre eles era tão forte que os outros vaqueiros os viam como os 'reis' dos campos, tanto nas corridas longas como nas competições de tiro curto, superando qualquer adversário em todos os tipos de terrenos.

Embora tudo parecesse tranquilo, o ano de 1979 trouxe desafios inesperados para Dona Ana e seu Lavino. Dona Ana relatou que teve sérios problemas de saúde e precisou buscar tratamento na cidade de Belém. Na fazenda, segundo ela, "ficaram o Lavino, o Lavinito, o Tibinho e a Tia Vicência, mãe do Lavino, para cuidar da casa e dos filhos mais novos: Gisele, Giovanni e Ivani". Ela acrescentou que Tia Vicência assumiu a responsável pelas crianças, preparando as refeições e lavando as roupas, contando com a colaboração dos meninos. Naquela época, segundo Dona Ana, a única forma de comunicação com Belém era através de cartas e bilhetes levados por algum tripulante de confiança dos barcos de linha até aos portos da capital Belém: Pedra do Ver-o-Peso, Feira do Açaí e Vasconcelos.

De acordo com suas narrativas, ficou-se sabendo que seu Lavino não sabia ler nem escrever. Foi Dona Ana quem lhe ensinou a assinar o nome e realizar leituras simples, suficientes para apanhar o ônibus em suas viagens a Belém, onde prestava contas das atividades da fazenda. Tibinho era quem o auxiliava com a escrita e na leitura das cartas e bilhetes, além de fazer as anotações relacionadas à fazenda. Aos domingos e quintas-feiras, após o almoço e antes de dobrar os bezerros, ele tinha a responsabilidade de escrever cartas para Dona Ana, que se recuperava na capital. Durante esse período, foram ditadas, escritas e lidas várias correspondências, totalizando pelo menos oito por mês. Nesse tempo, Tibinho testemunhou seu Lavino derramar uma lágrima uma única vez, revelando saudade e preocupação.

De acordo com suas histórias, foi nessa época que Tibinho recebeu sua única nota baixa na escola, na disciplina de Ciências, lecionada pelo professor Raimundo Engrácio. Ainda assim, 'ele disse que não ficou muito preocupado, pois tinha confiança em suas habilidades'. Na fazenda, aprendeu diversas atividades e, conforme

comentou Dona Ana, desde cedo demonstrava talento para laçar, montar em poldros e manter os arreios em ordem. Mesmo com pouca idade e estatura, era visto como um vaqueiro experiente e dedicado aos estudos. Realizava, por conta própria, tarefas como tarrafejar no açude da Fátima, no igarapé de Santo Antônio e no igarapé das Almas antes de ir para a escola na cidade, garantindo o almoço do dia. Consertava buracos na tarrafa manualmente ou com a agulha, rachava lenha no mato, cuidava dos cavalos, tirava o leite das vacas, manejava os búfalos e puxava água do poço para as atividades diárias e higiene pessoal. No final do ano, obteve aprovação para a quinta série, segundo narrou Dona Ana.

Dona Ana contou que o Grupo Escolar Delgado Leão, onde Tibinho estudava, oferecia ensino apenas até a quarta série primária. Por isso, ele foi transferido para a Escola Cenequista José Rodrigues Viana, onde ingressou na 5ª série do curso ginásial. O site da CNEC traz a seguinte informação acerca da CNEC: “Um ginásio apenas era nossa meta, mas a ideia se espalhou pelos generosos corações brasileiros e transformou-se na maior obra de ensino comunitário das Américas (...)” – Felipe Tiago Gomes (fundador).

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) surgiu em 1943, em Recife (PE), para atender crianças e jovens que não possuíam ofertas de estudos pelo poder público ou não tinham condições financeiras para ingressar em colégios privados. Do sonho de um jovem acadêmico de Direito, o visionário Felipe Tiago Gomes, a Instituição implantou um modelo brasileiro de escolas no Brasil que envolvia a comunidade na construção da missão do projeto. O então movimento Ginásiano Pobre foi acolhido como uma ponte para a participação, o desenvolvimento e a independência das regiões mais interiorizadas. De caráter filantrópico, a CNEC mantém seus valores pautados na formação de líderes capazes de mobilizar iniciativas pelo bem comum. Com mais de 80 anos de tradição, celebrou, em 2018, a terceira geração de “cencistas”. Depois de avós e pais, agora a CNEC forma netos (Consulta realizada em setembro de 2024).

De acordo com Dona Ana, a unidade escolar foi criada pela Campanha Nacional das Escolas da Comunidade (CNEC) para funcionar como internato sob a direção da professora Maria Carlaide Viana e Silva. O objetivo inicial era atender filhos de vaqueiros que cursavam o ginásio. O colégio, conhecido como José Rodrigues Viana (JRV), acolhia estudantes das fazendas tanto do lado de Cachoeira quanto das terras de Ponta de Pedras. No entanto, naquela época, a escola já havia ampliado

seu atendimento para a comunidade local, mediante uma contribuição mensal de aproximadamente Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros antigos), valor que correspondia a metade do salário recebido por seu Lavino na fazenda, conforme relatou Dona Ana.

Neste contexto, segundo ela, Dona Pequenina e Dona Ana estabeleceram um acordo para comercializar o excedente do leite produzido na fazenda, garantindo recursos fundamentais para manter os estudos de Tibinho e Lavinio. Em troca, durante o verão, os animais poderiam ser trasladados para as terras do Tio Lota, na região do Cuberto, onde havia água e pasto em abundância. Segundo relatos de Dona Ana:

o Tibinho, que tinha talento para vender peixe, marreca e jaburu, encontrava facilidade em vender leite. Ele via essa atividade como uma diversão, embora levasse a sério. Todos os dias da semana, exceto aos sábados e domingos, ele se dirigia à cidade para vender o leite, mas só atendia encomendas nos fins de semana (Dona Ana, janeiro de 2024).

Nesse tempo de descoberta, o jovem vaqueiro gostava de observar o ambiente marajoara sem afobação. Assim, quando retornava da cidade, conforme Dona Ana, “ele não tinha pressa para chegar em casa. Vinha parando pelo caminho nas árvores de ingazeiro e uririzeiro para apanhar as frutas e, no campo, para caçar ovo de tetéu para comer cozido ou frito com farinha”. Na fazenda, ele “consumia, à tarde, leite fervido com farinha da baguda ou pirão escaldado de jaburu ou tamuatá, caçado ou pescado no açude da fazenda Cururu”, ela relatou.

Além das tarefas domésticas e escolares, Tibinho e Lavinio auxiliavam seu Lavino nas atividades da fazenda. Entre suas responsabilidades estavam a condução e separação de búfalos e bezerros, a ordenha das vacas búfalas, a amansação de poldros e a acertação de cavalos, além da domesticação das búfalas. Eles também laçavam e marcavam bezerros, cuidavam dos cavalos e dos búfalos, e castravam garrotes. Embora fossem considerados vaqueiros, não eram empregados formais da fazenda, segundo Dona Ana. Ainda assim, trabalharam dessa forma por vários anos.

Conforme relatos de Dona Ana, Tibinho, Lavinio e Luquita amansaram e “acertaram” vários cavalos ao longo dos anos. Entre os trabalhados por Tibinho, o mais notável foi Pretinho. Sob a orientação de seu Lavino, ele, ainda pequeno, amansou e “acertou” sozinho esse cavalo, que se tornou excepcional para se trabalhar

com bezerros. Apesar de um início promissor, Tibinho vivenciou uma experiência marcante que alterou sua perspectiva de seguir como vaqueiro, conforme ele relatou a seguir:

Mesmo seguindo as orientações do papai, em agosto de 1980, um acidente de trabalho alterou minha perspectiva sobre ser vaqueiro. Durante o verão, devido à escassez de água e pasto, nas terras do Mineiro, os animais eram levados para as terras do Tio Lota, meu avô. Antes dessa transferência, os bezerros eram assinalados e os poldros ferrados. No dia 25 de agosto, desse ano, as aulas foram suspensas, na escola, para os ensaios do desfile de 7 de setembro. Eu pedi permissão ao papai para faltar ao primeiro dia de ensaio para poder ajudar na assinalação dos bezerros. Na manhã seguinte, do dia 26, o gado da enseada foi dobrado e mantido na cerca, enquanto os cavalos foram presos e preparados. Às 13h, o gado foi conduzido até a malhada que era formada entre o Mineiro e a Santa Maria. Apesar da ausência dos convidados, o trabalho começou com os vaqueiros, Lavino, Butico, Lavinito, Luiz e, eu, Tibinho. Nesse dia, eu montava um cavalo baio chamado Flor do Campo. Foram formadas as seguintes parcerias: Lavinito e Luiz; tio Butico e eu, Tibinho. O trabalho iniciou com o papai apontando um bezerro laranja para o Lavinito e o Luiz, que foi separado e “pulou” na direção do igarapé do Santo Antônio. Na primeira tentativa de laçada, Lavinito e Luiz falharam, mas na segunda tentativa, o Lavinito conseguiu laçar o vitelo e o Luiz o assinalou. Em seguida, tio Butico me chamou dizendo: ‘é a nossa vez, meu sobrinho’. O Papai, então, me chamou para me dar as orientações sobre como proceder dependendo da direção que o bezerro saísse (Tibinho, janeiro de 2024).

Dona Ana comentou que, nos fundos do Mineiro, existia um cercado feito de arame liso, destinado à contenção de animais em tratamento ou pastoreio. Adiante, havia uma área com cerca de trinta mangueiras, onde dizem que fica um antigo cemitério indígena. As raízes dessas árvores ficavam expostas devido à lixiviação da água das chuvas, além de algumas cuieiras e palmeiras de tucumã. Prosseguindo com sua história, Tibinho descreveu o acontecido:

O cavalo, flor do campo, era da sela do papai, logo, era um cavalo bom para correr gado. Eu era pequeno, tinha 12 anos. Logo, após o tio Butico me chamar, o papai me deu a seguinte orientação: ‘lamba o teu cavalo, pra ele esquentar e se o bezerro for na direção do cercado, tu aguentas o teu cavalo que ele vai dar na cerca e vai voltar; e se ele for para baixo das mangueiras, tu esperas ele sair de lá, solta o teu cavalo, vai e laça’. Da maneira como o papai falou, aconteceu. Era uma bezerra araquá. Saiu na direção do cercado, deu na cerca e voltou por debaixo das mangueiras. Acontece que eu estava em um cavalo bom, acostumado a correr gado e acertado pelo papai, foi pra cima, montou a bezerra, pois não falseava rédea. Só escutei o grito do tio Butico: ‘laça a bezerra, moleque’. Eu, que era meio bom de laço, tirei para fora e deitei uma laçada de mão virada e o laço não encostou nem nas orelhas. Porém, eu estava entre a penúltima e última mangueira. O meu cavalo seguiu por um lado e a bezerra, por outro lado. Ainda joguei o maço

da corda fora, mas uma volta pegou a minha mão. Com o soco do pião que bezerra deu, eu cai e ao me levantar e bater a poeira foi que pingou uma gota de sangue no meu pé direito. Ai, eu abri o berreiro. Lá vem o tio Butico, retira a minha camisa, enrola-a na minha mão. O papai chegou, a mamãe, o Giovanni. Então, me levaram até o hospital, em Cachoeira (Tibinho, janeiro de 2024).

O testemunho do vaqueiro revela um episódio marcante de sua infância, um acidente comum entre aqueles que lidam com animais nas fazendas marajoaras. Após sofrer um ferimento grave na mão direita, Tibinho demorou a receber atendimento médico. As enfermeiras já haviam preparado o local e limpo a ferida, mas o médico só chegou por volta das 16 horas, quando não havia mais como salvar o dedo mindinho, que precisou ser amputado. Ele descreve a aplicação da anestesia como a dor mais intensa que já sentiu. As consequências do acidente foram permanentes: o dedo mindinho ficou reduzido à metade, e os dedos indicador e médio da mão direita tornaram-se tortos e com sensibilidade reduzida.

Durante a recuperação, Tibinho permaneceu na cidade, na casa de sua prima, a professora Mercês, realizando curativos diários no hospital. Na escola, ganhou o apelido de “Dedinho”. Após trinta dias, retornou às atividades na fazenda e aos estudos. No ano seguinte, já na sexta série do curso ginásial, manteve sua rotina diária: estudava à tarde na cidade e realizava suas tarefas na fazenda Mineiro antes e depois das aulas. Às segundas-feiras pela manhã, participava das aulas de Educação Física. Em uma dessas ocasiões, chegou atrasado e sem tempo para tomar banho, ainda com as marcas do cavalo na pele. Um colega percebeu e brincou: “O Tibinho veio montado em uma besta velha.” Sem hesitar, ele respondeu: “Que nada, besta, eu vim foi no desejo.” A partir daquele dia, o apelido do cavalo foi transferido para ele, substituindo os anteriores e acompanhando-o na escola e em parte da cidade até o final do curso ginásial. Assim, ele passou a ser conhecido como Desejo.

Esse vaqueiro, identificado pelos apelidos de Tibinho, Dedinho e Desejo, é lembrado por muitos de seus antigos colegas da escola e das fazendas, tendo superado grandes desafios para concluir o curso ginásial. Sua família, com recursos financeiros limitados, não poderia mantê-lo estudando em Belém, e sua intenção inicial era permanecer na fazenda, seguindo a carreira de vaqueiro, como seus pais e avós. Na época, a cidade de Cachoeira do Arari não oferecia Ensino Médio. Contudo,

em janeiro de 1985, durante a festividade em homenagem a São Sebastião, padroeiro dos vaqueiros da Ilha de Marajó, evento marcado por atividades culturais e religiosas, seu irmão mais velho, Ednelson, o convidou para morar em Belém, onde poderia aprender uma profissão e continuar seus estudos.

Conseguir uma vaga em uma escola pública de renome em Belém exigia bons contatos políticos e o apoio de pessoas influentes. Tibinho conseguiu se matricular na Escola Estadual Magalhães Barata (CEMB) e, em fevereiro de 1985, iniciou o curso de Técnico em Eletrônica na capital. Na época, também trabalhava como aprendiz em uma oficina mecânica ao lado de seu irmão, alimentando a ambição de “vencer na vida”, sempre encorajado por sua mãe, Dona Anamaria. No entanto, a saudade dos pais foi sua maior barreira. Ainda assim, a esperança de um futuro melhor e o desejo de ingressar na universidade e se tornar doutor o impulsionaram a enfrentar os desafios da cidade grande.

Após um período morando com seu irmão Ednelson, Tibinho precisou retornar ao Marajó para, junto de seus pais, buscar alternativas que garantissem a continuidade de seus estudos e a realização de seus sonhos. Determinado, ele voltou a Belém para conversar com sua irmã, Irani, e verificar a possibilidade de morar em sua casa para se dedicar aos estudos. A distância até a Escola Magalhães Barata não seria um problema, pois ele recebia diariamente o valor da passagem de ônibus para ida e volta. Ainda assim, em alguns dias, atravessava a cidade a pé, chegando suado à aula após uma longa caminhada por ruas como Almirante Barroso, Mauriti, Barreiro, Ponte do Galo, Senador Lemos, Curuçá e José Pio.

Naquele ano, Tibinho ficou em recuperação em Matemática, disciplina ministrada pelo professor Abílio Ortiz. Dos vinte e um alunos que precisaram refazer a matéria, nenhum alcançou a nota mínima exigida para aprovação, e ele estava entre eles. Segundo ele próprio, “foi um ano de intenso aprendizado”. Durante esse período, chorava todas as noites, sentindo a falta dos pais e enfrentando as dificuldades da cidade grande. Ainda assim, mantinha viva em sua mente uma frase de sua mãe: “Você vai fazer das tripas coração, mas vais vencer na vida.” No início, demorou a compreender seu verdadeiro significado. Não que desconhecesse o que são tripas ou o que representa a vida, mas não entendia como transformar dificuldades em força.

Apesar dos desafios, acreditava que “quem vem ao mundo já é um vencedor, e quem supera os obstáculos, também o é”.

Enquanto descrevia sua experiência em Belém, ele comentou: “Então, decidi trabalhar e, no ano seguinte, comecei a procurar emprego. No entanto, encontrar alguém que confiasse em um jovem menor de idade na cidade grande era muito difícil.” Sua primeira experiência profissional foi como assistente em uma funerária, o que lhe proporcionou a oportunidade de explorar as ruas e os bairros da cidade. “A tarefa de vender planos funerários se mostrava praticamente inviável, já que, apesar de todos estarem cientes da mortalidade da vida, ninguém quer antecipar o passaporte para a cidade dos mortos”, brincou. E concluiu: “Aqueles que amam a vida e se apegam a ela tentam adiar ao máximo o encontro com a morte, mas flertam com ela a todo momento.” Para sobreviver, Tibinho precisava seguir flertando com a vida.

Segundo suas narrativas, nesse período ele aprendeu a identificar o público-alvo, a se apresentar de forma eficaz e a comercializar produtos—a experiência prévia na venda de leite, jaburu, peixe e marreca lhe foi valiosa. No primeiro mês, conseguiu vender apenas um plano, mas a comissão foi suficiente para cobrir o custo do ônibus no mês seguinte. Ele passou a trabalhar durante o dia e a estudar à noite, mas logo enfrentou um novo desafio: as aulas práticas do curso de Eletrônica terminavam às 23h45, impondo mais uma barreira à sua jornada de superação.

Em Belém, nessa época, o estudante noturno que morasse longe da escola não poderia perder o último ônibus, conhecido como ‘Cristo’. Se perdesse, teria que dormir na casa de amigos, na escola, pegar um táxi ou ir a pé para casa. Eu não tinha amigos nem dinheiro, então saía da escola quinze minutos antes do fim das aulas. Mesmo assim, algumas noites foi preciso correr até a parada de ônibus. Adotei o seguinte lema: ‘não posso perder o ônibus para não perder o Cristo’. Assim, nunca perdia o ônibus, mas também nunca encontrei um assento vazio. No ônibus, eu ia em pé, cansado, suado e com sono, em um veículo lotado, de volta para casa (Tibinho, janeiro de 2024).

Durante esse período, Tibinho atuou como agente funerário e vendedor de planos de saúde e consórcios. Essas experiências o ajudaram a construir amizades e reencontrar conhecidos do Marajó, com quem passou a trabalhar na reutilização de embalagens plásticas. Essa nova atividade, menos exaustiva, lhe permitiu se dedicar aos estudos e obter boas notas. Como resultado, destacou-se entre os melhores alunos do Magalhães Barata, sendo promovido ao terceiro ano do ensino médio.

No dia 8 de dezembro de 1986, dia de Nossa Senhora da Conceição, Tibinho recebeu uma ligação inesperada e decisiva: um convite para trabalhar em uma renomada instituição financeira. Na organização, atuou na Divisão de Alimentação de Dados (DAD), experiência que ampliou sua rede de contatos para diversas localidades, como Tefé e Tabatinga (AM), Macapá, Porto Santana e Calçoene (AP), Imperatriz, São Luís, Barra do Corda e Pinheiros (MA), além de várias cidades do interior do Pará.

Diante dessa oportunidade, Tibinho decidiu deixar o Magalhães Barata e passar a estudar à tarde no Centro Educacional Olympus, focando na preparação para o vestibular. O novo horário de trabalho possibilitou essa transição, e em 1988, fui aprovado para o curso de Economia na UNESPA. No entanto, minha trajetória acadêmica foi breve. Na época, deixei-me levar por vaidades, e os anseios foram substituídos por prazeres momentâneos, o que acabou comprometendo meu desempenho e resultou na perda do meu posto.

Em busca de novas oportunidades, enfrentei dificuldades até conseguir uma posição em uma empresa de pesquisa popular, que começava a implementar o Plano Diretor de Transportes Urbanos em Belém. Assim, encerrava-se um capítulo turbulento da minha vida, repleto de altos e baixos, enquanto eu seguia rumo a um novo começo, incerto, mas com esperanças renovadas.

Essa trajetória, marcada por desafios e aprendizados, moldou não apenas o vaqueiro Tibinho, mas também o pesquisador que hoje busca compreender e registrar essa identidade cultural. Ao revisitar minha própria história, percebo que os caminhos que trilhei refletem, em muitos aspectos, o percurso do vaqueiro marajoara: entre rupturas, transições e reinvenções, sempre lutando pela preservação do saber tradicional.

Contudo, essa identidade não se constrói isoladamente. Ela é parte de um tecido social amplo e dinâmico, formado pela interação entre pessoas, animais e o ambiente natural. A vida do vaqueiro marajoara foi construída pelas experiências e pelas provocações impostas pelo tempo. É nessa prática de compartilhamento que se desenham os laços coletivos que sustentam a existência dele como um processo coletivo que será explorado a seguir.

CAPÍTULO SEGUNDO

CONSTRUÇÃO DA VIDA COLETIVA

Na fazenda, o vaqueiro marajoara deve estar atento às pegadas dos animais e aos sinais do tempo e da natureza - igarapés, rios, pássaros, matas, entre outros. Em suas 'vortas' pelos campos, observa, mesmo à distância, o comportamento dos animais, o balançar das folhas, a sombra das árvores, a 'dança' dos capins e a direção que os bichos tomam em busca de água e pasto. Os animais têm suas áreas preferidas para pastar e pontos específicos para beber água. No campo, o ruído do mato, o som do vento e as ondas na água são fundamentais para que o vaqueiro possa se proteger de ataques de abelhas 'africanas' e de cobras peçonhentas ou da sucuri, perigos constantes na lida diária.

O vaqueiro não é apenas um cuidador dos animais, mas um mediador da relação entre o homem e a natureza. Ao interpretar os sinais do ambiente, ele desempenha um papel essencial na manutenção do equilíbrio dos ciclos de vida na fazenda. Philippe Descola (2006), em *Além da Natureza e Cultura*, explica como as sociedades amazônicas vivem em profunda interação com o meio natural, desafiando a separação entre natureza e cultura. Essa visão ressoa com a experiência do vaqueiro marajoara, que, por meio de seu conhecimento, assegura a harmonia entre os elementos naturais e as atividades humanas.

Cada passo que o vaqueiro dá pelos campos é guiado por sinais naturais: o som do vento pode anunciar tempestades ou ataques de abelhas; o comportamento dos pássaros pode alertar sobre possíveis predadores; e os igarapés são bússolas líquidas que escondem sucuris e puraquês. O vaqueiro, assim como os animais, interage constantemente com o ambiente, dependendo dos sinais da natureza para orientar suas ações. Bruno Latour (1999), em *Políticas da Natureza: Como Fazer Ciência na Democracia*, propõe que humanos e não-humanos sejam agentes igualmente significativos. Essa perspectiva sustenta a ideia de que o vaqueiro e os elementos naturais formam uma rede integrada de interações.

Suas ações reverberam no coletivo: cuidar dos animais e do campo é, de certa forma, cuidar da comunidade de Cima do Teso, que depende dessa terra fértil. Tim

Ingold (2012), em *Cultura, Percepção e Ambiente*, explora como o conhecimento ecológico é transmitido culturalmente e se manifesta diretamente na interação das pessoas com o meio natural. Esse vínculo entre saberes tradicionais e o ambiente reforça o papel do vaqueiro como guardião de práticas essenciais para a manutenção da vida coletiva na fazenda.

Segundo Dona Ana, “quando um vaqueiro, em campo aberto, ouvir um som semelhante ao de um avião, deve correr em disparada na direção contrária ao vento, para se proteger do ataque das abelhas bravas”. Ela também enfatiza que é essencial observar a intensidade e o brilho do sol para proteger os animais, especialmente o cavalo que estiver montando, já que um animal ‘ansiado’ pode sofrer um mal súbito e deixar o vaqueiro a pé no campo. Além disso, ela ressalta que cada fase da lua influencia o comportamento dos animais, sejam vacas búfalas ou cavalos, e afirma que “só se deve castrar um garrote ou cavalo na lua nova e crescente”. Para ela, a lua não é apenas um satélite, mas uma força que rege o comportamento dos seres vivos e funciona como um guia essencial. Segundo Dona Ana (outubro de 2024), para o vaqueiro marajoara, especialmente aquele mais antigo, o sol, a lua e a estrela-d’alva desempenham o papel de relógio, bússola e GPS, indicando tempo, direção, local e caminho.

Os saberes herdados dos antepassados afroindígenas podem ter sido moldados pela interação entre diversos povos que habitaram a Ilha de Marajó ao longo dos séculos, antes mesmo do surgimento do vaqueiro marajoara. Essa perspectiva encontra respaldo no pensamento de Agenor Sarraf-Pacheco, que observa como, ao interagirem com as populações locais, os religiosos agostinianos identificaram nos marajoaras um domínio significativo de conhecimentos sobre o regime das águas e os seres que dele dependem. Essa percepção, apresentada em *Marajó, o coração da Amazônia* (2024), pode ser aplicada ao vaqueiro marajoara da Comunidade de Cima do Teso, ao explicar como ele emprega esses saberes em suas atividades diárias nas fazendas da região.

Assim, pode-se inferir que a prática do vaqueiro marajoara resulta de um aprendizado baseado nos sinais naturais que orientam sua percepção do território em que vive e trabalha. Pelo ‘nascer do sol’ e pelo ‘sentar da lua’, por exemplo, ele

identifica o momento adequado para realizar cada tarefa da fazenda. Com esse saber empírico, maneja os animais e administra a propriedade. Talvez por isso, ele planeje suas atividades, nomeando suas ações cotidianas - individuais e coletivas - sem necessariamente reconhecer que essas práticas integram um sistema cultural. O mais curioso são os significados que ele atribui a cada uma delas. Apesar de serem planejadas intuitivamente, é a sabedoria e a semântica do vaqueiro marajoara que conferem sentido às atividades que realiza.

Embora tenha acesso restrito ao conhecimento formal, a sabedoria do vaqueiro marajoara é forjada na adversidade, construída pela observação e pela experiência acumulada ao longo dos anos. Sua relação com a natureza não é de harmonia passiva, mas de uma tensão constante para compreender e antecipar seus desafios, garantindo sua sobrevivência e a de seus animais. Não por acaso ele faz da batarana um cabresto para laçar um cavalo no campo ou utiliza o pelo da crina e da cauda do cavalo para fabricar cordas, cilhas, sobrecilhas e bocas de lobo. Também reaproveita o osso da canela do boi para criar ferramentas de furar, consertar e tecer arreios. Enquanto Flusser (2012) argumenta que grande parte das informações que moldam nosso intelecto vem de palavras ouvidas ou lidas, o vaqueiro marajoara constrói seu conhecimento de outra maneira: pela experiência direta, pela observação dos sinais da natureza e pela prática cotidiana. Isso demonstra que há formas de saber que vão além da linguagem escrita ou falada.

Devemos a grande maioria dos dados dos quais dispomos ao ouvido e à vista, já que a grande maioria desses dados consiste em palavras ouvidas ou lidas. A grande maioria daquilo que forma e informa o nosso intelecto, a grande maioria das informações ao nosso dispor, consiste em palavras. Aquilo com que contamos, o que compilamos e comparamos, e o que computamos, enfim, a matéria-prima do nosso pensamento, consiste, em sua maioria, de palavras (Flusser, 2012, p. 48).

Diante disso, pode-se afirmar que o caboclo do Marajó se tornou vaqueiro não apenas pelas habilidades adquiridas, mas também pelas palavras orientadoras que ouviu, internalizou e continua a utilizar ao longo do tempo. Essas expressões ajudam a transmitir sentimentos, emoções e percepções sobre a natureza e as tarefas que executa. Os vocábulos que ele cria dão sentido à 'simbologia' das lidas das fazendas, armazenando-se em sua memória como estratégias de sobrevivência, mesmo sem

que ele perceba plenamente a profundidade e o significado que esses termos adquirem ao longo dos anos.

Cada tarefa realizada pelo vaqueiro recebe um nome e transforma-se em um evento relevante, tanto para as fazendas quanto para os habitantes da comunidade. Além disso, contribui para o desenvolvimento do próprio vaqueiro, funcionando como um repertório linguístico próprio—um verdadeiro dicionário particular que reflete sua experiência e sua relação com o meio.

Nos próximos tópicos, serão destacados termos que ilustram as atividades do vaqueiro marajoara e a relevância cultural de suas tradições. Embora algumas dessas práticas tenham desempenhado um papel fundamental na rotina das fazendas da Ilha de Marajó, muitas passaram por transformações ao longo do tempo. Entre elas, destaca-se a apartação, tema abordado a seguir.

A APARTAÇÃO

O termo "apartar", enquanto verbo, pode ser desconhecido pelo vaqueiro marajoara que não teve acesso à educação formal, mas a ação de apartação faz parte de sua vida desde os primeiros momentos como vaqueiro. Essa prática, executada de maneira consciente, é fundamental para o desenvolvimento das fazendas e para a identidade do vaqueiro. Assim sendo, o termo "apartação" não se limita a uma simples atividade do cotidiano, mas representa uma tarefa enraizada no esforço, na destreza, no compromisso e na realização. Dada sua relevância, o vaqueiro marajoara prepara-se minuciosamente para a apartação, utilizando suas melhores ferramentas: chapéu, cavalo, sela, corda, cabresto, esteira, brida e muxinga. Nas margens do rio Arari, no entanto, não há uma indumentária típica.

Desde sempre, a vida do vaqueiro marajoara foi marcada por atividades demoradas, penosas e, por vezes, perigosas. No entanto, sob sua ótica, essas tarefas revelam-se satisfatórias. Embora a apartação exija responsabilidade e habilidades específicas, também pode ser uma prática divertida, orientadora e educativa - mesmo que os riscos envolvidos nunca sejam completamente eliminados. Talvez por isso, o vaqueiro não veja essa tarefa apenas como uma obrigação da fazenda ou como um

ato de solidariedade entre pares, mas como uma oportunidade de unir trabalho e prazer, especialmente em atividades como assinalar, castrar, ferrar, apartar, arrodar e embarcar.

Nesse universo, os verbos desempenham um papel essencial na organização das atividades cotidianas do vaqueiro, conectando sujeitos e ações. Como observa Flusser (2012, p. 48):

Além de palavras, os sentidos fornecem outros dados. Estes se distinguem das palavras qualitativamente. São dados inarticulados, isto é, imediatos. Para serem computados, precisam ser articulados, isto é, transformados em palavras.

Com base nessa articulação de sentidos, o vaqueiro executa tarefas como apartar, contar e classificar os animais sob seus cuidados, dividindo-os em diferentes grupos: machos e fêmeas, bezerros e bezerras, garotas e garotes, mamotes e mamotas, novilhas e novilhos, bois e boiecos, vacas maninas, prenhas e solteiras. Ao realizar essas ações, ele registra informações sobre os animais e as movimentações da fazenda, sem perceber que está aplicando, intuitivamente, um sistema de contabilidade rudimentar. Em aspectos mais formais, seu Lavino contava com o auxílio de Dona Anamaria e Tibinho para anotar os bezerros ferrados e assinalados, especialmente quando essa atividade acontecia próximo à sede da fazenda.

Semanticamente, o vaqueiro da Ilha de Marajó distingue os verbos "apartar" e "separar" para descrever diferentes atividades. Ele "aparta" o gado vacum e "separa" outros animais, como se fossem ações distintas, embora, na prática, ambas sejam formas de dividir o rebanho, porém com cargas semânticas diversas. A diferença percebida pelo vaqueiro está na dinâmica da ação, já que a apartação envolve várias pessoas e animais, a separação geralmente pode ser realizada individualmente ou com poucos ajudantes, já que lida com um número reduzido de bichos.

Essa distinção nas práticas de manejo encontra eco nos estudos de Pires (2015) sobre o trabalho com búfalos no baixo Araguari, no Estado do Amapá, onde a relação entre vaqueiros e animais é profundamente moldada por estratégias culturais e ambientais adaptadas às especificidades locais. Para apartar boi, por exemplo, são convidados vaqueiros experientes, que montam cavalos habituados à lida pesada.

Essa atividade ocorre em dia, hora e local definidos pelo feitor. Durante o processo, os vaqueiros enfrentam desafios como atoleiros, igarapés cheios, perigosos e animais agressivos, cujos pesos podem chegar a 1.000 kg, dependendo da época do ano e da fazenda. Além da apartação ser uma ação essencial para a organização do gado, também funciona como uma oportunidade para apresentar aos demais vaqueiros os cavalos de serviço e exaltar os profissionais que os trabalham.

Na fazenda Mineiro, a apartação costumava envolver animais 'apalavrados' com algum frigorífico de Belém ou Abaeté, embora também pudesse ter outros objetivos. É importante esclarecer a distinção entre 'boi' e 'garrote': o 'boi' é o animal castrado, enquanto o 'garrote' é o macho inteiro, não castrado. Nas fazendas da Comunidade de Cima do Teso, os garrotes destinados ao frigorífico eram castrados, deixados livres no pasto para ganhar peso e, depois, apartados, embarcados e transportados em barcos boiadeiros. Esse processo de articulação entre natureza e cultura, também abordado por Pires (2015), reflete a habilidade dos vaqueiros em traduzir práticas intuitivas em ações sistemáticas. Contudo, atualmente, os animais das propriedades que compõem essa Comunidade são vendidos ainda bezerros, o que contribui para o declínio da prática da apartação nessas terras.

Nas outras fazendas da comunidade de Cima do Teso e nas que se localizam na região de dentro da cerca, a apartação refere-se à classificação e separação de animais bovinos (boi, garrote, vaca, novilha, mamote e bezerros) do restante do rebanho; pastoreá-los na rede para, então, conduzi-los ao local onde poderiam ser embarcados ou liberados para a engorda; ou passarem um tempo em pastoreio. No vocabulário do vaqueiro marajoara, 'rede' designa um grupo de reses habituadas ao manejo diário, caracterizadas por sua docilidade e obediência. São separadas e preparadas especialmente para essa função.

Nesse sentido, na região do baixo Araguari, conforme aponta Pires (2015), o manejo de búfalos ocorre de forma distinta. Lá, devido às condições alagadas, não se utiliza a 'apartação' no sentido tradicional, mas sim a separação em pequenos lotes ou bandos, uma estratégia que reflete adaptações às características do ambiente e aos comportamentos específicos dos búfalos. Essas práticas destacam a capacidade do vaqueiro de ajustar suas atividades às peculiaridades de cada rebanho e território.

No Mineiro, quando a apartação ocorria na malhada próximo à sede, era comum observar um rigor na organização e nos rituais que envolviam a prática, refletindo a importância atribuída a essa atividade. Nesse dia, seu Lavino 'dobrava' o gado cedo, prendendo-o no cercado ou no curral ao lado da casa. "Quando o papai dizia: Suome, tá na hora, ele já estava com os bichos na porteira do curral, conduzindo-os à malhada" (TIBINHO, agosto de 2024). Conforme relatos de quem o conheceu no Mineiro, os convidados precisavam estar atentos, pois seu Lavino era extremamente pontual. Além disso, a boiada deveria estar no local de embarque e embarcada até o horário da preamar, aproveitando a enchente e a vazante da maré, já que havia um tempo previamente fixado para que o gado chegasse ao frigorífico em Belém. No percurso entre a malhada e o frigorífico, seu Lavino acompanhava os animais e mantinha-se vigilante, especialmente na travessia da baía do Marajó, onde a maré agitada poderia derrubar os animais presos. O estresse fazia com que os mais ariscos tentassem pular ou escapar do barco em movimento, por esse motivo, no curral, do convés do barco, os animais eram transportados encamboados.

A rede era reunida em separado e escoltada pelos aprendizes de vaqueiro, os moleques, às vezes sem cordas, no osso, e por dois ou mais vaqueiros experientes, estes com a corda de laçar na garupa da sela. Com o gado 'fechado' na malhada, seguia-se a tradição do serviço: o feitor anfitrião chamava a primeira parrelha para se dirigir ao centro da malhada, onde apontava o animal que deveria ser apartado. Nesse momento, literalmente, separavam-se 'os homens dos meninos', ou seja, distinguia-se a experiência dos vaqueiros na execução da tarefa. A expressão 'os pretos dos brancos', era um jargão tradicional da época, utilizado sem conotação preconceituosa. Seu significado reforçava que, independentemente da cor da pele, o vaqueiro deveria demonstrar cuidado, habilidade, zelo e perfeição na realização do serviço. Esses eram os jargões, desprovidos de malícias e/ou preconceitos, mais utilizados na época, segundo o vaqueiro Tibinho. Como Mestre de Cerimônias, seu Lavino tinha o direito de escolher a dupla de vaqueiros que iniciaria o serviço e a obrigação de apontar o boi mais viçoso, arisco e corredor. O critério da escolha baseava-se na pavulagem¹¹

¹¹ Termo utilizado pelo vaqueiro marajoara para definir um indivíduo que torna seus feitos maiores do que são ou foram.

da dupla e na gabolice¹² em relação à qualidade dos vaqueiros e dos cavalos.

Esse conjunto de práticas e rituais organizados no Mineiro também encontra ecos nas observações feitas por Pires (2015) sobre o manejo de búfalos no baixo Araguari. Assim como no Mineiro, no contexto dos búfalos, os líderes desempenham um papel central, coordenando as atividades com base em seu conhecimento do ambiente e na interação com os animais. Essa dinâmica reflete a adaptação cultural e a articulação das relações entre vaqueiro e rebanho, seja no manejo do gado vacum - termo utilizado para designar o gado bovino, incluindo vacas, bois e novilhos -, seja no trabalho com búfalos em condições alagadas. A conexão entre tradição e técnica reafirma a importância simbólica e prática dessas atividades no universo do vaqueiro marajoara.

A parrelha deveria decidir entre si qual deles assumiria a responsabilidade de 'apertar' ou 'amassar' o bicho, ou seja, qual teria a tarefa de movimentá-lo e qual ficaria com a incumbência de guiá-lo até a 'rede'. Caso o animal não a aceitasse, deveria ser conduzido à força, literalmente, levado no laço da corda. Preferencialmente, a parrelha era formada por vaqueiros da mesma fazenda devido às preferências práticas de cada um. Mas, muitas vezes, ela era formada durante as partidas de dominó realizadas antes do início da jornada, especialmente quando a apartação acontecia próximo à sede. Os vaqueiros precisavam portar cordas de laçar, amarradas à garupa da sela e prontas para o uso. Contudo, apenas o feitor tinha o direito de manejar a vara de ferrão, cujo formato da ponta não poderia ser pontiagudo, de forma a proteger o couro e a carne do animal a ser embarcado.

As nuances dessa atividade ecoavam por dias entre os vaqueiros de diversas fazendas, ampliando a fama da propriedade e daqueles que participavam do evento. Esse ciclo de histórias e relatos reforçava não apenas a reputação local, mas também a identidade e o prestígio dos envolvidos. Tal processo encontra paralelos no que Leal (2014) descreve como os 'marcadores de prestígio' na pecuária de elite brasileira, onde eventos e performances envolvendo zebus e zebuzeiros são narrativas que consolidam status e reconhecimento social. No contexto do vaqueiro marajoara, a apartação converte-se em memória viva repleta de emoção e significado.

¹² Termo que define uma pessoa que diz ter feito algo extraordinário ou que enaltece um feito.

Essas memórias desempenham um papel essencial na preservação cultural, pois não se limitam ao resgate de acontecimentos passados, mas atuam como um elo entre gerações. O relato de Tibinho sobre a apartação em frente à sede da Fazenda Mineiro ilustra como práticas do cotidiano se transformam em celebrações identitárias, reforçando laços emocionais e culturais. Ao recordar esses momentos, o vaqueiro não apenas expressa saudade, mas também reafirma o respeito mútuo e a devoção aos trabalhos que marcaram aquela época. Mais do que memórias individuais, esses relatos simbolizam a perpetuação de tradições que transcendem gerações, garantindo que o espírito dessas práticas vaqueirais continue vivo e íntegro a identidade coletiva da comunidade. Ei-la:

Na época desse evento, a fazenda Santa Maria tinha um rebanho significativo de gado branco da raça guzerá, e o feitor era o respeitado vaqueiro Pedro Bacú. O gado *vacum* desse lugar era o mais dócil entre todas as fazendas de cima do teso. A rede e a malhada foram formadas entre as sedes do Mineiro e da Santa Maria. Para este evento, foram convidados os vaqueiros do Lacre, São João, São Sebastião, Mineiro, Santo Antônio, Ilha Nova e outros que se fizeram presentes. As parselhas foram formadas da seguinte maneira: Lavino e Valdé; Vavá e Diquito; João Doca e Agostinho; Zeca Leal e Zeroane; ou seja, apenas os vaqueiros mais experientes, a nata da vaqueirada de cima do teso, como recordou o Amadeu. Nesse dia, seu Lavino, que montava um cavalo de nome Só Pra Quem Sabe, formou parselha com o Valdé, feitor da São Sebastião, que montava o cavalo chamado Bonitinho. Ambos eram cavalos *cardons*, excelentes para se lidar com gado. Pedro Bacú chamou a dupla para o centro da malhada e apontou um boi de era; queimado na parte dianteira, branco na traseira e com chifres compridos. Arisco, o boi não aceitou a rede e pulou na direção do Mineiro e do São Sebastião. Entre essas duas casas, havia, e ainda há, uma ilha de mangueiras, com mais de trinta árvores cujas raízes estão expostas devido à lixiviação das águas das chuvas intensas. Também havia algumas árvores de coité, ou cuieiras, de onde se retiravam as frutas para fazer as cuias pitingas, ou leiteiras. Correr por ali representava um aumento significativo de um risco de perigo que ronda a lida do vaqueiro. Ao lado das sedes do Mineiro e do São Sebastião, pela lateral das casas, há uma pequena ponta de mata, formada de envireiras, cutiteiros, bacabeiras, palmeiras de tucumã, marajazeiros, sumaumeiras e outras árvores, o que estabelecia atenção redobrada. Quando esse boi abandonou a rede, Pedro Bacú, atento, gritou: “Olha o boi, Lavino!”. O Valdé, que estava mais próximo, correu a mão à garupa da sela para desmanchar o nó que segurava a corda; e seu Lavino o acompanhou, alertando: “Olha as raízes das mangueiras”. O bicho passou por elas em direção ao mato, por entre as casas do São Sebastião e do Mineiro. Era um boi corredor e bom de boia, não podia escapar. Valdé abanou o laço, mas errou a laçada. Seu Lavino, montado em um cavalo que não falseava rédea, correu a mão na garupa, desamarrou a corda e fez o laço rapidamente. Ajustou no bico do “pé redondo”, emparelhou com o animal e, em frente ao Mineiro, já na entrada da mata, gritou: “Pode deixar, Valdé, que este boi não vai pro mato”. De mão virada, fez a laçada mais perfeita, pois não atirou a corda, laçou-o com a mão! Jogou o maço da corda, segurou firme na rédea do cavalo e deixou o boi

rodar pião no interior da mata. Este feito entrou para a história da fazenda, pois seu Lavino sabia que eu o estava observando (Tibinho, janeiro de 2024).

As narrativas do vaqueiro marajoara revelam que ele próprio deu substância às próprias atividades desde o início. Suas práticas, mais do que ações cotidianas, incorporam um conjunto de significados e objetivos que transcendem o mero cumprimento de uma ocupação. Essas atividades desempenham três funções essenciais: atender às demandas do trabalho, proporcionar entretenimento aos pares e aos membros da comunidade, e transmitir conhecimento aos aprendizes. Enquanto entretém, o vaqueiro ensina e, ao realizar suas tarefas, perpetua suas tradições e valores que moldam tanto a identidade pessoal quanto coletiva.

Esse caráter multifuncional do ofício se manifesta de forma viva na maneira como o vaqueiro marajoara orienta os aprendizes: ele instrui pelo exemplo e guia por meio da observação e da prática, sem depender exclusivamente da transmissão verbal. Assim, a vivência no campo se transforma em uma verdadeira sala de aula ao ar livre, onde o aprendizado ocorre pela experiência direta e pela repetição das atividades. No tópico seguinte, essa perspectiva se torna ainda mais evidente, ao explorarmos como o aprendizado e a instrução, baseados na prática e na observação, formam a base das relações entre os vaqueiros e seus discípulos.

O EMBARQUE

No linguajar do caboclo da Ilha de Marajó, observa-se uma harmonia de vozes e falas habituais e repetidas que, dependendo das circunstâncias, adquirem diferentes sentidos. Isto é especialmente evidente quando o vaqueiro marajoara menciona as missões realizadas em seu cotidiano tradicional: assinalá (marcar a orelha do bezerro com um dos sinais da fazenda); amansá (domar o cavalo, a vaca ou o boi para torná-los ferramentas de trabalho e sobrevivência); laçá (capturar um animal com o laço da corda ou do cabresto para um objetivo específico); dobrá (reunir os animais para tarefas variadas); caçá (encontrar pássaros, porcos e marrecas ou patos selvagens para alimentação); apartá (separar bois para o frigorífico); arrodíá (recolher animais perdidos do plantel, em outras localidades); ferrá (marcar o animal com um dos sinais

da fazenda); e castrá (retirar os testículos de garrotes, cavalos, carneiros, bodes ou cachorros). Cada uma dessas ações envolve diferentes animais e pessoas, sendo referências centrais para as fazendas do outro lado do rio.

Figura 32 - Embarque no barco Perge



Fonte: Marli Braga Araújo

No entanto, para compreendê-las e 'descrevê-las' em profundidade, não basta observar o cotidiano do vaqueiro marajoara. É indispensável acompanhá-lo de perto, estar presente e captar as nuances de como ele utiliza sua destreza e os atributos peculiares do homem e da mulher das fazendas da Ilha de Marajó. Somente assim é possível perceber a riqueza cultural por trás de cada atividade. Para ilustrar a prática de 'embarcá' bois (figura 32), por exemplo, utiliza-se o depoimento do vaqueiro Tibinho registrado em janeiro de 2024. De acordo com ele:

O embarque é uma ação que, geralmente, sucede a apartação, razão pela qual devem ser relatadas em sequência. A prática consiste em conduzir a boiada até a beira do rio, laçar o animal, guiá-lo pela água com a ajuda de uma corda, até prendê-lo à cinta do pau de carga do barco boiadeiro e içá-lo para o espaço de transporte. No curral do convés, os bois seguem amarrados em pé; já no porão, ficam soltos. Esses espaços são projetados para transportar bois, pessoas e outros carregamentos. No Mineiro, o embarque era realizado anualmente, quase sempre em janeiro, quando os animais retornavam da região do Cuberto. Esse local, rico em pasto e água limpa, servia como um campo de engorda durante o verão. Por isso, o evento gerava

grande expectativa entre os vaqueiros da região, que admiravam os animais robustos e pesados, de aproximadamente uma tonelada, cujo manejo exigia força e habilidade. O embarque era também uma celebração social, marcada pela reunião de vaqueiros de várias fazendas, trajados com suas melhores roupas e montando cavalos bem treinados. O ritual incluía um almoço caprichado, preparado pelas mulheres da casa, seguido por um bom jogo de dominó, mantendo viva a tradição e fortalecendo os laços comunitários (Tibinho, janeiro de 2024).

Assim, na sequência da construção da vida coletiva do vaqueiro marajoara, aborda-se a tarefa de 'arrodiá', que consiste em reunir 'partes' do gado que se dispersaram da malhada. Esses animais, muitas vezes, ficam retidos pelas águas do Velho Tarumã — rio que margeia a região do Cuberto — e ficam expostos a pragas, doenças e à falta de pastagem.

Para isso, o vaqueiro precisa enfrentar campos enxarcados, cercas, matas, igarapés, açudes, atoleiros e até mesmo condições adversas como fome, sede, estresse e o cansaço do corpo. A ação é chamada de 'arrodiador', ou, no linguajar regional, 'arrodiadô', devido ao percurso ser realizado por várias fazendas até o vaqueiro marajoara alcançar o objetivo, o que aumenta a distância e torna a tarefa mais intensa e penosa, exigindo grande resistência e habilidade do vaqueiro e dos animais.

O ARRODIADOR

Arrodiar a rede e a malhada é uma tarefa geralmente atribuída ao vaqueiro aprendiz, ou aos moleques. A maioria trabalha só no osso ou monta cavalos sem a sela. Atividades como essa são essenciais para quem almeja se tornar vaqueiro, embora seu valor seja distinto da importante incumbência do 'arrodiadô'.

O arrodiador consiste no longo trajeto realizado pelo vaqueiro, que sai cedo da fazenda onde trabalha para percorrer o campo de várias fazendas e sedes, com o objetivo de reunir o gado perdido da malhada. Durante esse percurso, o vaqueiro atravessa cercas, igarapés profundos onde os cavalos nadam, passa por sítios, casas e retiros, enfrentando as adversidades do caminho. O trajeto exige preparo e resistência, já que pode levar pelo menos dois dias para ser concluído.

No caminho, almoça-se o tradicional frito do vaqueiro, carregado no surrão

amarrado à garupa da sela, e merenda-se sucos de bacaba acompanhados de carne seca, oferecidos por moradores. Água é retirada de igarapés ou pedida em casas ao longo do trajeto.

De acordo com os vaqueiros Amadeu e Cabo Velho, tanto arrodar a malhada quanto o caminho do arrodador são tarefas extraordinárias, ainda que seus propósitos sejam distintos. O arrodador, contudo, se destaca como uma das atividades mais valorizadas que o vaqueiro marajoara desempenhava. O uso do tempo verbal no passado revela que essa prática hoje vive nas memórias daqueles que a vivenciaram, tornando-se uma raiz profunda na história das fazendas da Comunidade de Cima do Teso. No entanto, é uma tradição que está praticamente “morta”, reflexo da constante presença dos ‘bovineiros’¹³.

Praticada por inúmeras gerações desde tempos antigos, essa atividade era intensificada pelos desafios da natureza. Ao ser lembrada, ela emocionou profundamente o vaqueiro Edinaldo Mendes, mais conhecido como Cabo Velho. Durante seu relato, ao dizer que “esta atividade é uma das mais..”, sua voz embargou, e uma lágrima cortou-lhe o semblante. A lágrima, deslizando por seu rosto marcado pela lida, evidenciou o quanto essa jornada significou para sua vida nas fazendas “d’outro” lado do rio Arari.

Compreender plenamente essa empreitada requer diálogo com aqueles que a realizaram por muitos anos. Era uma prática sempre executada no início do inverno, após as primeiras chuvas e com a cheia do igarapé do Limpo Grande.

Dialogar com os vaqueiros ‘das antigas’, como Amadeu, Cabo Velho, Cabo Zeca e João Balá, é um importante mecanismo para conhecer a memória desses personagens emblemáticos das fazendas da Ilha de Marajó. Eles dedicavam horas e dias arrodando campos alagados, rios, igarapés e fazendas, sob sol e chuva, montados em seus cavalos. No percurso dessa árdua atividade, o vaqueiro marajoara enfrentava desafios como igarapés cheios e lamaçais intensos para localizar o gado perdido. Às vezes, também se aventurava a laçar o veado-galheiro ou, pelo menos, correr um deles, que ocasionalmente surgia entre o capim barba-de-bode ou sob as

¹³ Como o vaqueiro se refere às pessoas furtam e matam animais como se fossem os proprietários.

árvores de murucizeiro, na região do Cuberto.

Além desses desafios, a jornada também trazia momentos de alívio. Durante o trajeto, recolhiam-se bacuris debaixo das árvores de bacurizeiro, recebia-se olhares e sorrisos das moças solteiras das janelas das casas ao longo do caminho, e aproveitava-se para comer bacaba com farinha d'água ou almoçar carne de sol com bacaba, o que tornava a tarefa menos exaustiva.

Durante o arrodador, no momento de movimentar a rede com os animais recolhidos, cada vaqueiro ocupava uma posição estratégica ao lado da malhada. À frente, estava o guia; ao lado dele, os ponteiros; nas extremidades, os costelas; na parte traseira, os perneiras; e, por último, o rabeta, responsável por abrir, e fechar, as porteiras para a passagem dos animais. Com esse arranjo, era formado o "corpo" de um animal simbólico, em que cada vaqueiro tinha sua função bem definida e permanecia em prontidão com a corda de laçar presa à garupa da sela.

No percurso, os desafios eram constantes: fome, sede, intempéries da natureza e o cansaço físico extremo. O vaqueiro não habituado à dureza dessa jornada frequentemente sofria com feridas na bunda devido ao atrito na sela. O remédio mais eficiente, segundo a tradição, era o 'sebo de gado ou de carneiro' derretido e quente, aplicado diretamente sobre o ferimento para alívio da dor e cicatrização rápida.

Ao longo desses "arrodeios", homens, mulheres, animais e a própria natureza se uniam para enfrentar os trajetos difíceis. Nesses dias, as frutas do bacurizeiro, os ovos de 'tetéu' guardados nos chapéus e os inajás maduros literalmente 'matavam' a fome. Da mesma forma, os frutos do caranazeiro e das altas bacabeiras, após serem debulhados e ensacados, eram amarrados à garupa das selas dos cavalos montados pelos moleques que conduziam os animais mais dóceis. À sombra das mangueiras ao longo do caminho, o vaqueiro aproveitava para descansar, saboreando mangas de diferentes tipos.

"Meu pai sabia os lugares onde ficavam as frutas mais doces e cortava caminho para passar por esses lugares por causa de nós, que ainda éramos pequenos", lembrou Tibinho. Segundo ele, em cada casa onde paravam, Seu Lavino os ensinava a pedir licença para apeiar, tirar o chapéu da cabeça e pedir a bênção do

vaqueiro anfitrião, como sinal de respeito. Esses gestos marcavam profundamente a jornada, de acordo com Tibinho. O suco de bacaba, feito com frutos amassados e peneirados na peneira de jacitara, acompanhado de carne seca assada, não só alimentava, mas também criava pretextos para as paqueras que surgiam ao longo do trajeto. Imagina-se que o arrodador era uma tradição exclusiva desse lado do rio, em um tempo e espaço únicos. Não há registros de que tenha ocorrido em outro lugar.

Durante essa ação, histórias e narrativas eram compartilhadas de cima da sela, sobre o lombo dos cavalos. Segundo Tibinho, esses relatos traziam mitos e lendas que valorizavam cada lugar e detalhavam as experiências vividas. Muitas dessas histórias ocorriam sob a luz do dia, mas a maioria ganhava vida durante a noite ou na madrugada, com cenários que incluíam as matas, os rios, os campos e as margens dos igarapés, que transbordavam no inverno e secavam sob o intenso sol do verão.

É importante ressaltar que o verão marajoara não corresponde às estações do ano convencionais. Ele marca o período em que as chuvas cessam, os igarapés secam, os capins morrem, e os animais precisam ser transportados para a região do Cuberto, onde há pastagens e água em abundância. Durante esse período, eram identificados os 'lugares respeitados', locais cuja fama vinha das histórias contadas entre os vaqueiros sobre possíveis fenômenos naturais e visagens, embora sem certeza absoluta de sua ocorrência. Já os 'lugares não certos' eram aqueles onde se acreditava, com convicção, que esses fenômenos realmente aconteciam. Assim surgiram nomes como o Furo do Bode, o Dom Ramiro, o Xixá do Carro, na região do Cuberto; e a Castanheira, as Três Ilhas, a Jutairana e o Igarapé das Almas, na região de cima do Teso. Esses nomes permanecem gravados no imaginário coletivo e se eternizam no futuro por meio das histórias transmitidas entre as pessoas da comunidade de Cima do Teso, preservando a memória e a oralidade do vaqueiro.

As recordações desses lugares ainda são relatadas por aqueles que as vivenciaram, passando-as às novas mentes dispostas a escutá-las. O relato do vaqueiro Amadeu, chamado de Peixe Liso, por ter sido um exímio nadador, eleva a importância dessas particularidades das fazendas marajoaras, que compõem a coletividade de cima do teso. Segundo ele,

O arrodador, hoje, se tem muito pouco. Eu tenho dito: eu trabalhei aqui, na fazenda Currealinho; então, na época, a gente tinha, quando terminava a festa do São Sebastião, começava em fevereiro, a gente tinha: a tiração de gado pra cerca; a tiração de mamote pra cerca; a tiração de novilha pra cerca; a castração de mamote; castrava tudo o quanto era garrote. Aí, sim, quando castrava tudinho, os encarregados de casa iam reparar se tinha bezerro da casa dos outros; que tinham; que não tinham. Aí, a gente ia assinalar; quando fosse dá arrodador; uns chamam de arrodador; outros, apartações; a gente ia dar. Então, os animais, da casa do vizinho, já estavam assinalados. Os encarregados, quando iam, diziam: olha, o bezerro da tua vaca é esse. Mas já tá assinalado. Então, o serviço não parava; era rodando todo o tempo; ia rodando. Assim como a gente ia na casa dos vizinhos; os vizinhos vinham na casa da gente. Então, era uma das diversões do vaqueiro marajoara, como eu sempre tenho dito: laçar, montar, derrubar; eu tenho canso de ver, mas eu, pra mim, laçá como eu aprendi, que os velhos tinham àquele hábito de dizer: coloca o cavalo atrás da rês e tira a rédea pra fora e joga a argola pra frente e acerta só no pescoço, ou, no chifre, se era um animal de porte maior (Amadeu, em janeiro de 2024).

Apesar de todo relevo, nessa banda, a tarefa do arrodador foi gradualmente abandonada e, em breve, não será mais lembrada pelos vaqueiros que a viveram. Antes, essa atividade era vista como um verdadeiro teste de resistência para quem desejava ser vaqueiro, mas com o passar do tempo, perdeu espaço e deixou de ser praticada. Era um ritual planejado com zelo, cuidados, pois envolvia várias pessoas, tanto por parte dos organizadores quanto do lado daqueles que o concediam. O ritual se iniciava com a visita do vaqueiro que o planejava aos feitores das fazendas onde se sabia que havia animais perdidos. Isso servia para indicar por onde essa ação deveria acontecer. Em seguida, os vaqueiros das fazendas vizinhas que tivessem interesse em participar eram convidados. Nessa etapa, ajustava-se a composição do bando, eram feitas orientações sobre a escolha dos cavalos, arreios, acessórios e vestimentas, bem como a necessidade de levar o 'banjerê', o pirão e a farofa do frito.

A rede deveria ser formada pelas reses mais dóceis. Os cavalos escolhidos deveriam ser os mais fortes, acostumados e resistentes, com a preferência recaindo sobre os animais castrados, pois os inteiros se desgastam mais rapidamente. Durante essa jornada, além da paciência, o vaqueiro exibia seus arreios como se fosse a um evento social relevante. Toda ação era consagrada ao 'velho Bastião', o protetor do vaqueiro da comunidade de Cima do Teso, fosse no momento da matalutagem, do convite ou da saída, pois tanto a tarefa quanto o vaqueiro e seus familiares precisavam

estar providos e protegidos durante o período da jornada. O surrão¹⁴, com a farofa do frito do vaqueiro, era indispensável em cada garupa. Para beber, era permitido pedir água nos sítios, retiros e fazendas ao longo do percurso, mas alguns preferiam aparar a água da chuva ou ‘matar a sede’ com a água dos igarapés, nas partes sombreadas pelas árvores, por se apresentar mais fresca.

Figura 33 - travessia de igarapé



Fonte: Marciel Moraes

O surrão, uma tradicional bolsa de tecido ou couro utilizada pelo vaqueiro das fazendas do Marajó, desempenhava um papel essencial durante as jornadas do arrodador. Carregado na garupa da sela, era nele que se guardava o frito do vaqueiro ou a paçoca de carne seca, alimentos típicos da culinária marajoara, criados para atender à necessidade de conservação por longos períodos. Preparado com carne cortada em pequenos pedaços, cozida na própria água e apurada na própria gordura da carne e do tutano, o frito é temperado apenas com alho e sal, garantindo sabor e alta durabilidade, ideal para os dias longe de casa. Prático e saboroso, o frito do vaqueiro é consumido com farinha da baguda, consolidando-se como uma refeição fundamental para a resistência e tradição do vaqueiro marajoara.

Por ser uma atividade que delongava, pelo menos, dois dias para ser concluída, era iniciada cedo do dia, por volta das duas horas da madrugada, coma

¹⁴ O surrão é uma espécie de bolsa onde os vaqueiros do Marajó levavam o frito do vaqueiro. Era carregado na garupa da sela

tiragem do leite para o vaqueiro beber com farinha ou farofa de frito. Cavalos, cabrestos, cabeçada e brida; sela, esteira, muxinga e faca embainhada na cintura; capa estilo baeta e surrão para a farofa de frito ou paçoca de carne seca; vara de ferrão e serrote pequeno eram itens indispensáveis. A esteira de junco seco, precisava ser a mais usada. O cabresto e a corda de laçar tinham que ser de nylon ou algodão, nunca de relho, couro, cru. A vestimenta do vaqueiro deveria ser a mais leve possível, pois ele teria de atravessar vários igarapés a nado, com a sela e a esteira nas costas, e a roupa na cabeça para não molhar. No caminho do arrodador, e do vaqueiro, convive-se com os lugares assombrados, os “lugares não certos” que impõem respeito com sua presença silenciosa.

Às vezes, as visagens afrontavam todos os vaqueiros, perdendo-os no caminho; em outras, apenas um ou dois ficavam perturbados. Mas quando um deles se afastava e saía em disparada, dizia-se que ele havia sido olhado por um bicho ou por uma entidade das encantarias. Nesse caso, somente um pajé ou uma rezadeira para quebrar o encanto. (Tibinho, janeiro de 2024).

Com essas crenças como companheiras, o vaqueiro percorre os campos da Ilha de Marajó diariamente, sobretudo em dias de “arrodador”, dedicando-se a dobrar e cuidar dos animais. Dentre esses, destacavam-se os bezerros não assinalados e os poldrinhos não marcados, cuja observação era essencial. O feitor utilizava essas tarefas como forma preliminar de estimar, antes da contagem oficial, a quantidade de animais no plantel da fazenda que estariam aptos para as ações de assinalar e ferrar. Essas atividades, repletas de significado e tradição, exercem fascínio tanto nos vaqueiros experientes quanto nos aprendizes das fazendas marajoaras. Nos tópicos seguintes, o significado profundo dessas práticas será revelado pelas narrativas dos próprios protagonistas: Amadeu, Dona Ana e Tibinho, mostrando como elas reforçam a identidade, a tradição e o vínculo dos vaqueiros com seu ofício.

A ASSINALAÇÃO

Nas fazendas localizadas no outro lado do rio, a assinalação destacava-se como uma empreitada de grande importância, mas caiu em desuso com a prática moderna de comercializar os bezerros 'em pé e inteiros', sem necessidade de

marcação prévia. Antes, esse ritual consistia em gravar, com o auxílio de uma faca amolada, um sinal registrado nas orelhas dos bezerros, fossem eles búfalos ou bovinos comuns, identificando assim a fazenda de origem e garantindo o controle sobre o rebanho. Além de cumprir essa função prática, a atividade tornava-se uma verdadeira exibição de resistência dos cavalos, da habilidade do vaqueiro e da reputação da propriedade. Tradicionalmente realizada em agosto, no Mineiro, antes da migração dos rebanhos para outras terras devido à seca, a assinalação encapsulava a relação entre o homem, o gado e as particularidades do ambiente marajoara.

Figura 34 - Assinalando bezerro no curral



Fonte: Anamaria Gomes de Araújo

Além de cumprir uma função prática e ajudar na identificação dos bezerros, a assinalação também se tornava uma verdadeira exibição de resistência dos cavalos, da habilidade do vaqueiro e da reputação da propriedade. Tradicionalmente realizada no mês de agosto, antes da migração dos rebanhos para outras terras devido à seca, essa prática encapsulava a relação entre o homem, o gado e as particularidades do ambiente marajoara.

Na fazenda Mineiro, os vaqueiros das fazendas vizinhas eram os participantes mais assíduos. Avisados com antecedência, reuniam-se no dia e hora programados para essa empreitada. Às vezes, a ansiedade era tanta que os mais afoitos vaqueiros não resistiam e perguntavam ao seu Lavino sobre a previsão do evento. Essa

atividade era ideal para os aprendizes de vaqueiro praticarem as orientações recebidas. Assim, era comum ver rapazes a partir dos doze anos à beira da malhada, reunida próximo à sede ou em campo aberto. E todos trajados como se experiências tivessem.

Figura 35 - Laçada o bezerro búfalo



Fonte: Marciel Morais

Quando a atividade acontecia próximo à sede do Mineiro, o gado da enseada era reunido cedo e mantido no cercado até a hora marcada para iniciar. Os bezerros da região do çalito¹⁵ e da castanheira eram assinalados juntos com os bezerros de outras fazendas. Se a assinalação fosse acontecer em campo aberto, o gado era aglomerado na malhada perto do local de pastagem, momentos antes. Na sede da fazenda Mineiro, obedecia-se a um ritual mais cerimonioso, que começava com a preparação do almoço oferecido aos vaqueiros convidados, inclusive àqueles que vinham de fazendas mais distantes.

Após a refeição, um café fresco era servido aos convidados, seguido por uma partida de dominó, cujas pedras deveriam ser feitas de osso para melhor entretê-los. As duplas eram formadas tanto pela empatia quanto pela habilidade dos participantes no jogo e na tarefa. No universo do vaqueiro marajoara, os iguais não se repelem, ao contrário, se atraem pela pavulagem. O resultado dessa brincadeira acompanhava os

¹⁵ Nome dado ao igarapé mais respeitado pela comunidade de Cima do Teso. É um braço do rio Arari com uma grande extensão.

vaqueiros até a beira da malhada, onde permanecia até o fim da jornada. Com o gado fechado, a tradição estipulava e o feitor a seguia. E o primeiro bezerro a ser apontado pelo feitor deveria ter as garantias e os atributos de corredor, igual a um veado-campeiro, e a dupla mais pávula¹⁶ deveria ser chamada primeiro.

Enquanto o feitor escolhia o bezerro, a dupla se dirigia ao centro da malhada para identificar o vitelo e receber as orientações sobre a melhor direção. O feitor tinha a obrigação de informar as condições do terreno e as características do bezerro. Logo, deveria conhecer o campo e os animais sob sua guarda. As orientações serviam para apartar o vitelo e direcioná-lo à parte mais limpa do campo, evitando buracos, matos e cercas, a fim de reduzir os riscos de acidentes e facilitar a laçada. Para dificultar a tarefa da parelha, o feitor recomendava que corresse contra o vento, mas a altura dos cavalos favorecia o bezerro, que enfrentava pouco vento. Essa recomendação servia para testar a rapidez do vitelo, a qualidade dos cavalos de serviços, a destreza e a estratégia da dupla de vaqueiros. A parelha deveria decidir quem deveria amassar e quem teria que laçar – revezam entre si -, mas os dois vaqueiros já saíam com a corda na mão e o laço de prontidão. Nesses eventos, a tradição ordenava e o feitor tinha o dever de observar os bichos de outras casas, na malhada, conhecer o sinal das outras fazendas e assinalar o bicho para não misturar. Sobre isso, assim relatou o vaqueiro Amadeu:

Aí, a gente ia assinalar; quando fosse dar arrodador; uns chamam de arrodador; outros, apartações; a gente ia dar; então, os animais da casa do vizinho já estavam assinalados; os encarregados, quando iam, diziam: olha, o bezerro da tua vaca é esse; mas já tá assinalado (Amadeu, janeiro de 2024).

Os cavalos eram estimulados com uma ou duas lambadas e beijos. Os toques na barriga, chamados de ‘correr o pé’, serviam para atizar o animal. Nessa atividade, a expectativa do vaqueiro era ver o bezerro pular da malhada para tentar escapar do laço, mas ser laçado logo na primeira tentativa, alcançando assim uma boa reputação. Com a participação dos vaqueiros, inclusive dos “gaboleiros”, a tarefa progredia até que os bezerros estivessem todos assinalados.

Essa atividade era consagrada, em segredo, por alguns feitores a Deus Pai,

¹⁶ Vaqueiro que gosta de se exhibir.

ao Glorioso São Sebastião e à Nossa Senhora da Conceição, protetores do vaqueiro marajoara, pois se acredita que essas entidades guiam e protegem homens, mulheres e animais. Porém, os pedidos aos vaqueiros das encantarias eram individualizados e feitos no momento de apertar a cilha, no instante de amarrar a corda na garupa ou na hora do trago, quando era oferecido um hausto ao santo que escolta cada vaqueiro. As bênçãos eram agradecidas quando a atividade era encerrada sem incidentes. Os encantados mais frequentemente invocados nesses eventos incluíam Quem Dera, Boa Ventura, o vaqueiro pretinho e o vaqueiro do lago do Guajará, entidades espirituais ligadas à tradição do vaqueiro marajoara e à proteção de sua jornada. No entanto, havia outros encantados cujos nomes eram mantidos em segredo por cada vaqueiro que os consagrava, reforçando a dimensão íntima e pessoal dessa crença.

Figura 36 - Corda de relho cru na garupa da sela



Fonte: Marciel Moraes

Contudo, a fé do vaqueiro se revelava ao final de cada corrida, quando ele parava para beber e oferecer um trago de pinga 'ao santo' em agradecimento pela proteção. De acordo com Amadeu: 'é uma devoção que a gente nunca deve contar pra ninguém. Me perdoe, mas isso...'. Nesses eventos, o vaqueiro demonstrava sua destreza pessoal e o resultado do trabalho da acertação dos cavalos de serviços. Por

ser naturalmente habilidoso, se destacava por sua competência, pois as tarefas eram difíceis e perigosas. Ao final, após a malhada ser liberada, os vaqueiros se reuniam para receber os agradecimentos do feitor pelo trabalho realizado. Nesse momento, o 'muito obrigado' era dito 'olho no olho', como manda a tradição, seguido de um firme aperto de mão, abonando com franqueza a gratidão, a confiança e a simplicidade do homem dos campos do Marajó.

As cordas utilizadas para esse tipo de serviço eram confeccionadas em nylon, algodão ou relho (figura 36), evitando-se o uso de sola curtida, já que a curtição enfraquece o couro devido à lavragem. As medidas eram em braças, geralmente entre dezoito e vinte, a referência era a envergadura dos braços do vaqueiro, equivalente a um metro e meio. Cada corda era caseada em ambas as pontas, com um feitio único desenvolvido por cada vaqueiro. O padrão de tessitura, as técnicas de acabamento e os detalhes do caseamento eram atributos de cada artesão, tornando possível a identificação do vaqueiro pelo arreio. Em algumas cordas adicionava-se uma alça, próxima à ponta e antes da argola, esta poderia ser simples ou matinada, conforme a preferência de quem fosse manejar o laço. Na outra ponta, o botão precisava ser robusto para garantir a segurança do vaqueiro e era preso à cilha. Quanto à cilha e sobrecilha, estas deveriam ser tecidas em fibra, nylon ou sedem, sendo que esta última exigia reforço adicional para garantir maior tranquilidade ao vaqueiro durante a realização da tarefa da castração, assunto que será abordado no tópico seguinte.

A CASTRAÇÃO

A castração de garrotes é uma tarefa árdua e perigosa, destacando-se como uma das atividades mais importantes na vida do vaqueiro, especialmente quando realizada em campo aberto. Fortemente enraizada na cultura do vaqueiro marajoara, essa prática exige máxima atenção e habilidade, pois envolve animais grandes, brutos e estressados, acrescentando complexidade ao trabalho. Diferentemente das atividades anteriores, a castração dispensa a formação de redes, reunindo o gado diretamente na malhada e substituindo as parselhas por trios, quartetos ou até quintetos de vaqueiros, conforme a necessidade.

Quando realizada no curral, essa atividade se tornava ainda mais desafiadora e arriscada, conforme relatos do vaqueiro Fogueteiro. Nesse ambiente, a possibilidade de acidentes aumentava tanto para o vaqueiro quanto para os animais, que frequentemente tentavam escapar, saltando sobre o curral. Esses episódios, infelizmente, resultavam em acidentes graves e, por vezes, no sacrifício dos animais, cuja carne era aproveitada de forma adequada.

Além disso, a prática tradicional conhecida como 'topagem' era um desafio de coragem e destreza, no qual um grupo de vaqueiros enfrentava um garrote graúdo e enfurecido dentro do curral, sem corda, utilizando apenas uma vara de ferrão e as mãos para dominá-lo. Embora perigosa, a topagem era realizada em um clima festivo, mostrando a maestria e o espírito destemido do vaqueiro marajoara para derrubar o garrote. A ação servia como um teste de força e habilidade, além de celebrar a bravura daquele que brincava com os desafios da lida.

A tarefa de castrar garrotes era reservada exclusivamente aos homens-feitos e vaqueiros experientes, seja em campo aberto ou no curral. Na fazenda Mineiro, essa atividade ocorria em campo aberto, onde os aprendizes tinham o papel de circundar e manter o 'gado fechado' na malhada. A tradição e o costume ditavam as regras, exigindo que o vaqueiro seguisse o rito com rigor. Montava-se o cavalo mais forte e habituado ao serviço, levando consigo uma faca na cintura, um pequeno serrote e uma vara de ferrão. Em certos momentos, era necessário deixar o cavalo solto no campo, mas devidamente enfreado com a rédea da brida presa à capa da sela para permanecer próximo, pronto para proteger o vaqueiro e defender a si próprio de possível ataque do garrote enfurecido.

Segundo o Beazinho, seu Lavino dizia: "aqui, pangaré não se cria". Segundo ele, o ditado valia igualmente para vaqueiros, cavalos e garrotes. A preparação dos equipamentos – sela, esteira, cilha, sobrecilha e corda – era crucial e precisava ser revisada com antecedência. Beá recorda, com humor e respeito: "o finado Lavino orientava bem a gente. Se ele notasse algum puimento, dizia pra gente levar outra. Égua, era só garrote do porrudo, Parente!" (BEÁ, janeiro de 2024)

O processo de castração exigia cuidado especial, devido ao comportamento vigoroso e agitado dos animais, tornando essencial uma atenção extra para prevenir

incidentes. Segundo relatos, diante do alto risco, era comum um cavalo se ferir gravemente, forçando o vaqueiro a voltar para casa na garupa de outro, com a sela nas costas. Em campo aberto, apenas os 'vaqueiros inteirados' formavam a parelha, como destacou Amadeu. Edinaldo Cabo Velho complementa: "a dupla precisava carregar cordas, facas, sacos para os testículos e serrotes pequenos para aparar os chifres do garrote". (EDINALDO, janeiro de 2024). Após a castração, a ponta dos chifres era serrada para marcar o animal como boi de engorda, destinado ao abatedouro. Nesse evento, a dinâmica da parelha era essencial, com revezamento obrigatório na laçada, sem perder a responsabilidade de cada vaqueiro em acertar na primeira tentativa. Essa prática, embora extenuante e perigosa, era uma verdadeira demonstração de habilidade, força e respeito às tradições que moldaram a cultura do vaqueiro marajoara.

De acordo com o Fogueteiro, quando o garrote era 'gigante e indômito', a dupla de vaqueiros recebia reforço de outras parelhas. Nessa circunstância, duas ou mais parelhas trabalhavam em conjunto para laçar e castrar o mesmo animal. Qualquer vaqueiro poderia fazer a laçada, especialmente aquele que conseguisse laçar primeiro o bicho. Para derrubar o garrote, utilizava-se a técnica conhecida como 'meter por dentro', que consistia em correr para a frente do animal, passar a corda entre suas patas dianteiras e puxar forte para causar sua queda e facilitar a imobilização. Outra técnica, envolvia a 'rabeação', na qual o vaqueiro deixava seu cavalo enfreado e segurava o rabo do garrote, puxando-o para a lateral do bicho e derrubá-lo. Em um terceiro método, as patas traseiras eram laçadas e puxadas até que o animal tombasse e ficasse imobilizado. Na rabeação, o vaqueiro mais forte, experiente e destemido assumia a liderança. Se fosse ele o responsável pela laçada, também tinha a tarefa de 'meter por dentro' e, sozinho, imobilizar o garrote. Caso falhasse na primeira tentativa, recebia auxílio dos demais.

Nessas situações, o cavalo desempenhava um papel duplo: além de ser uma ferramenta de trabalho, funcionava como um escudo de proteção para o vaqueiro. Era imprescindível que o animal possuísse as qualidades descritas anteriormente. Quanto aos testículos do garrote, estes não eram descartados, pois representavam um troféu simbólico do processo de castração, marcando a habilidade do vaqueiro e a eficiência

da parelha. Eles eram cuidadosamente armazenados em sacos ou sacolas de sarrapilheira, geralmente presos à garupa do vaqueiro responsável pela laçada ou castração. Considerados afrodisíacos, esses 'troféus' reforçavam a tradição e o prestígio do vaqueiro dentro da cultura marajoara.

Figura 37 – Laçada do búfalo no campo



Fonte: <https://www.ibge.gov.br>

Sobre o preparo do saco ou 'culhão' do boi, essa era uma tarefa privativa da mulher, mas seu consumo era reservado apenas ao vaqueiro homem. Entre os vaqueiros, circulava uma busão antiga, contou Dona Ana, na qual muitos acreditavam, que dizia: "A mulher que consumir testículos de garrote, se ainda for solteira e virgem, vira mulher-macho". Essa crendice refletia valores culturais sobre masculinidade e feminilidade na região. Além disso, outra busão popular entre os vaqueiros afirmava: "Se uma jovem imaculada consumir testículo de garrote, cozido ou assado, se torna um ser híbrido, que na linguagem popular dos campos da Ilha de Marajó quer dizer macho-e-fêmea, mulher-homem ou mulher-macho", relatou Beazinho (janeiro/2024). Por esse motivo, nenhuma vaqueira podia degustá-lo, mantendo essa prática como um rito exclusivo dos homens.

No entanto, é sabido que algumas mulheres, discretamente, separam porções do 'saco de boi' para consumirem longe dos olhares dos maridos ou afastadas dos demais vaqueiros. A castração, assim como as outras atividades apresentadas, é uma prática anual nas fazendas da comunidade de Cima do Teso, na Ilha de Marajó,

marcada por profundas tradições. Em respeito à tradição, há restrições bem definidas: enquanto os homens são proibidos de preparar pratos à base de testículos de garrote nas fazendas, as mulheres, por sua vez, não podem participar da construção das tapagens, conforme será detalhado a seguir.

A TAPAGEM

Nos tópicos anteriores, observa-se que muitas das tarefas nas fazendas localizadas do outro lado do rio são realizadas de forma colaborativa. Por isso, a visão de um bando de vaqueiros cruzando os campos ou se reunindo em torno de uma malhada sinaliza que uma atividade importante está em andamento. Esses momentos são marcados por um forte senso de solidariedade, sentimento que o vaqueiro denomina como 'ajuda' - o que leva a crer que ele desconheça a palavra solidariedade -, e que carrega um significado especial: deve ser sempre retribuída, mesmo entre aqueles que, por vezes, têm divergências, como relatou Dona Ana: "mesmo entre aqueles que não se bicam bem, a união deve prevalecer quando a ocasião exigir".

Essa noção de cooperação emerge de uma necessidade prática e vital: assegurar a sobrevivência tanto de animais quanto de pessoas da Comunidade, especialmente durante a invernada marajoara, o rigoroso período de chuvas que transforma a paisagem da ilha, e a intensidade do verão. Nessas condições desafiadoras, a vida nos campos do Marajó depende diretamente do esforço coletivo, seja para garantir a alimentação e o manejo do gado, seja para proteger as fazendas das intempéries. A ajuda mútua, nesse contexto, não é apenas uma escolha, mas uma tradição profundamente arraigada e necessária, como apontam estudos sobre a cultura dos vaqueiros marajoaras. Essa prática reforça os laços entre os vaqueiros da comunidade de Cima do Teso e tem sido documentada em obras como 'Marajó e Vaqueiros: Memórias de ofício, épica e ancestralidade' e no romance 'Marajó', de Dalcídio Jurandir.

Além disso, a solidariedade não está limitada ao trabalho. É também um pilar emocional, que fortalece os vínculos e cria um ambiente de apoio mútuo. Essas conexões são fundamentais para o vaqueiro enfrentar as dificuldades que a vida no

campo traz, transformando cada tarefa em uma expressão da identidade coletiva do vaqueiro marajoara.

Figura 38 - vaqueiros carregando o



Fonte: Marciel Morais

A tapagem é uma estrutura tradicional destinada a represar água durante o verão, garantindo o abastecimento para os poucos animais que permanecem junto ao vaqueiro. Além disso, serve como reservatório de peixes, como cachorrinho do padre, tamuatá, pongó e jijus, que são uma importante fonte de alimento para o vaqueiro no período da estiagem. Por essa razão, é uma atividade também solidária, uma característica marcante do vaqueiro da comunidade de Cima do Teso, sendo a tapagem um evento que valoriza o trabalho coletivo.

Esse evento, exclusivamente masculino, é regado a comidas e bebidas tradicionais, preparadas por um vaqueiro escolhido entre os participantes da tarefa. A tradição não permite a participação de mulheres, cujas razões permanecem abertas a interpretações, embora ressoe um evidente 'clube do bolinha', como mencionado no tópico sobre a castração. As bebidas típicas desse encontro são relatadas pelos vaqueiros mais velhos como combinações de leite, frutas, cachaça e álcool, feitas na cozinha das fazendas envolvidas. A batida, por exemplo, mistura suco de frutas como taperebá, jenipapo, muruci ou limão galego com cachaça e açúcar. O leite de onça, por sua vez, é preparado com leite grosso de búfala fervido, adoçado e misturado ao

álcool, cozido em fogo brando e engarrafado na vasilha do álcool. Já o pau na coxa deriva do leite de onça, mas é enriquecido com cachaça, nescau ou chocolate, canela em pó e adoçado com açúcar mascavo. Conforme observou Tibinho, é uma versão rústica da bebida *alexander*, servindo não apenas para fortalecer, mas também para dar coragem aos vaqueiros na execução da tarefa.

Os vaqueiros Cabo Zeca e Catrafo (Raimundo Aurélio) relatam que, “hoje em dia, não se faz mais tapagens”. As retroescavadeiras e os tratores eliminaram a necessidade do uso do bangué. Essa ferramenta - uma espécie de maca artesanal - era usada para transportar grandes quantidades de terra, além de objetos, animais e pessoas doentes. Raimundo Aurélio lembra que, para construir um bangué: “matava-se uma vaca; tirava-se o couro; esticava-o e deixava-o secar para fazer o bangué. Cavava... ia botando no bangué... ia tirando... ia tirando... e todo mundo se ajudava, né? Todo mundo... Todo mundo... É... Ainda... Ainda passei por isso”, ele compartilhou essa lembrança, em janeiro de 2024.

Durante o inverno, sem espaços adequados para movimentar os animais na época da seca, o vaqueiro de uma das fazendas da Comunidade deveria observar quais igarapés apresentavam menos lama e maior capacidade para reter água da chuva. O trabalho incluía percorrer o igarapé, nos limites da região de Cima do Teso, avaliando a força da correnteza e a vazão da água. Como lembra Dona Ana: “naquela época não havia cercas separando as fazendas, logo, qualquer igarapé poderia servir para construir uma tapagem”. Contudo, os igarapés próximos às matas eram sempre os preferidos, por causa da madeira e cipós. “Com a necessidade de construir a tapagem durante a seca, o vaqueiro ia de fazenda em fazenda pedindo e organizando o apoio de outros”, descreveu Dona Ana.

No dia marcado, um mutirão reunia pessoas com os utensílios disponíveis: bois de carga, cavalos, cordas, arames, enxadas, picaretas, pás, martelos, terçados, cavadeiras, machados e bangués. Algumas pessoas traziam suprimentos – cafés, panelas, feijão, charque, carne seca, temperos e vasilhames com água. As tarefas eram organizadas de acordo com as habilidades de cada grupo formado. Enquanto um grupo adentrava na mata para selecionar e cortar a madeira, outro recolhia cipós fortes e resistentes, preferencialmente das espécies timbó e titica. Outra equipe

transportava a madeira até o local da tapagem e o grupo que permanecia no local escavava o leito do igarapé e a áreas ao redor, para ampliar a capacidade de retenção de água e produzir terra para a tapagem. Entre os participantes, escolhia-se o 'chacoleiteiro,' o vaqueiro responsável em preparar o café e o almoço, garantindo o sustento de todos durante o trabalho.

A tapagem é uma atividade que, uma vez iniciada, não pode ser interrompida. Os homens se revezavam no transporte do bangué e na fixação das estacas, cuidadosamente ajustadas para resistir à força da água. A expectativa era que a estrutura erguida durasse pelo menos dois verões, com revisões anuais obrigatórias para garantir sua funcionalidade. No entanto, quando a força da água excedia as previsões, era comum que algumas tapagens se rompessem, especialmente durante o inverno. Nessas situações, no verão seguinte, era necessário escolher um novo local e iniciar a construção de outra tapagem. Embora seja uma prática comum da estação seca, essa atividade não incluía a matalutagem, um evento sagrado para o vaqueiro marajoara, que será abordado a seguir.

A MATALUTAGEM

Nas fazendas situadas do outro lado do rio Arari, a matalutagem destaca-se como um ritual de grande relevância, especialmente para a comunidade de Cima do Teso. Representa mais do que uma simples tarefa, pois é essencial para a subsistência, a saúde e a manutenção da vida, sendo chamada pelos mais velhos de 'garantir o passadio', expressão que remete à necessidade de assegurar a alimentação e o sustento das pessoas da fazenda.

Além de sua função prática, a matalutagem representa um legado cultural do vaqueiro marajoara, transmitido por gerações como um símbolo de resistência e união. Essa atividade garante a subsistência da fazenda e a tranquilidade do vaqueiro para executar as tarefas no campo, pois, enquanto trabalha longe de casa, tem a certeza de que sua família estará provida de alimentos. Dessa forma, ele pode cumprir seu papel com segurança e sem preocupações.

No entanto, para que a matalutagem aconteça, é imprescindível a permissão do proprietário da fazenda. A anuência do 'dono' confere ao feitor a responsabilidade de conduzir a tarefa, junto ao dever primordial de escolher com critério a rês a ser abatida. Essa escolha, especialmente se recair sobre uma vaca ou uma novilha, exige extrema atenção, pois há crenças que associam o abate desses animais à diminuição da fertilidade do rebanho e à escassez futura.

O feitor, portanto, além de desempenhar um papel funcional, atua como guardião das tradições, garantindo que a matalutagem seja realizada conforme os costumes transmitidos ao longo das gerações. Sua experiência e conhecimento das práticas ancestrais asseguram que a escolha do animal e a condução do abate respeitem os valores de seus antepassados, equilibrando as necessidades da fazenda com os princípios culturais dos vaqueiros marajoaras.

A matalutagem, como prática, transcende o ato de abater uma rês. Ela carrega a simbologia de compartilhar alimento e preservar a unidade entre os moradores da comunidade, fortalecendo os laços entre as fazendas. Essa atividade, profundamente respeitada, reflete a interseção entre os rituais de agradecimento, as crenças sobre a escolha da rês e as práticas cotidianas de manejo do gado, que juntos moldam a identidade do vaqueiro marajoara. Dessa forma, a matalutagem não é apenas uma necessidade econômica, mas também um elemento essencial na dinâmica socioeconômica e espiritual da Ilha de Marajó.

No Mineiro, três eram os motivos que levavam o vaqueiro a iniciar o “ritual” da matalutagem: o verão intenso, o inverno rigoroso e a falta de opção para “coletar” da natureza “o pão nosso de cada dia”, como se fala no Marajó. No verão intenso, os animais pastavam em campos mais distantes, na região do Cuberto, e o vaqueiro era “obrigado” a passar vários dias fora da sede. Nesse período, para não ficar sozinha, eu e os pequenos ficávamos na sede. Nesse tempo, “a água diminuía, a alimentação escasseava e o poço tinha que ser ‘cavado’” várias vezes para manter o veio produzindo, pelo menos, um filete d’água para encher os potes, cozinhar, molhar as plantas e saciar a sede dos poucos animais que eram mantidos lá. Várias vezes, o nosso café da manhã era café com farinha e chibé (Dona Ana, agosto de 2024).

Após receber a autorização dos 'brancos', como relatou Ivani, “a gente tinha que comprar os ingredientes no outro lado do rio, no comércio de Cachoeira: sal, alho, pimenta-do-reino e cominho, e organizar as panelas”. De acordo com Dona Ana, “o

Lavino afiava as facas na pedra d'água que eu trouxe lá do São João do Horácio. Ele também ajustava o cabo do machado e o deixava bem amolado e a lenha era cortada em grande quantidade no mato ao lado da casa”.

Conforme Dona Ana narrou, já na tarde anterior, todo o preparo começava: o limão-galego era colhido, descascado e preparado para a extração do suco; o alho era descascado e amassado em grande quantidade; as panelas eram organizadas para facilitar o trabalho pela manhã do dia seguinte. Essa etapa inicial era imprescindível para garantir que tudo estivesse pronto no momento do abate, refletindo a meticulosidade e a tradição envolvidas no ritual da matalutagem.

Figura 39 - matalutagem



Fonte: Marciel Morais

Com tudo preparado, o vaqueiro montava em seu cavalo e seguia para o campo com o objetivo de fechar o gado ou isolar parte dele, sempre tomando cuidado para não agitar a rês, como relatou Beá. Dona Ana explicou que, caso a licença permitisse o abate de uma fêmea, o vaqueiro precisava redobrar o cuidado e a atenção. “Nesses casos, o Lavino chamava ora o seu Vavá Siqueira, ora o seu Diquito, vaqueiros vizinhos e muito experientes, para garantir que a rês não estivesse prenha”, relatou Dona Ana. Tradicionalmente, não é costume abater vacas e novilhas prenhas, pois acredita-se que tal ato poderia trazer dificuldades e estagnação para a fazenda e seus trabalhadores. Para o vaqueiro marajoara, matalutagem é o ato de garantir a

alimentação, permitindo que ele trabalhe com tranquilidade, especialmente nos períodos em que permanece mais tempo distante da sede, realizando as tarefas mais exigentes da fazenda.

A matalutagem exige um equilíbrio cuidadoso entre homens e animais, em um processo no qual as pessoas envolvidas não são algozes, mas participantes de um ciclo em que o animal deixa de ser uma entidade para se transformar em sustento. Desde a seleção e a separação da rês até o momento da laçada e o sangramento, cada etapa é conduzida com atenção e respeito, pois é nesse instante que ocorre o ato de 'desanimalização'. Essa prática dialoga com as ideias de Philippe Descola, especialmente discutidas em sua obra *Além da Natureza e Cultura* (2005), na qual ele explora como diferentes culturas redefinem a identidade dos animais, atribuindo-lhes novos significados que os integram ao universo simbólico e prático das comunidades humanas. Durante esse processo, seu Lavino parecia conversar com alguém, embora suas palavras fossem inaudíveis. “A gente notava seus lábios em movimento como se estivesse falando com alguém”, declarou o vaqueiro Tibinho. Cada passo precisava ser executado com precisão, e apenas o feitor, nesse caso seu Lavino, tinha o direito e a responsabilidade de apontar qual seria o animal a ser abatido.

Todos agiam em conjunto; enquanto alguns seguravam os mocotós, geralmente os moleques, outros removiam o couro; as meninas cuidavam do miúdo e os jovens solteiros, por serem mais fortes e vigorosos, carregavam os quartos do animal até a cozinha onde as penduravam para escorrer o sangue. Dessa maneira, mostravam força, virilidade e se destacavam como vaqueiros 'inteirados' (Tibinho, janeiro de 2024).

Algumas partes do animal abatido são cuidadosamente divididas e distribuídas entre as casas vizinhas, preservando a tradição e o espírito solidário característico do vaqueiro marajoara. Como explicou Tibinho, “se a fazenda da direita enviasse um pedaço de costela, a reciprocidade teria de ser com a mesma parte: uma costela mindinha por uma costela mindinha”. Essa troca simbólica reflete o forte senso de equidade e reciprocidade presente na comunidade. Enquanto a ajuda mútua entre os vaqueiros garante o cumprimento das tarefas diárias, a reciprocidade na partilha da carne reforça laços comunitários e assegura a subsistência de todos.

A tarefa de entregar 'o pedaço de boia' fica sob a responsabilidade dos

moleques, que, montados em cavalos mansos, percorrem as fazendas vizinhas para realizar as entregas. Esse gesto reforça o sentimento de solidariedade e o senso coletivo que permeiam a vida comunitária das fazendas na região de Cima do Teso. Essas práticas, além de fortalecerem os laços entre as famílias, reafirmam e celebram os valores que mantêm vivas as tradições que atravessam gerações de vaqueiros.

Em resumo, a matalutagem transcende o aspecto puramente prático; é um processo profundamente enraizado nas tradições e nos costumes da região. Mais do que o abate de um animal para transformá-lo em sustento, ela une vaqueiros em torno de uma prática que reafirma valores culturais e comunitários. Cada parte do animal abatido é valorizada – do couro aos ossos e chifres – em uma demonstração de respeito e aproveitamento integral. Essa cultura, viva e pulsante, não se limita à matalutagem. Ela está entrelaçada com outras práticas, como o ferra de bezerros, evento que permanece o mais aguardado nas fazendas da região, ainda que atualmente seja executado de maneira diversa em comparação às épocas passadas, como será explorado no próximo tópico.

A FERRA

Figura 40 - ferra no curral



Fonte: <https://www.ibge.gov.br>

Entre as tarefas coletivas realizadas nas fazendas, dali d'outro lado, a ferra é a mais aguardada por causa do desafio de enfrentar animais incivilizados. Atualmente, realizada na manga, essa jornada ainda agrupa vaqueiros das fazendas de cima do

teso e de outras mais afastadas, de dentro da cerca, incluindo aqueles já aposentados que participam ora guiando os mais novos, ora atuando como marqueiros ou somente para aproveitar a farofa do frito do vaqueiro marajoara.

Quando a ferra era realizada de maneira tradicional, em campo aberto, poucos vaqueiros aposentados eram convidados devido à intensidade e ao esforço exigidos pela lida. Aqueles que aceitavam participar desempenhavam funções como cercadores da malhada ou marqueiros. Ainda assim, mesmo os aposentados, como os vaqueiros em atividade, não deixavam o evento sem correr, pelo menos, um bezerro e sem levar para casa um pedaço de costela na garupa da sela, destinado a preparar 'um cardo', como costumam dizer.

A recompensa pela participação ia além do pedaço de carne levado ao final da jornada. Era também a lembrança do 'cardo de espinhaço com qualhera,' compartilhado após o trabalho, e as histórias vividas que eram narradas por dias, perpetuando as memórias e os laços comunitários. As histórias das ferras realizadas na fazenda Mineiro se espalhavam pelas cercas e alcançavam até mesmo as fazendas mais distantes, de dentro da cerca, reforçando a importância cultural e social desse evento entre os vaqueiros da região.

Em relação ao tempo mais indicado para esse acontecimento, de acordo com o Raimundo Aurélio:

O mês de julho era o preferido pelo Lavino, por causa das condições do terreno e do tempo. É o período da transição entre a internada marajoara e a estação seca, o verão. Além de considerar as condições do tempo, o Lavino observava a incidência de pragas como a mosca do chifre e o maruim; a terra, dura e cheia de terruadas do verão, que aumentava os perigos tanto para o vaqueiro, como para os animais; também, considerava o final do inverno, para que todos corresse em terreno ainda macio pelas águas das chuvas. O mês de Janeiro é o início das águas e, o de julho, o começo do verão, no Marajó (Raimundo Aurélio, janeiro de 2024).

A ferra é um ritual demandado pelo feitor, que administra a fazenda, e, após ser aprovada pelo proprietário, é seguida pelos convites às propriedades vizinhas e vaqueiros interessados. O convite, mantido na forma tradicional e verbal, é realizado pelo feitor anfitrião, que visita cada fazenda para verificar a disponibilidade do vaqueiro para participar do evento na data programada. O vaqueiro que aceita o convite tem a

responsabilidade de repassá-lo a outro vaqueiro de sua confiança, mesmo que esteja em fazendas mais distantes.

No dia do evento, os vaqueiros se reúnem para fechar o gado na malhada, entre as fazendas Mineiro e Santa Maria. Atualmente, essa tarefa é realizada na manga do galpão, e o tradicional costume de correr o bezerro tornou-se distante, o que alterou significativamente essa prática, antes amplamente adotada pelos vaqueiros da região. Na manga, o serviço se tornou mais prático e objetivo, permitindo que várias atividades sejam realizadas em um único evento: ferrar, vacinar e aplicar o brinco nos animais.

Entretanto, anos atrás, a ferra era um evento altamente aguardado pelo vaqueiro, marcado por um ritual detalhado e preparado com antecedência, liderado pelo vaqueiro Lavino. Cortava-se uma grande quantidade de lenha, enchia-se vasilhas de água, organizava-se as louças e as panelas, e escolhia-se o local para montar o fogo da marca, que também servia para assar a carne. Preparava-se tiras de relho para peiar e imobilizar os bezerros, além de garantir a caderneta para o anotador ou ouvidor, juntamente com a caneta, registrar tudo com atenção e precisão.

A tarefa de marcar o bezerro com o ferro quente, ainda em brasa, era tradicionalmente realizada pelo feitor, mas podia ser delegada a alguém de sua confiança. Para cada bezerro marcado, ele tinha a responsabilidade de gritar para o anotador as palavras “macho!”, “fêmea!”. Caso dois machos ou duas fêmeas fossem marcados consecutivamente, ele anunciava “outro dito”, logo após a designação, para registrar a sequência de forma correta.

Essa atividade era extremamente intensa e extenuante, começava cedo, com a matalutagem. A dupla ou parelha, chamada primeiro, precisava apartar o bezerro da malhada, correr atrás do animal, laçá-lo, conduzi-lo até próximo à fogueira da ferra, rabear, peiar e deixar o bezerro imobilizado no chão. Quando cerca de dez a quinze bezerros estavam preparados, o feitor fazia uma pausa para ferrá-los, enquanto outros vaqueiros soltavam o bezerro ferrado cuidando para que atacassem outros vaqueiros, principalmente o feitor, mantendo o ritmo do trabalho. Ao final do serviço, era comum que o feitor tivesse percorrido aproximadamente 5 km durante toda a jornada.

No encerramento, a malhada era liberada e os vaqueiros se dirigiam à casa-

sede para, enfim, o almoço. A mesa era servida tantas vezes quanto fosse necessário, garantindo que nenhum vaqueiro, independentemente de sua contribuição, retornasse para casa sem almoçar ou sem levar um pedaço de carne. Esse pedaço simbolizava a garantia da boia para o dia seguinte. Além disso, havia o compromisso de atender aos convites das outras fazendas que participavam dessa tradição. Conforme relatou Tibinho, o pagamento pela participação não era apenas o alimento, mas a reciprocidade de esforços em eventos similares, fortalecendo os laços comunitários entre os vaqueiros. De acordo com esse vaqueiro:

Durante o almoço, os que não coubessem à mesa, aguardavam jogando uma partida de dominó, momento em que relatavam as histórias e os feitos gabolas sobre namoradas e outros serviços; às vezes, mangando de alguns colegas, pois muitas histórias eram imaginárias, lorotas, para que todos rissem. À medida que a mesa era trocada, as duplas, do jogo, cediam lugar àqueles já almoçados. Nesse tempo, os vaqueiros se despediam e retornavam para suas casas, de “bucha cheia”, satisfeitos por terem cumprido mais uma jornada pelos campos certos e não certos do Marajó (Tibinho, janeiro de 2024).

Assim, é possível inferir que a vida do vaqueiro marajoara se desenvolveu através dos serviços e das histórias criadas e contadas por ele ou por alguém muito próximo, que as ouviu e as tornou conhecidas. Ressaltando, porém, que as narrativas podem ter surgido de qualquer lugar, sem precisar estar relacionadas a um lugar específico. No entanto, nos relatos iniciais, trazidos ao final deste capítulo, feitos pelo vaqueiro Raimundo Aurélio, no caminho da fazenda Vitória, na região do Anajás e, principalmente do vaqueiro Raimundo Lucas, o Luquita, no caminho do Cuberto e próximo da porteira da fazenda Mãe Maria, revelam isso. Na narrativa de Luquita, consta que ele gostava de cavalgar à noite. Nessa história, ele conta que:

Voltava para o Mineiro, vindo da casa do Tio Lota, na região do Cuberto, na companhia de seu irmão, Lavinito. E, ao se aproximar da porteira da Mãe Maria, seus cavalos começaram a assoprar e a não querer seguir viagem. Segundo ele, havia algo estranho no meio da estrada. Então, ele desceu do cavalo e se aproximou a pé, com a muxinga na mão, mas não avistou nada. Então, retornou para seu animal, sem dar as costas para o objeto. Então, tiveram que dar uma grande volta até alcançar a essa porteira, que dava acesso aos campos que os levaria até o Mineiro (Luquita, outubro de 2024).

Assim, as narrativas do vaqueiro marajoara ultrapassam os limites das

paisagens e das fazendas, configurando-se como um rico patrimônio cultural, ao mesmo tempo íntimo e compartilhado. Relatos como os de Luquita e Catrafo não apenas desvendam o cotidiano do vaqueiro, mas também revelam os mistérios e as peculiaridades que habitam os campos. Essas histórias consolidam um elo profundo entre os homens e os chamados 'lugares não certos'. Encerrando este capítulo, é notório como a oralidade e as vivências moldam essas narrativas, perpetuando o imaginário popular e enriquecendo a memória e identidade da região.

No próximo capítulo, exploraremos mais de perto os fascinantes mistérios e significados que cercam os 'lugares não certos'.

CAPÍTULO TERCEIRO

LUGARES NÃO CERTOS

Os “lugares não certos”, abordados neste capítulo, simbolizam mais do que meros espaços físicos. Eles se traduzem em paisagens carregadas de significados que transcendem o material, situando-se em uma zona de interseção entre o real e o imaginário, onde as experiências vividas desafiam explicações convencionais. Nessas áreas — dali do outro lado — encontram-se memórias de encontros com “seres encantados” ou aparições de fenômenos que fogem à normalidade, percebidos pelos vaqueiros como sinais ou presságios. A experiência de passar por esses lugares faz do vaqueiro um grande contador de histórias: “sereno repentino que o impede de enxergar um palmo à frente na estrada”, “presságios”, “tremores”, “calafrios” e a “sensação de avistar animais e vultos no campo”.

Tais vivências superam o plano individual e alimentam um imaginário coletivo que transforma essas paisagens em espaços simbólicos de transição. Nesse contexto, o racional se entrelaça com o místico, inserindo o vaqueiro em um ambiente onde as experiências desafiam a lógica convencional e reafirmam a relação entre homem, natureza e cultura. Como reflete Eduardo Viveiros de Castro (1996), as cosmologias amazônicas não apenas reinterpretam, mas ressignificam as fronteiras entre o natural e o sobrenatural, estabelecendo uma relação fluida onde ambos coexistem e se entrelaçam, uma visão que dialoga diretamente com os “lugares não certos”.

Até mesmo o animal que conduz o vaqueiro, ou é conduzido por ele, reage de modo abrupto, atípico, com assopros nervosos, passos acelerados e olhares fixos, oferecendo, para os olhos humanos, uma evidência empírica de que algo fora do comum se manifesta. Essas reações não apenas refletem a manifestação de algo fora do comum, mas também destacam a íntima sintonia entre o vaqueiro, os animais e o ambiente, um elo que transcende o físico e adentra o simbólico.

Sob uma abordagem etnográfica, a maneira de reagir dos animais e as percepções do vaqueiro podem ser compreendidas como parte de um sistema de símbolos que atribui novos significados às experiências vividas nesses lugares. Para

o vaqueiro marajoara, esses espaços se tornam portais para o desconhecido, marcando a relação complexa entre o natural, o sobrenatural e o imaginário coletivo. Tal como em sua análise sobre o perspectivismo indígena, Viveiros de Castro (1996) aponta que a interação entre humanos, animais e o invisível revela sistemas de significação únicos, que desafiam a compreensão ocidental tradicional e reafirmam a riqueza do imaginário cultural marajoara.

Para o vaqueiro da Ilha de Marajó, esses lugares carregam uma dimensão simbólica que se entrelaça com a cosmologia local, sendo percebidos como espaços de transição para o desconhecido. O conceito de “não certo” emerge como uma tentativa de legitimação cultural, narrada com veemência pelos mais velhos da comunidade de Cima do Teso. Suas histórias, por vezes associadas a fenômenos naturais pouco compreendidos, refletem o imaginário coletivo do vaqueiro e também a maneira como esses espaços ajudam a construir suas identidades. Sob uma abordagem etnográfica, como sugere Délcia Pereira Pombo (2014), tais narrativas, embora simbólicas, desempenham um papel social decisivo na estruturação do cotidiano do Marajó e na percepção de mundo do vaqueiro marajoara, mostrando como esses espaços conectam o passado e o presente.

Por outro lado, nessa comunidade, as experiências são moldadas por uma visão dual do mundo, frequentemente expressada pelos mais antigos como 'do lado de lá' e 'do lado de cá'. Essa dualidade não apenas delimita geografias, mas também traduz vivências distintas e uma percepção simbólica que rege o cotidiano do vaqueiro. Para ele, tudo possui um par, uma contraparte — como no caso da cobra avistada no campo, cuja presença sugere que seu par está por perto. De acordo com Eduardo Viveiros de Castro (1996), essa fluidez entre diferentes mundos — o visível e o invisível — é uma característica essencial das cosmologias amazônicas. Essa perspectiva ajuda a compreender como as 'sensações' captadas pelos olhos do vaqueiro se diferenciam profundamente daquelas experimentadas pelos animais que o acompanham. Essas diferenças tornam-se mais marcantes em momentos de tensão e misticismo: arreios adornados para formar uma cruz na testa dos cavalos; de igual modo fazem com os búfalos e os bois mansos, o que é visto como proteção espiritual

e material contra o desconhecido. Tal prática revela um rico simbolismo que conecta homem e animal no enfrentamento do que não pode ser explicado pela lógica.

Nesse contexto, dois fatos se destacam na origem dos “lugares não certos”, amplamente legitimados pelas narrativas ancestrais. Primeiro, pelo lado de cá, o vaqueiro da Ilha de Marajó vivia sob uma liberdade limitada, não sendo reconhecido plenamente em seus direitos, apesar de ser considerado “pessoa livre”. Segundo, pelo lado de lá, essa mesma liberdade era concretizada no espaço aberto dos campos, sobre o lombo de seus companheiros de jornada: cavalos, bois e búfalos. Assim, como argumenta Viveiros de Castro (1996), esses espaços se tornam tanto lugares de proteção quanto de resistência cultural, e de certa forma social, ao mesmo tempo em que revelam a função simbólica dessas histórias na perpetuação da identidade marajoara. Como sugere Pombo (2014), o imaginário coletivo do vaqueiro contribui para ressignificar as paisagens marajoaras e transformá-las em territórios de memória e pertencimento do vaqueiro.

A PONTA DO MAGUARY

Na região do Marajó, foco deste estudo, o vaqueiro mais velho acreditava que cada lugar possuía uma presença espiritual ou um guardião, zelando por ele. Assim, em cada espaço que visitava ao longo do dia, Tio Lota, pai do vaqueiro Lavino, primeiro saudava essa entidade guardiã e, em seguida, pedia permissão para entrar e realizar a ação pretendida, conforme relatou seu neto, Agnaldo, que conviveu com ele por um longo período na região do velho rio Tarumã, na área da ponta do Maguary. Segundo ele:

Tio Lota não fazia oferendas ou promessas, apenas acendia velas em casa, antes de sair de casa e quando retornava, agradecia fazendo suas orações. Na mata, no campo e no igarapé, ele observava as respostas que vinham pelo avistamento repentino de algum animal, inseto ou pelo movimento das folhas das árvores (Agnaldo, janeiro de 2024).

Esses sinais, como descreveu Agnaldo, serviam de guia espiritual para ele, uma prática que ressoa profundamente com a relação do vaqueiro marajoara para com o ambiente da Ilha de Marajó.

Ele observava atentamente o movimento da mata, das folhas das árvores, a força e a direção do vento, a agitação e o silêncio, o voo e o assóvio dos pássaros, bem como o movimento dos insetos, como as borboletas, e interpretava tudo como uma resposta ao seu pedido: “a natureza fala e tem as respostas”. Tio Lota dizia que as borboletas eram as mensageiras de Deus na floresta, pois muitas trazem figuras divinas pintadas em suas asas (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

Essas observações sensíveis não só determinavam se o lugar era 'certo' ou não, mas também simbolizavam a íntima conexão entre homem, natureza e divino. A partir de uma abordagem etnográfica, essa interação entre o vaqueiro e o ambiente se revela como um elo simbólico e místico, reafirmando a relação entre as narrativas de proteção e o imaginário coletivo. Assim, cada espaço visitado se tornava, para o Tio Lota, uma extensão viva e espiritual de suas tradições ancestrais marajoaras.

Naquela época, segundo Dona Ana, “quando ele ainda tinha um pouco mais de forças, dois de seus netos moravam com ele por causa de sua idade avançada” (Dona Ana, janeiro de 2024) e, assim, herdaram parte dos conhecimentos e costumes que ele cultivava, ela diz. E, conforme narrou Agnaldo, o “Tio Lota dizia que a Ponta do Maguary era a morada de um guardião que percorria, todos os dias, desde lá até próximo ao sítio Bom Jesus, onde ficava o campo santo do Cuberto”. Nesse trajeto, ficava a casa do Tio Lota e de seu sobrinho, Pidório, fato que torna a narrativa seguinte importante para este estudo:

O maguary é um pássaro de cor lilás, que vive, caça e dorme solitário; raramente se agrupa, nem mesmo para pescar ou dormir. É uma ave elegante, desconfiada e exímia pescadora de peixes e pequenas cobras. Tio Lota e o tio Lavino diziam que onde pousa um maguary ou um gavião belo, pode-se lançar a tarrafa que, pelo menos, um acary garrote ou um tamuatá mambeua será pescado (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

Essas observações não se limitam as estratégias de pesca, mas possuem uma dimensão simbólica que reflete a relação íntima entre o homem e a natureza do Cuberto. O maguary, com sua postura solitária e misteriosa, ainda é visto como um mensageiro divino, guiando e protegendo aqueles que transitam pelos “lugares não certos”. Para o vaqueiro da região, o pouso dessa ave no galho mais alto da árvore representa uma permissão simbólica, um sinal de aceitação do guardião que habita

essas paisagens e da conexão espiritual entre homem e natureza. Assim, a Ponta do Maguary consolida-se não apenas como um espaço geográfico da região do Cuberto, mas como um território espiritual e cultural, carregado de significados que conectam o natural ao sobrenatural.

Entre as narrativas ouvidas, destaca-se essa do Agnaldo, que morou com o Tio Lota, próximo à Ponta do Maguary, por vários anos. De acordo com ele:

No curso do rio Velho Tarumã, há uma porção de terras com algumas árvores, principalmente palmeiras de tucumã, bacaba e inajá. E, na ponta desse lugar, próximo à margem do rio, uma imponente sumaumeira se destacava pela altura e imponência, parecia uma majestade. Essa árvore servia de dormitório para o maguary, que todas as manhãs cruzava a frente da casa de Tio Lota em direção ao Bom Jesus, de onde retornava apenas ao anoitecer (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

A sumaumeira, imensa e solene, não apenas oferecia repouso ao maguary, mas também consolidava sua presença como um marco simbólico no imaginário local. Para Agnaldo, a rotina da ave, com seu voo diário em frente à casa de Tio Lota, representava mais do que um fenômeno natural; era uma expressão simbólica do elo entre o homem, a natureza e o desconhecido. Sob essa perspectiva, a sumaumeira e o maguary personificavam a conexão entre esse “lugar não certo” e as narrativas espirituais que moldam a percepção desse território da região do Cuberto. Assim, a Ponta do Maguary se consolida como um espaço de mistério e significado, onde cada elemento natural desempenha um papel crucial no imaginário do vaqueiro.

Segundo Agnaldo, esse trecho do velho rio seca no verão, porém no inverno enche de ponta a ponta. Na estiagem, quando a maré enche no rio Arari, a água brota do interior da terra, limpa, clara e potável, irrigando parte do terreno em frente à casa onde Tio Lota morava, fazendo o pasto crescer novo e verde. Dessa maneira, a vida nesse lugar se renova o ano todo, refletindo a interação entre os ciclos da natureza e a espiritualidade local. Foi nessa mesma região, próxima à Ponta do Maguary, em frente à casa do Tio Lota, que ocorreu a experiência sobrenatural narrada pelo vaqueiro Tibinho, no início deste estudo. Segundo seu relato, a presença dos 'lugares não certos' se manifestava de forma inesperada, alterando percepções e desafiando explicações convencionais, como foi vivenciado naquela noite, cujos eventos continuam a reverberar entre os moradores da região. Para Tio Lota, esse fenômeno

de renovação constante, aliado às narrativas de mistério e respeito, estabelece o Velho Tarumã, a Ponta do Maguary e seus arredores como lugares sagrados, ou 'não certos', carregados de significados que se entrelaçam entre o natural e o sobrenatural na cosmovisão do caboclo do Marajó.

Assim, a Ponta do Maguary se define como um lugar de mistério e significado, onde cada elemento orgânico desempenha um papel fundamental no imaginário do vaqueiro marajoara, principalmente daquele que campeia pela região do Cuberto interagindo com forças místicas que transcendem o material. A relevância da desse lugar se amplia ao se conectar a outro “lugar não certo” nas proximidades: o *Furo do Bode*. Localizado na outra margem do rio Velho Tarumã, esse lugar carrega sua própria carga de histórias e narrativas, como será detalhado a seguir, revelando a extensão e a interconexão do imaginário místico que permeia a região.

O FURO DO BODE

A casa do Tio Lota ficava cerca de 50 km da cidade de Cachoeira do Arari. Essa distância era percorrida a galope de cavalo, em até 4 horas, pelo caminho antigo. Nesse percurso, havia lugares com nomes "estranhos" que chamavam a atenção. Entre eles, o conhecido como "Furo do Bode". Local que, por muito tempo, serviu de corredor para os moradores da região do Cuberto, que têm a cidade de Cachoeira do Arari como referência – há outra mais distante -, e de passadiço para os vaqueiros da região de dentro da cerca, conduzirem boiadas para serem embarcadas no porto do Mutá¹⁷, às margens do rio Arari. Segundo Dona Ana, "desde que a gente morava no Cururu, o Lavino fazia esse trajeto e eu ficava sozinha com os meninos".

De acordo com ela, naquela época, esse percurso era aberto e sem cercas. O limite entre as propriedades eram apenas os “marcos” que identificam o início e o fim de cada terreno. “O caminho mais curto até o Mutá era o Furo do Bode, que fica às margens do rio Tarumã, no outro lado da ponta do Maguary, dizia o Lavino” (Dona Ana, agosto de 2024). Os vaqueiros mais velhos asseguravam que a região do

¹⁷ Nome de uma árvore presente nas matas do Marajó.

Cuberto abrigava muitos mistérios, devido às sombras das árvores que guardam a margem do velho rio. Nesse ponto, cabe destacar que a maneira de falar do vaqueiro marajoara, subtrai e até substitui algumas letras de certas palavras para dar mais “graça” à forma de pronunciá-las. Por exemplo, trocando-se, e retirando, algumas letras da palavra “encoberto”, vira “Cuberto”, um atributo desse lugar originado pela vegetabilidade. Logo, com base nos relatos dos vaqueiros mais velhos, na vegetação densa que envolve a região e na tradição linguística que reforça sua identidade, conclui-se que a região do Cuberto apresenta uma atmosfera intensa e rica em histórias e crenças que jazem sob a extensa vegetação desse lugar.

O Furo do Bode, do mesmo modo como a Ponta do Maguary, é cercado por um imaginário marcado por mistérios e simbologias que ultrapassam o visível. Esses lugares, definidos tanto pela geografia quanto pela narrativa cultural, tornam-se peças fundamentais na construção do universo simbólico dos “lugares não certos”. Como reflete Viveiros de Castro (1996), a fluidez entre o natural e o sobrenatural, bem como entre o explícito e o implícito, é propriedade central das cosmologias amazônicas, ajudando a compreender os espaços que são vivenciados pelo vaqueiro marajoara. Complementarmente, como aconselha Délcia Pereira Pombo (2014), as narrativas associadas a esses lugares não só fortalecem o imaginário coletivo, mas também contribuem para perpetuar as memórias e a identidade do vaqueiro marajoara.

Nesse contexto, a historíola relatada mais adiante segue o mesmo curso entre gerações, preservada pela narrativa oral que atravessa o tempo. Contada como algo vivenciado pelos vaqueiros Lota e Ambrósio, que trabalhavam nas fazendas Ibacoby e Cururu, há tempos, deu origem ao nome do encontro da mata com o rio Tarumã, conhecido desde então como o Furo do Bode. Assim, o Furo do Bode permanece como um marco respeitado e envolto em mistério, reconhecido como um ‘lugar não certo’. Adiante, a história conforme contada por Agnaldo Ribeiro, neto do Tio Lota, reforça a memória coletiva e os laços culturais daquela região.

Dizia o Tio Lota que ele e seu primo Ambrósio, sempre que acompanhavam a boiada para embarcar no porto do Mutá, retornavam tarde da noite. E todas as vezes que atravessavam o rio Tarumã, no trecho mais estreito, avistavam três bodes brancos. Em uma das vezes, voltando tarde do Mutá, perto das horas mortas, resolveram que, se os bodes estivessem lá, pastando, iriam laçar, castrar os bichos e levar os testículos como troféus. Ao atravessarem

o rio, lá estavam eles. Ambrósio, que era bom de laço, correu a mão na garupa, desmanchou a corda, fez o laço e acertou de primeira o pescoço de um deles. Por ser mais velho que o Tio Lota, deu-lhe a ordem para castrar o bicho. Lota obedeceu-lhe, mas quando se aproximou, notou que não era um bode e, sim, um belo bezerro branco. Lota, então, retirou o laço do pescoço, soltando o animal e retornou para o seu cavalo, dizendo ao Ambrósio qual animal era e que estava tendo vertigem. Lota dizia que ficou mal por um bocado de tempo, com uma dor de dente que não cessava nunca. Foi preciso visitar uma benzedeira para curar essa dor de dente, que desde então passou a sentir. Com a propagação da estória, o local ficou conhecido como o “Furo do Bode”. (Agnaldo Ribeiro, janeiro de 2024).

A experiência de Tio Lota, e Ambrósio, transcendeu o plano individual e se enraizou no imaginário marajoara como uma narrativa que desafia a lógica e reafirma a existência dos “lugares não certos”. O Furo do Bode, com sua carga simbólica e histórica, continua sendo um ponto de referência e respeito na paisagem cultural do Marajó. Como será explorado nos próximos relatos, histórias como essa constroem um vínculo entre as gerações, reafirmando a importância dos sinais, mitos e narrativas que permeiam a relação entre o homem e o território.

Na região do Cuberto, há outros lugares como esse, como será visto adiante. Esses espaços, embora não nomeados, contribuem para o imaginário do vaqueiro marajoara. Os “lugares não certos”, não identificados, são frequentemente percebidos como frutos das indagações sobre os mistérios que o ambiente apresenta. Há vários cantos que, ao anoitecer, estão de um jeito e, quando amanhece, estão de outro; lugares dos quais nenhum animal se aproxima. Essas mudanças inexplicáveis geram inquietação e exigem respeito por parte do vaqueiro marajoara, que os evita a qualquer custo. Assim, a interação com esses espaços reforça a relação entre o homem, o sobrenatural e a natureza, elemento central nas crenças que permeiam o cotidiano desse território.

Entre esses lugares, destaca-se o *Xixá do Carro*, com distinções que ampliam o entendimento sobre o simbolismo e os desafios arrostados pelo vaqueiro. Os relatos que o cercam aprofundam a interação entre homem, ambiente e o desconhecido.

XIXÁ DO CARRO

Neste ponto, buscou-se abordar um dos “lugares não certos” mais instigantes.

Imagina-se que existam outros ainda desconhecidos na região do Cuberto, pois o vaqueiro marajoara acredita que Os espaços onde os animais não pastam também são considerados 'lugares não certos' pelos vaqueiros marajoaras, não apenas por suas características físicas, mas pela percepção de que algo invisível os torna evitados pelos animais, mesmo quando há pastagem e água abundantes. O nome Xixá do Carro tem origem em uma estória contada pelos vaqueiros mais velhos que a ouviram, conforme narrou o vaqueiro Tibinho: “dois bois-de-carro que passavam por esse lugar, puxando uma carroça, se rebelaram, destruíram o veículo que puxavam, desconhecaram seus vaqueiros e escaparam”. Além disso, é o lugar onde o saudoso vaqueiro Santuca, feitor da fazenda Cuieira, relatou ter enfrentado um vaqueiro encantado, figura que, segundo as crenças locais, representa forças sobrenaturais que habitam esses espaços misteriosos. Ele o nomeou de Vaqueiro Pretinho, e sua história permanece viva na memória dos vaqueiros da região.

Esse episódio contribui para o imaginário do vaqueiro e reforça a ideia de que esses lugares abrigam forças misteriosas, além da compreensão lógica. A luta de Santuca contra o Vaqueiro Pretinho transcende o ordinário, revelando a conexão entre homem, território e o inexplicável. Como em outros relatos de 'lugares não certos', essa interação fortalece o imaginário coletivo e reafirma a presença de forças enigmáticas na região do Cuberto. O Xixá do Carro, como outros locais envoltos em mistério, exemplifica como as narrativas moldam e perpetuam esses espaços no imaginário do vaqueiro marajoara, integrando seu universo cultural e conectando o visível ao invisível, preservando, assim, a memória ancestral da comunidade.

Entre os 'lugares não certos' mais emblemáticos, o Xixá do Carro se destaca por sua carga simbólica e pelas narrativas que o cercam. A história do vaqueiro Santuca, transmitida oralmente de geração em geração, atribui significados profundos a esse espaço, consolidando-o como um símbolo do imaginário marajoara. Nesse contexto, o relato de Tibinho exemplifica como essas histórias moldam a percepção e a vivência do vaqueiro em relação ao território que habita, reforçando a conexão entre tradição e identidade.

Santuca era um vaqueiro do tipo gázio, mas queimado pelo sol; de porte físico graúdo e homem de palavras firmes e muitas verdades. Acostumado às

voltas pelos campos do Marajó, principalmente, nas regiões do Cuberto e do Lavrado, a qualquer hora do dia ou da noite. Era um vaqueiro corajoso e destemido até essa noite, quando lutou com esse encantado. Todo ano, no Mutá, lugar que às margens do rio Arari, acontecia uma festa, que era famosa entre os vaqueiros das fazendas da região do Cuberto, de dentro da cerca e de cima do teso; muitos cavalgavam grandes distâncias para chegar até lá. Nesse ano, Santuca foi, mas no meio da noite, resolveu retornar à fazenda. Quando passava pelo Xixá do Carro, um vaqueiro o acompanhou. Por ser noite de lua, ele pode notar que o cavalo do desconhecido estava bem arreado e com a corda na garupa. Como o desconhecido o chamou pelo nome, Santuca, que levava um litro de cachaça na mão, lhe ofereceu um gole. O desconhecido aceitou e disse: *você é famoso e estou aqui para comprovar a sua fama. Vamos lutar?* Santuca que não enfeitava uma luta, topou de imediato. Ambos desceram dos cavalos e os amarraram em uma árvore de murucizeiro, espécime típica dali. Depois, algumas calçadas e recalçadas, Santuca notou-se cansado e sem forças. Mas em um instante de lucidez, pensou: *não posso perder para esse macho*. Então, Santuca correu a mão na cintura, puxou da peixeira e fez uma cruz na terra e enterrou a faca no centro da cruz. Santuca dizia que nesse instante o vaqueiro desconhecido sumiu de suas vistas e ele, então, montou e pode seguir até às cuieiras, porém sujo de terra. Depois disso, Santuca ficou variando uns dias até ser rezado por uma benzedeira. E, sóbrio, contava que no Xixá do carro, ele lutou com um vaqueiro cujo nome ele nunca soube dizer (Tibinho, janeiro de 2024).

A partir dessa história, os vaqueiros Luquita, Baixote e Vavá do Fite, amigos desde a juventude, desafiaram os “pretinhos”, como ficaram conhecidos os vaqueiros que ‘assombravam’ o Xixá¹⁸ do Carro e, segundo diziam, eram três. De acordo com o Luquita, eles decidiram ‘desafiá-los’ e chegaram a passar uma noite inteira nesse ‘lugar não certo,’ para provocá-los para uma luta marajoara¹⁹. No entanto, de acordo com ele, ninguém apareceu naquele dia — ou melhor, naquela noite.

Nos tópicos seguintes, as histórias das regiões de cima do teso, próximas à fazenda Mineiro. Narrativas ampliam o panorama dos “lugares não certos”, ao revelar outros espaços carregados de simbologia. Entre esses, emergem as *Três Ilhas*, cujas histórias transcendem a fantasia do vaqueiro marajoara.

AS TRÊS ILHAS

A área do Cuberto, onde se encontram o furo do bode, a ponta do maguary e

¹⁸ Xixá é o mesmo que derrapagem no entendimento do vaqueiro marajoara.

¹⁹ Luta marcial típica do outro lado do rio criada pelo vaqueiro marajoara, praticada ao anoitecer, à beira do poço, para esquentar o corpo antes do banho. À boca da noite, nas fazendas do Marajó, faz bastante frio e a água fica bastante fria.

o xixá do carro, ganharam relevância para esta pesquisa, também, por se assemelhar à região do Pantanal. Nessas bandas, está a propriedade do tio Lota, pai do vaqueiro Lavino, chamada “Flor de Minas”. Devido à presença de familiares desse vaqueiro, muitos moradores da região são parentes. Também havia vestígios, como os campos santos, indicando que esse espaço funcionou como abrigo para escravos que escapavam das fazendas da região, uma espécie de quilombo. Nesse lugar, os habitantes se amparam por meio da caça, pesca e da coleta de recursos naturais (bacuri, caranã, bacaba, açai).

Ao explorar outros lugares emblemáticos da região que seguem essa linha de encantamento e respeito, veremos os relatos sobre a área das *Três Ilhas* que dialogam diretamente com a visão cultural e espiritual do vaqueiro marajoara, oferecendo uma lente valiosa para compreender a relação entre o homem e esses territórios carregados de simbolismo.

Situada na região da fazenda Mineiro, a famosa “Três Ilhas” é um dos lugares mais respeitados pelo vaqueiro marajoara. Segundo relatos, esse espaço é cercado de mistério e temor, onde as fronteiras entre o mundo físico e o sobrenatural parecem se confundir. Conta o vaqueiro Tibinho:

Ali, à noite, é comum surgirem cavalos e vaqueiros encantados no meio da estrada, e não se sabe de onde eles surgem. Também, pedras são atiradas nas pessoas que passam, por lá, depois da boca da noite. Talvez por ser uma encruzilhada (Tibinho, agosto de 2024).

Histórias similares são narradas por moradores da área do Limpo Grande, na região do Cuberto, mantendo viva a rica tradição oral da comunidade. Um exemplo disso é o relato de Agnaldo, neto do tio Lota, que descreve um episódio surpreendente ocorrido em outro ponto da região: um acidente aéreo que deixou marcas profundas no imaginário local. Por sua vez, As Três Ilhas se destacam por apresentar uma geografia desigual, e também pela riqueza das histórias transmitidas entre gerações, que adicionam outras camadas de significado ao lugar. Para o vaqueiro marajoara, esse espaço ganha uma dimensão quase mística, alimentada por narrativas que misturam memórias, símbolos e interações com o ambiente. Essa relação reforça a

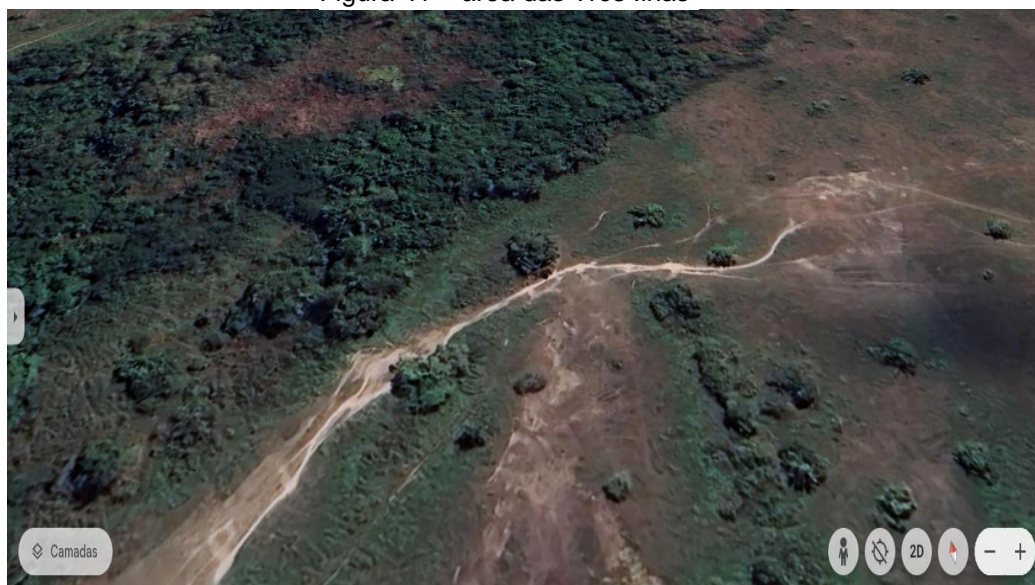
ideia de que o espaço geográfico, embora tangível, é moldado e ampliado pela percepção e pelo imaginário do próprio vaqueiro.

Há vários anos, um avião, de porte médio, sofreu um acidente e as vítimas não puderam ser resgatadas. O tio Lota contava que era inverno quando houve esse acidente. É sabido que o 'cuvão' onde ele caiu está lá para quem quiser ver. Quando a gente passava por lá, depois da boca da noite, nas horas mortas, era comum ouvir gritos e sentir o cabelo arrepiar (Agnaldo, janeiro/2024).

Por sua vez, As Três Ilhas se destacam não apenas por apresentar uma geografia desigual, mas também pela riqueza das histórias transmitidas entre gerações, que adicionam outras camadas de significado ao lugar. Para o vaqueiro marajoara, esse espaço ganha uma dimensão quase mística, alimentada por narrativas que misturam memórias, símbolos e interações com o ambiente. Essa relação reforça a ideia de que o espaço geográfico, embora tangível, é moldado e ampliado pela percepção e pelo imaginário do próprio vaqueiro.

As *Três Ilhas* emergem no imaginário do vaqueiro marajoara por suas características únicas e seu vínculo com as histórias e crenças que atravessam gerações. Como será explorado, essas ilhas oferecem mais um exemplo da relação simbólica entre o homem, o ambiente e o desconhecido, que permeia a cultura marajoara.

Figura 41 – área das Três Ilhas



Fonte: imagem capturada com o satélite Georadar

A região das Três Ilhas, explicou o Amadeu, é um lugar que intermedeia a cidade de Cachoeira, o rio Arari, a Enseada, a comunidade de Cima do Teso. De acordo com ele, é um lugar por onde passam os vaqueiros a caminho da cidade de Cachoeira. De acordo com ele, é um lugar por onde passam os vaqueiros a caminho da cidade de Cachoeira. Essa posição estratégica faz do local um ponto de passagem inevitável, carregado não apenas de importância prática, mas também de histórias que desafiam o comum.

As Três Ilhas, portanto, marcam a convergência de três caminhos, formando uma configuração que lembra um pé de galinha: o primeiro “dedo” direciona para a cidade de Cachoeira do Arari; o segundo, ruma para as áreas do Curralinho, Santa Júlia e Curral do Meio; e o terceiro aponta a direção das fazendas da comunidade de Cima do Teso, mencionadas neste estudo e conhecidas por sua relevância na região. Essa disposição natural confere ao local um aspecto peculiar, reforçando sua importância como um ponto de encontro geográfico e cultural, carregado de histórias que atravessam gerações.

Os vaqueiros que percorrem essa rota, especialmente ao entardecer ou logo após a boca da noite, costumam relatar eventos misteriosos — aparições e fenômenos inexplicáveis que desafiam a lógica. Com o tempo, essas histórias foram transmitidas por gerações, transformando a área das Três Ilhas em um marco simbólico. Nesse espaço, os relatos e a percepção dos moradores fazem com que os limites entre a realidade concreta e as narrativas populares se tornem fluidos, reforçando o respeito e a reverência pelos chamados 'lugares não certos'. Assim, o equilíbrio geográfico dessas ilhas, aliado às narrativas que as cercam, marca a região como um território onde a experiência sensível e a tradição oral se entrelaçam, enriquecendo ainda mais o imaginário do caboclo marajoara.

Os mais velhos diziam que o nome Três Ilhas se deve ao fato de existirem três ilhas semelhantes, compostas por árvores de *uririzeiro*, cuja fruta lembra a pimenta do reino por causa do tamanho e da semente picante, porém é travosa e doce. A distância entre elas é praticamente a mesma, até parece que foram plantadas na mesma distância. O vaqueiro que passa nesse lugar, a partir das seis horas, na boca da noite, corre o risco de receber pedradas (Amadeu, janeiro de 2024).

Certa ocasião, um dos filhos de seu Lavino, conforme narrou o vaqueiro Tibinho, voltando da escola na cidade, à noite, por essa estrada, e após essa curva e antes de se aproximar do igarapé das almas, percebeu um poldro que apareceu à frente de seu cavalo. Para ele, era um animal belo, alazão e brincalhão, o que o fez pensar que havia se afastado da mãe. Eis essa a transcrição da narrativa:

Nesse dia, o Lucas montava o melhor cavalo entre aqueles que ele havia amansado, batizado com o nome de Flamengo. Era um alazão acostumado a disputar porfias; era certo para gado e bem treinado, na lama e no teso. Ele contou que tentou alcançar o poldrinho, por várias vezes, mas não conseguiu e, na entrada do mato do Mineiro, animal sumiu de suas vistas. Só, então, ele pode dar fé de que se tratava de uma aparição das encantarias (Tibinho, Janeiro de 2024).

Esses acontecimentos reforçam as narrativas misteriosas que permeiam as *Três Ilhas* e seus arredores, marcando esses caminhos como portais simbólicos para eventos que desafiam a compreensão. À medida que avançamos neste estudo, a região Dom Ramiro emerge como mais um local enigmático e respeitado pelos vaqueiros marajoaras. Carregado de mistério e considerado um “lugar não certo”, Dom Ramiro guarda histórias que aprofundam ainda mais o entendimento sobre as relações entre o homem, o sobrenatural e a terra marajoara.

DOM RAMIRO

O Dom Ramiro, área onde foi erguida a sede da fazenda São Matheus, era uma área desabitada, onde foi construído um açude que não acumulava água no verão e que está localizada em direção à jutairana²⁰. Nesse lugar inabitado, “os animais só pastavam quando eram pastoreados por lá”, segundo contou o Amadeu, que trabalhou como vaqueiro na fazenda Lacre por alguns anos. A jutairana é uma árvore que tombou para dentro do igarapé do çalito, afluente do rio Arari. Esse local se tornou um ponto de referência para os vaqueiros tarrafearem, especialmente porque está localizado na parte que fica dentro da cerca da fazenda Curralinho, que era da família Frade. Nesse lugar, se aglomeravam várias espécies de peixes nobres

²⁰ Espécie de árvore.

como o aracú, terçado, tamuatá, sarapó, terçado, cachorrinho do padre e mandubeí, devido às raízes dessa árvore.

Nas lembranças do Tibinho, algumas estórias desse lugar o sublinham como um “lugar não certo”. Entre as várias narrativas feitas por esse vaqueiro, ele conta que, em certa ocasião:

O vaqueiro Vavá do Fiti, que nessa época era vaqueiro do São Sebastião, por ser sobrinho da Dona Ana, foi dobrar um lote de égua a pedido do seu feitor Valdé, para as bandas do Tuiuíú, afluente do Çalito. O garanhão puxou a guia para a direção do Dom Ramiro e na tentativa de mudar a direção, o Vavá do Fiti correu atalhando o lote, pelo meio do baixão de água que cerca o açude durante o inverno. Na corrida, o cavalo em que ele montava meteu a pata dianteira em um buraco na terra e tombou, quebrando a perna. Ele, o Vavá do Fiti, retirou a cabeçada e deixou o cavalo no local do acidente. Mas quando ele seguia pelo meio da água, acabou pisando em uma arraia pequena, que ficou presa em seu pé direito, pelo ferrão. A dor que esse vaqueiro sentiu foi tão intensa, que seus gritos foram escutados de longe. E uma pessoa da fazenda São João, que não recordo quem foi, montou outro cavalo e saiu, a galope, guiado pelo som do grito, para socorrer o Vavá do Fiti. Encontrando-o, cortou o rabo da arraia e o levou na garupa até o Mineiro, onde Dona Ana lhe prestou os primeiros socorros (Tibinho, janeiro de 2024).

Esses relatos reforçam o mistério e a aura de respeito que cercam o Dom Ramiro. Embora seja um local útil e pacífico durante o dia, sua transformação após o anoitecer simboliza a conexão com o sobrenatural. É mais um exemplo vívido dos “lugares não certos” que permeiam este estudo.

Além dessa estória, há outra vivida por seu Lavino e por seu Vavá Siqueira, ambos vaqueiros já falecidos, que saíam para caçar à noite, ora sozinhos, ora em dupla. Segundo o que narrou Tibinho, vivia-se o período do inverno em que a intensidade das chuvas fazia com que a comida ficasse escassa, forçando os vaqueiros a caçarem qualquer ave que pudesse servir de sustento para suas famílias. Nessa situação, marreca, garça, gavião belo e cacaraí, eram as caças frequentemente buscadas.

À noite, por volta das nove horas, os dois saíram para caçar marrecas; o seu Lavino, na marrequeira ruça velha; e seu Vavá, no búfalo, que era o seu marrequeiro. Foram antes da lua sair e quando a lua clareou no céu, eles avistaram, no rumo do Dom Ramiro, um pássaro branco; segundo eles contavam, era comida suficiente para as duas famílias. E, ao lado dos marrequeiros, tentaram se aproximar da caça. Mas, de repente, o seu Vavá foi ficando pra trás e assoviou para o seu Lavino e se aproximou dizendo: Ei,

Lavino, esse lugar não é certo. Tá vendo que quanto mais a gente encosta, mais o bicho fica distante? Naquela noite, ambos desistiram da caçada e retornaram para suas casas de mãos vazias (Tibinho, Janeiro de 2024).

Essa narrativa destaca o impacto que a área do *Dom Ramiro* causa na percepção desses vaqueiros: respeito ao lugar. Embora motivados pela necessidade, ambos foram confrontados pela sensação de estranheza e pela incapacidade de capturar o pássaro branco. Esse episódio não só reforça a deferência aos “lugares não certos”, mas também exemplifica como essas áreas moldam as histórias e experiências transmitidas pelas gerações. Dom Ramiro, como outros locais místicos do Marajó, transforma-se em um espaço que desafia o entendimento lógico, permanecendo fortemente enraizado no imaginário cultural da região.

Dessa forma, destaca-se a expressão 'lugares não certos', utilizada pelo vaqueiro marajoara para descrever ambientes onde ocorrem eventos que desafiam sua compreensão. Alguns desses locais possuem nomes específicos, como o igarapé das Cuieiras e o igarapé do Santo Antônio, que recebem a designação das fazendas onde estão situados. No entanto, qualquer espaço onde ele perceba fenômenos inexplicáveis - como animais agitados sem motivo aparente ou que evitam transitar por determinadas áreas - passa a ser reconhecido como um 'lugar não certo', reforçando a ligação entre o ambiente, as percepções dos moradores e o mistério que envolve a região.

De acordo com as reflexões de Délcia Pereira Pombo (2014), os relatos e saberes dos vaqueiros são uma poderosa ferramenta para compreender não apenas os fenômenos naturais, mas também os sentidos simbólicos e espirituais atribuídos a esses espaços. Complementando essa perspectiva, Josebel Akel Fares (2003) destaca como as narrativas orais e os saberes locais são fundamentais para atribuir significados simbólicos a esses lugares, reforçando que os “lugares não certos” não são paisagens físicas, mas territórios de memória e identidade cultural.

Além das Três Ilhas e da região de Dom Ramiro, outros espaços reforçam o vínculo entre o vaqueiro marajoara e seu ambiente. A Comunidade de Cima do Teso, embora não esteja situada no coração da Ilha de Marajó, mantém uma forte conexão com a vida rural desde sua formação. Seus moradores ocupam as fazendas há gerações, enfrentando desafios diários na criação de animais, especialmente búfalos,

gado e cavalos. Estes últimos, domesticados desde potros, simbolizam a relação do vaqueiro com seu território. Essa interação entre homem, animal e paisagem molda o dia a dia e o imaginário simbólico que permeia a cultura marajoara.

Apesar de sua aparência robusta e resistência comparável aos animais que vigia, o vaqueiro marajoara distingue-se por sua resiliência e inteligência adaptativa. Essa figura histórica consolidou-se como essencial para a compreensão do território, e seu papel vai além da vida rural: sua presença também se faz sentir na cidade de Cachoeira do Arari. Situada do outro lado do rio, a cidade serve como referência social e urbana para essa comunidade rural, fortalecendo os laços que conectam o campo e a cidade na construção da identidade cultural da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A IDENTIDADE

Este estudo revelou uma pequena, porém significativa, parcela da cultura marajoara, destacando a existência de pessoas repletas de histórias que atravessam gerações. A partir da fazenda Mineiro e das narrativas acerca de Seu Lavino, Dona Anamaria e Tibinho, foi possível delinear a vida do vaqueiro marajoara “d’outro” lado do rio, tendo a antropologia etnográfica como bússola principal. Essa abordagem é especialmente relevante para o pessoal de Cima do Teso, evidenciando a relação entre os vaqueiros do presente e do passado, que mostra a continuidade de tradições, mas também evidencia adaptações e transformações diante das mudanças sociais.

A análise revela uma linha simbólica que (des) une a cultura cultivada dali d’outro lado e a cidade de Cachoeira. Tal linha é representada pelo rio Arari, que influencia a vida que se desenvolve nas propriedades que formam essa comunidade. Contudo, ao examinar as narrativas sob essa perspectiva, deduziu-se, sem buscar generalizações, que a escolha do vaqueiro marajoara como tema é a mais acertada. Sua relevância como objeto de estudo é inegável, pois sua vida reflete elementos que unem pessoas, animais e vegetais, exaltando a cultura marajoara tanto em Cachoeira do Arari quanto em Ponta de Pedras.

Ao retratar a vida do vaqueiro marajoara, percebe-se o papel das tradições ancestrais na construção da identidade cultural da região. No entanto, essas práticas passam por constantes transformações, refletindo a dinâmica social e econômica do Marajó. Assim, os saberes, costumes e tradições cultivadas nas fazendas conectam passado e presente, revelando adaptações ocorridas ao longo do tempo. Ademais, busca-se ressaltar as concepções culturais que ligam pessoas, tradições e práticas típicas daquela região, como pode-se observar nas obras *Marajó* e *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir.

Essa conexão entre a vida do vaqueiro marajoara e o contexto cultural da Ilha de Marajó é retratada de forma marcante nas obras desse romancista, que associam as experiências regionais ao panorama literário nacional. A obra de Dalcídio Jurandir insere-se no regionalismo e no modernismo brasileiro, movimentos literários que

exploram tanto a valorização da cultura regional quanto a renovação das formas narrativas tradicionais. Assim, a literatura de Jurandir combina esses elementos ao oferecer uma visão autêntica e crítica da vida nos campos do Marajó. Seus romances abordam questões como exploração econômica, desigualdade social e resistência cultural, retratando a luta do vaqueiro marajoara pela sobrevivência em um ambiente adverso. Sua escrita revela a resiliência das comunidades às margens do rio Arari e expõe as estruturas sociais que perpetuam as distinções de classe.

Enquanto o regionalismo retrata a vida e a cultura de regiões específicas do Brasil, o modernismo caracteriza-se pela experimentação e pela ruptura com formas tradicionais de escrita. A literatura de Jurandir articula esses elementos, oferecendo uma visão autêntica e crítica da vida nos campos do Marajó. Seus temas principais incluem a exploração econômica, a desigualdade social, a resistência cultural e a vida dos trabalhadores rurais. Ao retratar os desafios enfrentados pelo vaqueiro marajoara, Jurandir destaca como sua vivência é influenciada por tradições culturais, condições socioeconômicas e mudanças históricas.

Nesse sentido, a literatura de Jurandir, marcada por um retrato fiel da realidade marajoara e por uma crítica social contundente, dá voz às pessoas da região e as posiciona dentro do contexto mais amplo da literatura regionalista brasileira. Dalcídio Jurandir é um importante escritor do regionalismo brasileiro e se destaca pela capacidade de representar de forma detalhada e sensível a vida no Marajó, dando voz às populações marginalizadas. Sua obra pode ser comparada à de outros autores regionalistas, como Graciliano Ramos e Jorge Amado, que também retrataram a vida e as dificuldades das populações rurais brasileiras. Essas comparações ajudam a situar e a compreender a literatura brasileira regionalista.

Ao conectar a literatura de Dalcídio com as narrativas coletadas neste estudo, emergem reflexões sobre o cotidiano das pessoas das fazendas do Marajó, revelando suas lutas e adaptações diante dos desafios da região. Como apontam Pombo e Pessoa (2021), as obras do *Ciclo do Extremo Norte* apresentam um rico caleidoscópio cultural que reflete o Marajó em suas múltiplas dimensões, proporcionando um entendimento profundo do espaço e de quem o habita.

Nas obras que compõem o ciclo, acompanham-se as vivências de

personagens marajoaras que, na sua diversidade, constituem um mosaico de experiências de homens e mulheres; de crianças, jovens, adultos e idosos; de latifundiários e trabalhadores; de autóctones e estrangeiros; daqueles que vivem nos núcleos urbanos, nos campos, nas beiras de rio, nas fazendas. Ou seja, um riquíssimo caleidoscópio que dá a conhecer aos leitores o Marajó, território constituído pela enunciação literária, por meio da qual se inscreve discursivamente o espaço e o modo de habitá-lo, significados de maneira intervalar (Pombo; Pessoa, 2021, p. 130).

RESISTÊNCIA

A continuidade cultural das comunidades marajoaras, fortemente enraizada nos territórios amazônicos, reflete a adaptação às novas realidades sociais como uma forma de resistência, especialmente do vaqueiro marajoara. Ao reinterpretar e manter práticas herdadas de seus antepassados, essas populações reafirmam sua identidade e desafiam as transformações que poderiam levar à perda de seus costumes. Neste cenário diverso e culturalmente rico em significados, a comunidade de Cima do Teso é composta pelas propriedades: Mineiro, São Sebastião, Santa Maria, São João, Lacre e Nossa Senhora de Fátima. De outra maneira, não seria possível identificá-la, assim, como comunidade. Contudo, é imprescindível que a comunidade reivindique o conceito legítimo de sua existência, estruturando-se em torno de valores e práticas compartilhadas. O vaqueiro marajoara desempenha um papel fundamental na comunidade, mas sua identidade e vivência são moldadas por fatores sociais, econômicos e históricos que variam ao longo do tempo.

Assim, a ideia de coletividade é crucial para iluminar a vida, o dia a dia e a identidade das pessoas das fazendas dessa banda do Marajó. Pessoas que carregam em suas raízes, uma história miscigenada e resiliente construída por antepassados pretos e indígenas escravizados, cujos descendentes subsistem à margem da história registrada. Por conta disso, reconhecer a existência e a cultura do vaqueiro marajoara é embarcar em uma jornada ao coração cultural do Marajó, um espaço onde as tradições, o cotidiano e os saberes locais se entrelaçam na construção da identidade da região. É sublimar o papel fundamental dessa comunidade, e de outras, na formatação da história e observação das potencialidades culturais da região.

De acordo com Pombo e Pessoa (2021, p. 134), “conhecer o Marajó e seus habitantes pelas grades da literatura põe em questão as relações entre a vida social

e a enunciação literária”. Com base na conclusão dessas pesquisadoras, percebe-se que, dali 'd'outro' lado do rio Arari, há um espaço desigual, mas de cultura semelhante, onde homens, mulheres, crianças, jovens e idosos cultivam, a seu modo, os saberes, os costumes e as tradições herdadas de seus antepassados. Ao reinterpretar e adaptar essas práticas às novas realidades sociais, eles mantêm vivas as referências culturais que moldam a identidade do vaqueiro marajoara, preservando elementos tradicionais enquanto incorporam mudanças necessárias ao contexto contemporâneo. Essa continuidade cultural, profundamente enraizada nos territórios amazônicos, é sustentada por uma intrincada relação entre a natureza e as atividades humanas.

Nesse lugar, onde a propriedade não lhe compete, a ideia de pertencimento ganha destaque. A interação entre pessoas, animais e vegetais reflete a simbiose que permeia as paisagens descritas por Sarraf-Sarraf-Pacheco (2024, p. 59). Como ele destaca: “Mar, baías, rios, furos, estreitos, lagos, igarapés, igapós, campos inundados, imensos aguaçais, viveiros de inclassificáveis espécies vegetais, minerais e animais são lugares amazônicos onde se inscrevem muitas histórias”. Esses ambientes naturais, proporcionaram meios de subsistência e consentiram que comunidades multiétnicas cultivassem suas crenças, saberes e modos de vida, como o vínculo observado entre o vaqueiro de épocas distintas. Embora parte das memórias daquela geração tenha se perdido, essas conexões naturais e culturais demonstram a continuidade e as mudanças da cultura marajoara, que se renova constantemente.

Portanto, é fundamental sublinhar as falas de Sarraf-Pacheco na obra *Marajó, o coração da Amazônia* (2024), que explicam os processos históricos e sociais que levaram os afroindígenas a desenvolverem a cultura do vaqueiro marajoara. A conexão entre esses povos e a pecuária foi moldada pelas condições ambientais e pelas necessidades de subsistência, refletindo a relação entre identidade, trabalho e natureza na região. Como a citação enfatiza, é nesse cenário de riqueza fluvial abundante que homens e mulheres moldam suas identidades e práticas, alinhando seu modo de ser com o tecido simbólico da cultura marajoara:

Nos Marajós, anteparo frente ao mar, foram estes elementos fluviais que permitiram a homens e mulheres de matrizes multiétnicas, desde os tempos mais longínquos, descobrirem saídas para sustentar vidas, alinhavar

identidades, saberes e crenças na insularidade de seus modos de ser, trabalhar, festejar, morrer (Sarraf-Pacheco, 2024, p. 59).

Embora essa constatação não esteja diretamente relacionada à vida do vaqueiro, ela revela alguns vestígios que ajudaram a moldar e fortalecer os saberes que circulam entre as pessoas da comunidade de Cima do Teso. A natureza da Ilha de Marajó contribuiu para identificar os 'lugares não certos', tidos por essas pessoas como áreas que exigem atenção. Uma vez que um vaqueiro “mal olhado” necessita do auxílio de um pajé para retornar às atividades normais. Essas marcas influenciam a vida dos vaqueiros da Ilha de Marajó ao longo das gerações, mas suas interpretações e usos podem se modificar conforme o contexto social e histórico. Assim, quando ele se depara com 'fenômenos' desconhecidos, compartilha essas descobertas com seus colegas, dizendo: 'Cuidado, Suomi, esse lugar não é certo!' Essa é a maneira que ele encontra para expressar proteção a si, respeito ao espaço e às suas generalizações.

Os vaqueiros utilizam a interpretação desses locais para navegar nos campos, mantendo alguns ensinamentos dos antepassados, mas também adaptando-os às novas realidades. Esses espaços continuam sendo reconhecidos por gerações, mas seu significado pode se transformar conforme novas experiências e interpretações se somam às tradições passadas. Dessa forma, esses espaços adquiriram 'corpo' e ajudam o vaqueiro a se localizar nos campos, funcionando como instrumentos de navegação, especialmente à noite e durante as madrugadas de intensas neblinas. Vale destacar que nem todos esses lugares são fruto de fenômenos naturais. Alguns ganharam significados através das narrativas transmitidas ao longo das gerações e das características específicas de cada espaço. Entre eles, destacam-se as três ilhas, descritas da seguinte maneira:

São três ilhas pequenas que se igualam em forma e distância. Produzem os mesmos frutos e não sofrem com a estiagem. Os espécimes que as compõem mostram-se viçosas o ano todo. Nessas ilhas predomina o espécime uririzeiro, árvore que fornece uma fruta semelhante à pimenta do reino, mas doce; às vezes, meio travosa. Entre elas as manifestações ocorrem depois da boca da noite (Tibinho, janeiro de 2024).

Essas narrativas facilitam a compreensão do vaqueiro sobre esses locais e induzem-no a acreditar que, do outro lado do rio Arari, existem lugares que possuem um caráter 'sagrado' e devem ser tratados dessa forma, visto que originam histórias repletas de mitos e lendas. Essa percepção, se conecta ao pensamento de Mircea Eliade (1907): “para o homem religioso, a Natureza não é exclusivamente ‘natural’: está sempre impregnada de um valor religioso” (2018, p. 60), indicando que o sagrado é um elemento importante na cultura do pessoal da comunidade de Cima do Teso, influenciando muitos de seus costumes e tradições, embora suas interpretações possam variar ao longo do tempo.

Dessa forma, muitas narrativas reforçam a importância desses lugares para parte da comunidade, alimentando o imaginário de alguns vaqueiros da Ilha de Marajó, enquanto outros podem ter interpretações diferentes sobre esses espaços. Nele, os animais têm papel importante, pois é costume traçar, com o laço da corda, um crucifixo na testa do boi manso, búfalo ou comum. As cabeçadas de brida 'artesanais' são tecidas de tal maneira que, ao serem colocadas na cabeça do cavalo, criam uma simbologia semelhante. Esses costumes e símbolos refletem o respeito ao sagrado e demonstram a maneira como tradições ancestrais foram reinterpretadas e incorporadas às práticas contemporâneas da comunidade.

Outra informação relevante é que a comunidade de Cima do Teso é composta por descendentes afroindígenas de diferentes convenções culturais. A impossibilidade de determinar quais etnias lhe deram origem a envolve em mistérios, criando uma rica tapeçaria cultural que se reflete nos costumes e tradições locais. Mas, levando em consideração as narrativas dos mais velhos, é plausível que predomine a mescla de descendentes de Aruãs, Aruanãs, Araras e Pretos. Essas suposições encontram respaldo na explicação de Sarraf-Pacheco (2024, p. 50-51), quando ele menciona as orientações de D. José Azcona, cuja paráfrase é adaptada para este estudo com o intuito de esclarecer a compreensão anterior:

[...] o longo deste estudo que foram alinhavadas pelo lugar social de onde falo, leio, compartilho e estou a contribuir com a construção da etnografia dessa comunidade. Se fosse outro pesquisador, sem sombra de dúvida ter-se-iam compreensões diversas das quais estou apresentando, pois possivelmente operaria com outras ferramentas para configurar os enredos de seu trabalho (Sarraf-Sarraf-Pacheco, 2024, p. 50-51, com adaptações).

São compreensões que indicam a existência de informações desconhecidas acerca da origem da comunidade de Cima do Teso. No entanto, essa extrapolação não diminui os conhecimentos observados, o que pode ajudar na continuidade dos costumes e das tradições do vaqueiro marajoara, pois não ignora o elemento sagrado que compõe a herança mais significativa das pessoas “d’outro” lado do rio e das cidades de Cachoeira do Arari e Ponta de Pedras, que é a cultura do vaqueiro.

Assim, é importante ressaltar que a interação do vaqueiro marajoara com a natureza local não se dá apenas de forma harmônica, mas sim por meio de um conhecimento profundo adquirido ao longo do tempo. Ele interpreta sinais naturais como parte de sua vivência e adapta suas percepções às mudanças na paisagem e no contexto social. Até um sapo cururu no batente da escada pode ser visto como uma mensagem divina significativa. No entanto, apesar de sua experiência e sensibilidade, ele não compreende plenamente a cultura que produz, pois não a percebe como tal. Seu saber é intuitivo, moldado por práticas e tradições que atravessam mundos distintos - o visível e o invisível - mas sem que ele reconheça conscientemente essa construção cultural. Essa dualidade o acompanha desde sua origem e formação, trazendo consigo desafios e reflexões sobre identidade e pertencimento.

Dentro dessa cosmologia que envolve a tradição cultural afroindígena de difícil compreensão, o vaqueiro marajoara interpreta o comportamento dos animais como 'avisos de forças superiores' que o auxiliam diariamente, atuando como alertas sobre as atividades que realiza ou pretende executar. E diante das situações que a vida lhe apresenta, ele adverte: 'Suomi, se não der certo de primeira, nem de segunda; não insista; não é para o senhor fazer; é um livramento, como dizia o Lavino', revelou Dona Ana. Quiçá, essa tenha sido uma forma eficaz de o vaqueiro compreender a 'força' da natureza encantada que o cerca, conforme as crenças e experiências que o moldam desde a infância. Ao longo da vida, o vaqueiro marajoara constrói sua identidade a partir de valores culturais, desafios do cotidiano e experiências individuais, sem que exista um único modelo fixo de seu caráter. Ao interpretar esses sinais, o vaqueiro marajoara constrói e mantém sua relação com a natureza, como um testemunho vivo

da cultura afroindígena que permeia seu cotidiano - um equilíbrio entre ensinamentos herdados e vivências que moldam sua percepção ao longo do tempo.

A partir dessa perspectiva, é normal imaginar que, nos campos da Ilha de Marajó e, em particular, da Comunidade de Cima do Teso, o universo do vaqueiro seja percebido como uma integração de elementos culturais e naturais múltiplos. Esses elementos, combinados, compõem um modo de vida profundamente enraizado na história e no ambiente da região, onde os saberes acumulados refletem a interação entre mundos diferentes, o mundano e o transcendente, compondo, como destaca Sarraf-Pacheco: “um mundo de saberes sintonizados com espaços de rios, campos e florestas, que foi historicamente tecido, concomitante à produção de um imaginário social talhado por universos visíveis e invisíveis, fortemente bricolado com temporalidade de ser, fazer e acreditar, ali erigido” (Sarraf-Pacheco, 2009, p. 47).

A LIBERDADE

De outra forma, os negros e os nativos oprimidos pelo “modelo católico de colonização”, conforme observou José Jorge de Carvalho (2015, p. 15), na obra de Nego Bispo (2015), o vaqueiro marajoara desenvolveu, ao longo do tempo, formas de transformar seu árduo trabalho em atividades que expressam consciência, alegria e liberdade, adaptando-se às mudanças sociais e culturais. Contudo, se por um lado esse modelo lhe permite executar tarefas de maneira semelhante aos tempos antigos, por outro, o mantém cativo, afastando-o das lutas sociais de classes que poderiam modificar sua realidade. No entanto, essa ausência de engajamento não significa falta de consciência: ele compreende a relevância dessas disputas, mas opta por não se envolver nelas diretamente, seja por tradição, por sobrevivência ou por uma percepção própria de seu papel na sociedade.

Assim, sua identidade está profundamente ligada ao ambiente e às relações sociais que construíram sua vivência, mas também se adapta às novas condições históricas, onde a vida simples era vista como irrelevante pelo patrão. No entanto, isso talvez não lhe devolva a autonomia de se imaginar em liberdade cavalcando pelos campos marajoaras. Contudo, a busca pela autonomia e fortalecimento da identidade

cultural encontraram caminhos alternativos, como o florescimento da educação, que se tornaria um legado precioso para a comunidade de Cima do Teso.

Nesse contexto, a noção de 'alforria' defendida pelos 'religiosos' (IPHAN, 2010, p. 22), contribuiu para o fortalecimento da educação que se tornou um aspecto central para a comunidade de Cima do Teso, crescendo como um legado que se transformou ao longo do tempo. Dessa forma, é possível deduzir, com convicção, que a forma de educar do vaqueiro marajoara é a herança que transformou a fazenda Mineiro na principal referência da comunidade de Cima do Teso, de onde ainda se pode perceber os rudimentos de liberdade, na expressão das pessoas de lá. Embora não tenha sido oficialmente reconhecida, a escola que funcionou na fazenda Mineiro contribuiu para a alfabetização dos filhos pequenos de seu Lavino e de outros da vizinhança, incluindo alguns das regiões do Cuberto e de dentro da cerca. Mesmo com essa ideia tendo sido colocada em prática, para que ela se tornasse realidade, a esposa de seu Lavino teve que 'negociar' alguns termos com os proprietários.

No verão, os animais do Mineiro eram levados para as terras do Tio Lota, na região do Cuberto e em troca, durante o inverno, o excedente do leite produzido pela fazenda seria vendido na cidade e o apurado seria utilizado para comprar livros, cadernos, canetas e lápis para os meus filhos e os filhos dos outros vaqueiros estuarem (Dona Ana, agosto de 2024).

Essa troca justa, para ambos os lados, possibilitou que os filhos dos vaqueiros dessa Comunidade aprendessem a ler e escrever. Dona Ana afirma que foram poucas as crianças que não deram continuidade aos estudos. Além disso, essa ação fez com que a fazenda Mineiro se tornasse um exemplo a ser seguido, embora nenhuma outra tenha adotado essa ideia, que segue na memória dos vaqueiros que aprenderam a ler e a escrever ali. Ademais, permitiu que a trajetória dos filhos de seu Lavino e de Dona Ana, nascidos nesse lugar, tomasse um novo rumo, conforme ela diz. Essa educação abriu novas possibilidades para o vaqueiro marajoara, estimulando o desenvolvimento de suas perspectivas individuais e sua interação com diferentes contextos socioculturais.

Tal iniciativa possibilitou ao vaqueiro marajoara dali fazer planos e dialogar com outros 'mundos', diferentes daquele local. No entanto, quando um deles era visto

‘verbalizando’ suas esperanças, costumava ser questionado: “Ê, suomi, está falando sozinho? Égua!”. Imediatamente, ele se justificava, dizendo: “Que nada, Parente! Só estava pensando”. Contudo, “dava-se a impressão de que ocorria um diálogo entre duas pessoas, conectadas no mesmo espaço e tempo, como se observa na história narrada sobre o vaqueiro Santuca (Tibinho, janeiro de 2024)”, no tópico “Xixá do carro”, no segundo capítulo deste estudo. Por outro lado, enquanto um locutor era conhecido, o interlocutor permanecia em segredo, o que aumentava o ar de mistério presente naquele espaço. Esse imaginário simbólico e misterioso influencia a percepção do tempo entre os vaqueiros, mas suas interpretações podem variar conforme as experiências individuais e as mudanças ao longo das gerações.

No que diz respeito ao tempo, é relevante destacar que a passagem dos dias era de pouca importância para o vaqueiro marajoara, uma vez que, em outras propriedades, conforme apontou o vaqueiro Tibinho, em janeiro de 2024, “o vaqueiro marajoara apenas percebia o tempo pela escuridão da noite e pela claridade do dia, como diziam os mais velhos em tom de brincadeira.” Para melhor compreender essa questão, dizia-se que o tempo, para o vaqueiro marajoara, ‘passava’ assim: onti, onti-ontti; ontonti; antisdonti; tresontonti.

Essa relação particular com o tempo dialoga com as inquietações de Nego Bispo sobre “como definir e/ou dimensionar o tempo? Ou seja, onde começam e terminam o passado e o presente e onde começa o futuro?” (Bispo, 2015, p. 19). A incerteza em torno da percepção histórica pode ser compreendida ao observar que a conexão com o passado se construída a partir de memórias individuais e experiências pessoais, influenciadas por lacunas na transmissão do conhecimento ao longo das gerações. Possivelmente, essa dificuldade em acessar a história decorre da ausência de registros que identifiquem a origem dos primeiros escravizados levados para a região, do outro lado do rio Arari. Dessa forma, evidencia-se um hiato na memória coletiva, mantendo a história do vaqueiro marajoara em constante construção, enquanto ele ocupa seu espaço nas fazendas da comunidade de Cima do Teso e adjacências.

Na tentativa de superá-la, foi consultado o Dossiê das Festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó (IPHAN, 2010, p. 23). Mas esse documento

apresenta apenas uma referência vaga: “a presença africana no Marajó como um todo está ligada à necessidade de escravos para o trabalho nas fazendas.” Apesar da relevância dessa informação, ela não esclarece por que o vaqueiro marajoara ignora suas origens, nem como poderá vislumbrar um futuro diferente se desconhece o passado e a história que auxiliou a construir. Assim sendo, evidencia-se não caber a ele narrar o que aprendeu, viveu e escutou. Embora as narrativas sejam impactantes e ajudem a entender partes da trajetória dos antepassados, elas também refletem adaptações e transformações que mantêm viva a cultura do vaqueiro marajoara, onde, de certa maneira, ele experimenta a vida em liberdade. Assim, enquanto o passado permanece em parte desconhecido, o vaqueiro marajoara encontra, na liberdade vivenciada nas fazendas, uma forma de manter sua cultura, mesmo que ela permaneça sossegada entre o silêncio da história e o brilho das narrativas que ecoam ainda pouco iluminadas.

Apesar da relevância dessa informação, ela não esclarece por que o vaqueiro marajoara não possui registros que lhe permitam compreender plenamente suas origens. Sem esse conhecimento, sua visão de futuro é moldada por lacunas históricas, tornando mais desafiadora a construção de novas perspectivas sobre sua identidade e papel social. Assim sendo, evidencia-se que sua história não se apresenta a ele como um fio narrativo linear e consolidado, mas sim como um conjunto de fragmentos que se mantêm vivos através das práticas culturais e das narrativas transmitidas na oralidade.

A RESILIÊNCIA

Nesse contexto histórico ainda pouco conhecido, partes do que se obtém são coletivas e, em certa medida, literárias e antropológicas. O vaqueiro marajoara é um narrador das histórias construídas por ele nos campos das fazendas da Ilha de Marajó, que refletem não apenas sua percepção da realidade, mas também processos históricos e sociais que moldam sua identidade ao longo do tempo.

Suas histórias, embora imaginárias, espelham aspectos da realidade difícil enfrentada pelo vaqueiro, mas também revelam variações e adaptações em sua

trajetória ao longo do tempo. A identidade do vaqueiro marajoara não é estática, mas sim resultado de múltiplas influências sociais e culturais. São histórias que revelam a sutileza da natureza capturada pelo olhar singelo e despretenso dele que foram historicizadas e verbalizadas ao longo de décadas por várias gerações. Histórias que revelam nuances da vida do vaqueiro: o peso da superstição, as crenças e, acima de tudo, a luta que ele trava contra a fome e a miséria para dar conta daquilo que não lhe pertence. Enfim, que retratam a força cultural e a resiliência que o definem como um pilar da identidade marajoara.

Análises literárias de diversas obras amazônicas também apontam como esses textos verbais apresentam um retrato genuíno da vida do vaqueiro marajoara. As narrativas literárias sobre o vaqueiro marajoara buscam reconstruir cenas, falas e experiências sociológicas e etnográficas, mas é importante destacar que essas representações variam de acordo com os autores e contextos históricos, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a vida desse personagem. Esse compromisso é especialmente evidente na figura de Ramiro, que personifica o sentimento do vaqueiro em viver a sua liberdade. Através desse personagem, as narrativas capturam a beleza do sentimento e a resiliência do vaqueiro, ressaltando a força do caboclo marajoara.

Na análise sobre a vida desse personagem que personifica a resistência na obra de Dalcídio Jurandir, a crítica social é dedicada à vida do vaqueiro da primeira fase do século XX. Essa análise destaca as duras condições impostas ao vaqueiro marajoara, frequentemente associado a uma realidade de trabalho exaustivo e poucas oportunidades de ascensão social. No entanto, suas experiências também variam e podem incluir formas de resistência e mobilidade social, o que desafia a ideia de que sua identidade está fixada unicamente nessas condições. De certo modo, é uma conclusão que contribui para perceber uma imagem desigual do vaqueiro da Ilha de Marajó: indômito e resistente. Esse entendimento possibilitou que as obrigações do vaqueiro fossem elencadas no Art. 3º da Lei nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, sem lhe garantir nenhum direito. Apesar do reconhecimento oficial da profissão, trata-se de uma norma que valida a ideia prevalente desde a “conquista” da Ilha de Marajó, reforçando as obrigações que ele já cumpre com devoção e sem reivindicar nenhum privilégio porque vive em liberdade.

Em paralelo a esse contexto, a análise de Max Silva do Espírito Santo (2023, p. 25) apresenta o personagem Missunga (filho de *coroné*) como um caçador sem sucesso, uma inabilidade constante na trajetória de vida dele, no enredo de Jurandir. Principalmente quando ele retorna à Paricatuba, fazenda localizada à margem direita do rio Marajó-Açu, no interior da Ilha, em direção à baía do Marajó, onde foi desenvolvida grande parte desse romance. No entanto, nessa leitura da obra *Marajó* (1947), de Dalcídio Jurandir, observa-se que 'a ideia de fracasso', atribuída ao vaqueiro, é utilizada como estratégia de dominação psicológica, porque o 'goro' não é um atributo inerente a ele. Mas era com esse argumento que o “Coroné Bertino deixava os vaqueiros de suas fazendas esperando, sob o sol quente, para receber o salário no fim do mês, o Lavino dizia”, recordou Dona Anamaria. Apesar da imagem de fracasso imposta, o vaqueiro marajoara demonstra uma resiliência extraordinária, que reflete sua capacidade de enfrentar desafios e preservar sua identidade.

O livro de Dalcídio Jurandir, segundo a análise de Max Santo (2023), explora as dificuldades e os desafios que o homem e a mulher marajoara enfrentam. Reflete uma realidade de luta contínua pela sobrevivência, o que faz do vaqueiro marajoara um ser resiliente e capaz de enfrentar as adversidades naturais. Isso leva a afirmar que a vida dele é marcada pelas batalhas para se manter vivo e de pé, o que frequentemente resulta em um anseio de 'goro' ou de não realização plena. Essa percepção de 'lisonja fracassada' pode ser vista como uma forma de ele se manter resiliente e impelido a continuar desafiando e superando os obstáculos que a natureza marajoara lhe impõe diariamente e, assim, preservar sua identidade de vaqueiro.

Os vaqueiros dos quais se pode conhecer bem a realidade dentro da narrativa dalcidiana, são aquelas personagens que desempenham papel dos mais fundamentais no romance. Elas têm função de extrema importância no enredo, principalmente quando a história começa a sair da Vila, de Paricatuba, do Campinho e de Felicidade, adentrando mais para o interior da Ilha, nas fazendas. São justamente os vaqueiros as personagens objetos do estudo que ora se apresenta (Espírito Santo, 2023, p. 95).

A PLURALIDADE

Sua obra contribui para uma compreensão mais ampla das diferentes identidades que o vaqueiro pode assumir, considerando não apenas sua relação com

os animais e a natureza, mas também as mudanças sociais e econômicas que influenciam sua trajetória. Além de seu papel tradicional, o vaqueiro marajoara exerce múltiplas funções dentro da comunidade, atuando como médico popular, psicólogo, contador, artesão e até mestre de obras, acumulando conhecimentos que vão além da lida com o gado e reforçam sua versatilidade e importância no meio rural.

Boulhosa observa que essas identidades não são únicas, mas resultado de processos históricos e sociais que interagem de maneiras diversas. No entanto, em vez de considerar apenas a ocupação de vaqueiro como o elemento central, é possível perceber que há outras formas de pertencimento e vivências na região, que vão além da tradição e do vínculo com a natureza. Assim, a análise pode ser ampliada para incluir aspectos como transformações no mercado de trabalho e na organização das comunidades, evitando a ideia de que ser vaqueiro é um destino inevitável para quem vive na Ilha de Marajó.

Além disso, a visão sobre homens e mulheres “educados como vaqueiros” pode ser aprofundada para mostrar como essa identidade se desenvolve de maneiras diversas entre indivíduos, permitindo variações em suas experiências. Esse ajuste possibilita um retrato mais dinâmico e realista do vaqueiro marajoara, reconhecendo sua capacidade de adaptação e reinvenção ao longo do tempo, sem reforçar uma imagem homogênea ou determinista.

PERTENCIMENTO

São, portanto, essas múltiplas identidades que demonstram como o vaqueiro marajoara constrói sua relação com a fazenda e o território. Na obra *Marajó* (1973), há uma leitura regionalista que enfatiza o sentimento de pertencimento do vaqueiro, mas essa conexão pode ser vista de maneira mais ampla, considerando também fatores históricos, sociais e econômicos que moldam sua trajetória.

A relação entre o vaqueiro e a fazenda é representada em nomes como Lavino do Mineiro, Diquito do São João, Gongga da Flecheira, Sileno do São Carlos, Vavá do Lacre, Valdé do São Sebastião, Pedro Bacú da Santa Maria, Cabo Zeca do Mineiro e Canhoto do São João. Essa identificação reforça o vínculo histórico com o território,

mas não deve ser vista como um destino fixo. Em vez de interpretar esse pertencimento como algo natural e imutável, pode-se entender que ele é fruto de processos sociais e econômicos que estabelecem a relação entre o trabalhador e o espaço.

Além disso, a presença de africanos e indígenas nas fazendas da Ilha de Marajó deve ser analisada de maneira mais ampla, levando em consideração não apenas a religiosidade, mas também aspectos políticos, culturais e econômicos que influenciaram suas trajetórias. No estudo de Boulhosa (2016), a religiosidade do vaqueiro marajoara é ressaltada como um elemento de identidade, especialmente na festividade de São Sebastião em Cachoeira do Arari. No entanto, é importante reconhecer que a fé é apenas uma das formas de pertencimento e que os vaqueiros também compartilham outras expressões de identidade e resistência.

Assim, a análise da identidade do vaqueiro marajoara pode ser enriquecida ao incluir aspectos de mobilidade social e mudanças históricas, evitando uma visão essencialista que fixa sua existência em um único papel. Dessa forma, seu vínculo com a fazenda e a religiosidade pode ser entendido como parte de um processo dinâmico, que se transforma ao longo do tempo.

O LEGADO

Nesse contexto, destaca-se a ideia de família, que persiste tanto no âmbito urbano quanto no rural de Cachoeira e, também, de Ponta de Pedras, que engloba a comunidade de Cima do Teso e proximidades. Trata-se de uma concepção metafórica que faz resplandecer as duas entidades mais importantes para a vida do vaqueiro marajoara: uma materna, simbolizada na imagem de Nossa Senhora da Conceição, e a outra paterna, que é consignada na figura do Glorioso São Sebastião.

A feminina, consagrada à mãe, é a vaqueira que participa ativamente da vida nas fazendas, mas também é dedicada ao lar, à educação dos filhos e a cuidar dos animais domésticos, que sustentam a família nos períodos de escassez de alimentos. Por sua vez, a masculina é remetida ao pai, vaqueiro, que se levanta cedo, ainda de madrugada e, antes do sol nascer, monta em seu cavalo para cuidar dos animais no

campo em suas “vortas” diárias. Geralmente, só retornando ao final do dia ou logo após o anoitecer, à boca da noite, cansado e com fome, para o aconchego de um lar que não lhe pertence, mas que é tido como se lhe pertencesse.

Assim, vê-se consolidada uma conexão ‘romanesca, religiosa e antropológica’ que, em algumas cidades desses outros lados do rio, na Ilha de Marajó, une essas duas entidades consagradas pelo vaqueiro marajoara como seus padroeiros. Assim sendo, vê-se os laços sanguíneos transcendendo as amarras familiares celebrando juntos os vínculos afetivos, simbolizados no almoço do Santo, ou ‘almoço do Bastião’, que reúne amigos e parentes todo dia 20 de janeiro em várias residências da cidade de Cachoeira do Arari, similar ao almoço do Círio, da cidade de Belém.

Esses laços simbolizam a cultura do vaqueiro marajoara e são celebrados coletivamente, fortalecendo a identidade da comunidade e garantindo a continuidade das tradições. Ao longo dos anos, a cultura do vaqueiro marajoara se mantém viva não apenas pelas práticas herdadas, mas também pelas adaptações que reafirmam sua presença no cotidiano das fazendas e festividades. Dessa forma, as narrativas transmitidas, pelo vaqueiro do Marajó, preservam a história, renovam e ressignificam, consolidando-se como um elemento central de sua trajetória.

A COSMOLOGIA

Por essa razão, ao mencionar essa banda do Marajó, cumprimente o vaqueiro marajoara e dirija-se à Ilha fazendo uso da preposição “de”: Ilha de Marajó. Essa recomendação reforça a conexão histórica entre os vaqueiros e a geografia do arquipélago, mas também abre espaço para reflexões sobre como essa identidade se molda ao longo do tempo.

A história do vaqueiro da Ilha de Marajó compõe a comunidade de Cima do Teso, entre outras, formando uma narrativa plural, contada de diferentes maneiras por aqueles que vivenciam sua realidade. Cada perspectiva revela aspectos distintos da relação do vaqueiro com o ecossistema do Marajó, seu manejo do gado nos campos alagados e os desafios enfrentados nas fazendas. No entanto, a experiência do

vaqueiro marajoara não se limita às tradições: ela se transforma em resposta a fatores ambientais, econômicos e sociais que atravessam gerações.

Essa pluralidade de olhares ilumina não apenas os aspectos culturais da vida do vaqueiro, mas também suas condições de trabalho e os desafios que enfrenta com a modernização da pecuária e as mudanças climáticas. Enquanto alguns exploram as influências indígenas, africanas e europeias, outros observam os impactos das novas políticas agrárias e da urbanização na prática do vaqueiro. Assim, a identidade marajoara não é apenas uma herança imutável, mas um legado em constante adaptação.

Nesse sentido, a construção histórica do vaqueiro marajoara pode ser vista como uma fusão de diversas influências e dinâmicas sociais, conforme apontado por Boulhosa (2012, p. 2): “índios, em seguida negros e depois homens pobres livres foram absorvidos pela pecuária, originando assim, o vaqueiro marajoara, que passou a compor o cenário dos campos do Marajó, na medida em que essa atividade se espalhava pela Ilha.” Esse processo, contudo, não se encerra no passado, pois continua sendo reconfigurado conforme novas realidades emergem.

A LINGUAGEM

Embora a vida do vaqueiro marajoara seja retratada a partir do que é visto e percebido, suas competências muitas vezes são interpretadas de maneira simplista. No entanto, essas percepções não impedem que ele continue construindo histórias e desenvolvendo expressões que dialogam com as transformações sociais e econômicas que ocorrem dentro e fora da Ilha de Marajó.

Apesar de alguns preconceitos que cercam sua linguagem e modo de vida, o vaqueiro marajoara demonstra uma capacidade única de adaptação e criação. Sua comunicação reflete uma tradição oral rica e expressiva, conectada não apenas às fazendas e ao campo, mas também às mudanças que atravessam a cultura e a economia locais. A pesquisa de Da Glória (2013, p. 14) destaca que “a identidade marajoara é gerada e regida pela interação homem-ambiente e correlacionada às particularidades geográficas, históricas e naturais do Marajó”. Isso evidencia um

aspecto dinâmico da cultura do vaqueiro, que ressignifica o trabalho árduo em aprendizado e criatividade.

A linguagem do vaqueiro marajoara, longe de ser um elemento fixo e marginalizado, é uma forma genuína de expressão que se adapta ao tempo e às circunstâncias. Mesmo sendo vista por alguns como distante da "erudição urbana", ela carrega consigo sentimentos, experiências e saberes que enriquecem a identidade marajoara e refletem sua diversidade. Reconhecer e valorizar essas expressões significa apreciar melhor a profundidade das experiências humanas vividas na comunidade de Cima do Teso, onde o passado e o presente continuam se entrelaçando para criar novas narrativas.

Esturde, mucufo, ieuchoru, nuduro, nomquinom, pavulagi, fumobom, imbingo, marcanti, siguru, baladumdum, ariscu, jangaderu, maranhentu, péssimu, rupinol, nudurotu, curruliço, tárralado, vai conhecer o são Fidélis, levou o farelo, o cavalo mordeu tua cabeça, essegitu, essezinho, gitinho, pamperu, purrudo, cuberto, umispinha, égua! (Tibinho, janeiro de 2024).

A EXPRESSIVIDADE

A linguagem do vaqueiro marajoara é flexível e adaptável, o que a torna fundamental para a comunicação dentro do grupo social ao qual pertence, assim como com padrões, colegas de profissão e visitantes. Em diferentes contextos, como nas áreas do Cuberto e dentro da cerca, surgem expressões peculiares que, embora únicas, permanecem inteligíveis entre os vaqueiros. Essa variação linguística reflete não apenas um traço cultural, mas também adaptações práticas às necessidades do trabalho e da vida cotidiana.

Durante a colonização da Ilha de Marajó, a diversidade linguística dos grupos indígenas levou os portugueses a denominá-los "nheengaíbas", um termo usado para referir-se à multiplicidade de dialetos presentes na região. Assim, as expressões dos vaqueiros marajoaras também variam de localidade para localidade, enriquecendo a identidade da comunidade ao longo do tempo. Reconhecer e valorizar essas manifestações linguísticas permite entender sua complexidade e sua constante adaptação, revelando que a linguagem do vaqueiro não é um elemento estático, mas algo em contínua transformação.

Nesse sentido, Flusser (2012, p. 50) destaca que “devemos a grande maioria dos dados dos quais dispomos ao ouvido e à vista, já que a grande maioria desses dados consiste em palavras ouvidas ou lidas”. A linguagem do vaqueiro é construída tanto pela observação quanto pela interação prática com seu ambiente. No campo, ele não apenas ouve para aprender, mas desenvolve habilidades interpretativas essenciais à sua sobrevivência, seja ao identificar sinais da natureza, avaliar riscos ou se proteger de animais peçonhentos. Essas experiências contribuem para a criação de novas expressões e para a renovação contínua de seu vocabulário.

A relação do vaqueiro com a linguagem se intensifica durante atividades como a caça, quando ele cunha novos termos a partir dos já existentes, ampliando seu repertório e fortalecendo suas narrativas. Além de ouvir atentamente, ele sabe interpretar os sinais que a natureza lhe oferece: um capim caído no campo pode ter diferentes significados, mas, graças à sua experiência, ele é capaz de decifrar o real contexto. Mesmo tarefas como rastrear uma vaca búfala preta exigem conhecimento prático e interpretação, o que demonstra que sua linguagem não apenas reflete tradições, mas também se ajusta às necessidades do presente.

O vaqueiro aprende a ser vaqueiro ouvindo: o Lavino gostava de ensinar, mas só ensinava a pessoa que quisesse aprender. Ele dizia: “só aprende quem quer; só ensina quem sabe”; assim, ele ensinava aos que queriam, realmente, aprender. Mas ele conseguia aprender só de olhar alguém fazer alguma coisa do interesse, ou se tivesse uma serventia para ele. Quando tinha dúvidas, dizia: suomi, como é isso, ou, aquilo? Ele guardava e aguardava para falar com a pessoa certa. Os moleques aprenderam a laçar, brincando de cavalo de pau; cortavam varas compridas; faziam as rédeas com pedaços de corda ou de cabrestos; amarravam uma cabeça de boi no moirão do curral e com um cabresto, corriam e laçavam correndo; imaginavam as laçadas que os grandes contavam e tentavam fazer igual (Dona Ana, janeiro de 2024).

A versão atual do vaqueiro marajoara preserva os saberes ancestrais que carrega, mas também os adapta às novas demandas e desafios contemporâneos. Suas práticas educativas combinam orientações, exercícios práticos e oralidade, permitindo que ele aprenda por meio da observação e da experiência. Esse aprendizado reflete não apenas uma conexão com o passado, mas também uma resposta às transformações que ocorrem ao longo do tempo.

Embora sua pedagogia esteja enraizada na tradição, ela não se limita ao conhecimento herdado: o vaqueiro ajusta seus saberes à realidade que o cerca, integrando elementos modernos sem perder sua identidade cultural. Ao valorizar a experiência prática e integrar os preceitos tradicionais às novas condições da vida marajoara, esse método de aprendizado garante que sua herança continue viva e dinâmica, permitindo sua constante evolução.

Na comunidade de Cima do Teso, o vaqueiro marajoara extrai dados da natureza, processa informações e as armazena em sua memória, construindo um patrimônio intelectual que utiliza no cotidiano da propriedade onde atua. Segundo Flusser (2012), sua pedagogia é formada por “um conjunto de palavras percebidas e perceptíveis, quando ligadas entre si de acordo com regras preestabelecidas” (Flusser, 2012, p. 49). Dessa forma, ele desenvolve metodologias próprias de aprendizado e ensino, adaptando-se aos desafios diários de sua rotina e às transformações sociais e econômicas que impactam seu modo de vida.

O vaqueiro continua ajustando sua realidade ao conjunto linguístico e pedagógico que construiu ao longo do tempo, expandindo seus saberes e aprimorando suas práticas. Embora sua forma de comunicação possa parecer distante da estrutura linguística urbana, seu método é flexível e sociável, adaptando-se às necessidades de cada situação. Ele questiona, interpreta e ajusta seu vocabulário conforme a realidade ao seu redor se modifica, mostrando que sua linguagem e seu aprendizado não são estáticos, mas evoluem em resposta às mudanças.

Nesse sentido, explorando o raciocínio de Flusser (2012), o vocabulário do vaqueiro não se restringe a um conjunto fechado de expressões, mas se expande por meio da adaptação e da criatividade. Assim, algumas expressões populares do linguajar paraense podem ter se originado nas fazendas da Ilha de Marajó, refletindo esse processo contínuo de ressignificação da linguagem. Por exemplo, a palavra “égua”, amplamente utilizada, apresenta significados distintos conforme sua entonação e contexto, revelando a riqueza linguística e interpretativa presente na comunicação do vaqueiro marajoara.

Assim sendo, destaca-se a constatação de João Meireles Filho:

O Marajó é das raras regiões da Amazônia, e mesmo do Brasil, onde há evidente identidade cultural própria. Em termos de cultura imaterial, o Marajó apresenta um conjunto de saberes e fazeres, que se constitui num patrimônio que somente nos últimos anos vem sendo pesquisado, diante de seu iminente desaparecimento em função do desinteresse das novas gerações e forte penetração da influência dos meios de comunicação eletrônicos (Meirelles Filho, escritor e ativista socioambiental – Instituto Peabiru, 2012).

A respeito da etnologia linguística do vaqueiro marajoara, destaca-se um aviso encontrado na entrada do Museu do Marajó, em Cachoeira do Arari. Esse aviso, mencionado por Josebel Akel Fares (2007) em seu artigo *O Museu do Marajó: Viagem, Acervo e Entrevista com Giovanni Gallo*, sintetiza a importância de compreender a vida do vaqueiro marajoara dentro de um contexto amplo que abarca sua cultura, suas práticas e seus desafios contemporâneos: “*O homem é a nossa peça mais valiosa. A nossa maior preocupação é coletar informações que estão dentro e atrás das peças para descobrir o Homem Marajoara*” (Giovanni Gallo).

Essa mensagem destaca as pessoas que vivem nas fazendas, especialmente o vaqueiro marajoara, fundamentais para a compreensão da riqueza histórica da região. Embora o acervo material do museu seja valioso, seu significado se amplia quando vinculado às narrativas, experiências e saberes daqueles que construíram essa identidade ao longo do tempo. Assim, a história do vaqueiro marajoara não é apenas um registro cultural, mas também um reflexo das transformações sociais e econômicas que moldam sua realidade.

Nessa perspectiva, as narrativas coletadas e as evidências analisadas sobre a vida do vaqueiro marajoara, especialmente dos que vivem “d’outro” lado do rio Arari, na comunidade de Cima do Teso, revelam um mosaico de elementos que extrapolam a dimensão exclusivamente cultural. São histórias que ajudam a compreender os processos de adaptação e ressignificação da identidade do vaqueiro frente às mudanças na pecuária, na economia e no meio ambiente. Assim, ao analisar a trajetória do vaqueiro marajoara, podemos reconhecer sua rica herança cultural e sua capacidade de evolução dentro de um cenário em constante transformação.

Portanto, conclui-se este estudo reconhecendo que os saberes, costumes e as tradições configuram os modos de vida do vaqueiro marajoara. Formam elementos fundamentais para garantir às futuras gerações a continuidade da vida do vaqueiro, do aprendizado e da valorização dessa rica herança cultural que há no outro lado do

rio Arari. Apenas assim será possível manter viva a identidade do vaqueiro marajoara, a história e os saberes que conectam a comunidade de Cima do Teso a um caminho cultural único, traçado por aqueles que marcaram e continuam a marcar a trajetória da Ilha de Marajó, “d’outro” lado do rio Arari.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BORGES, Luiz Carlos; DE OLIVEIRA, Karla Cristina Damasceno. **Pajelança musealizada: o Museu do Marajó e o imaginário marajoara**. In: ENANCIB: POLÍTICAS DE INFORMAÇÃO PARA A SOCIEDADE, 7., 2011.

BOULHOSA, Marinete da Silva. **Entre a sela e o santo: etnográfico sobre a vida e a lida do vaqueiro marajoara** – Belém: IFPA, 2016.

BOULHOSA, Marinete; FARIAS, Kassia da Silva; FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Políticas públicas e desenvolvimento na Ilha de Marajó, Brasil: Participação e exclusão no turismo**. Revista Turismo & Desenvolvimento, n. 36, p. 313-323, 2021.

BOULHOSA, Marinete; FARIAS, Kassia da Silva; FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Festividade de São Sebastião, de Cachoeira do Arari: uma possibilidade para o desenvolvimento do turismo cultural na Ilha do Marajó, Brasil**. Revista Hospitalidade, v. 14, n. 1, p. 01-15, 2017.

BOULHOSA, Marinete; CABRAL, Neila Waldomira do Socorro Sousa; DOS SANTOS GOMES, Eduardo Lima. **A Identidade Marajoara: uma reflexão sobre a possibilidade de um Turismo Cultural no meio rural na Ilha do Marajó-Pará**. In: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 9., 2012, São Paulo. Anais [...]. São Paulo, 2012, p. 1-14.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A partilha da vida**. GEIC/Cabral Editora, 1995.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana, v. 2, p. 115-144, 1996.

COMERFORD, John. **Onde está a "comunidade"?: conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o "rural" e o "urbano"**. RURIS (Campinas, Online), v. 8, n. 2, 2014.

COSTA, Eliane Oliveira da; RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha. **O português falado em comunidades indígenas de língua Tupí-Guaraní nos estados do Pará e Maranhão: o contínuo dialetal étnico/não étnico no campo semântico Atividades Agropastoris**. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 36, p. 2020360205, 2020.

DA GLÓRIA, Ednez Gomes. **O patrimônio histórico-cultural do arquipélago do Marajó: diálogo e disputa entre suas representações**. 2013. [127 folhas]. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

DESCOLA, Philippe. **Além de natureza e cultura**. Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 3, n. 1, p. 7-7, 2015.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ESPÍRITO SANTO, Max Silva do; FAVACHO, Ailton Silva. **Zé Piranha**, histórias de cura e encantarias no Marajó. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2021.

FARES, Josebel Akel. **O Museu do Marajó**: viagem, acervo e entrevista com Giovanni Gallo. **Revista Cocar**, v. 1, n. 1, p. 69-92, 2007.

FARES, Josebel Akel; RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. **Marajó e vaqueiros**: Memórias de ofício, épica e ancestralidade. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2015.

FARES, Josebel Akel. O Museu do Marajó: **Viagem, Acervo e Entrevista com Giovanni Gallo**. Revista Cocar, v. 1, n. 1, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, 2007.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: É Realizações, 2021. 392 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

GALLO, Giovanni. **Marajó**: a ditadura da água. 4. ed. Cachoeira do Arari, PA: O Museu do Marajó, Marques Editora, 2015. 256 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017. 323p.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução: Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

INGOLD, Tim *et al.* **Diálogos Vagueiros**: Vida, Movimento e Antropologia. Entrevista com Professor T. Ingold. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 11, 2012.

INGOLD, Tim; STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Cultura, percepção e ambiente**: diálogos com Tim Ingold. Ponto Urbe. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO FLORESTAL E DA BIODIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ (IDEFLOR-Bio). [2023]. **Área de Proteção Ambiental (APA) Arquipélago do Marajó**. Disponível em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/area-de-protecao-ambiental-do-marajo/?form=MG0AV3>. Acesso em: 22 mar. 2025.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 6ed. Belém: Cejup, 1995. - Edição crítica Chove nos campos de Cachoeira/Rosa Assis. Belém: UNAMA, 1998.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 4. ed. Belém: EdUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2010.

LATOOUR, Bruno. **Políticas da natureza**: como fazer ciência na democracia; tradução Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: Edusc, 2004.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico**. Novos Cadernos NAEA, Belém, v. 2, n. 2, p. 5-32, dez. 1999.

MARAJÓ, I. N. R. C. **Inventário Nacional de Referências Culturais**. IPHAN. Disponível em: http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_S_SEBASTI%C3%83O.pdf, 2010. Acesso em: 15 ago. 2024.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003, 536 p.

MEGGERS, Betty Jane; EVANS, Clifford. **Uma interpretação das culturas da Ilha de Marajó**. (No Title), 1954.

MEIRELLES FILHO, João. **O Marajó, o Nosso Marajó, Viva o Marajó**. Revista Conservação da Natureza, e eu com isso? Fundação Brasil Cidadão; REMA - Rede de Meio Ambiente da Mata Atlântica, 2012.

MEJÍA JIMÉNEZ, Marco Raúl. **La educación popular en el siglo XXI**. Una resistencia intercultural desde el sur y desde abajo. Praxis & Saber, v. 6, n. 12, p. 97-128, 2015.

SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires (org.). **Muito além dos campos**: arqueologia e história na Amazônia Marajoara. 1. ed. Belém: Gknoronha, 2010.

PACE, Richard. **Abuso científico do termo 'caboclo'?**. Dúvidas de representação e autoridade. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 1, p. 79-92, 2006.

PARÁ. Secretaria de Estado de Cultura. **Museu do Marajó festeja um ano de reabertura com programações, visitas e atendimento a instituições de ensino da região**. Disponível em: <<https://secult.pa.gov.br/noticia/1556/museu-do-marajo-festeja-um-ano-de-reabertura-com-programacoes-visitas-e-atendimento-a-instituicoes-de-ensino-da-regiao>>. Acesso em: 19 jul. 2024.

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da etnografia**. Anuário antropológico, v. 17, n. 1, p. 197-223, 1993.

PIRES, Pedro Stoeckli. **Laços brutos**: vaqueiros e búfalos no baixo Araguaari – Amapá. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2015.

POMBO, D. **Educação, memórias e saberes amazônicos**: vozes dos vaqueiros marajoaras. 2014. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Pará, Belém.

RABELO, Eleni Bonifácio; DOS SANTOS NEVES, Ivâna. **Nas palavras de Dalcídio Jurandir: “Marajó”**, de rios campos e florestas, às contradições sociais. *In*: XIV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC: Associação brasileira de literatura comparada. [anais eletrônicos]. Pará. 2014.

SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss**: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, p. 131-138, 2008.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Esse obscuro objeto da pesquisa**: um manual de método, técnicas e teses em antropologia. Editeur inconnu, 2013.

SANTO, Max Silva do Espírito. **O mundo do vaqueiro no romance Marajó (1947), de Dalcídio Jurandir**. 1. ed. Belém, PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir: Imprensa Oficial do Estado do Pará – IOEPA, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015. v. 89.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Fim do Império Cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2019.

SAHLINS, Marshall. **A economia da idade da pedra**: a sociedade originalmente afluyente. *In*: *Cultura na prática*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p. 105-152.

SARRAF-PACHECO, Agenor. **Cartografia & fotoetnografia das águas**: modos de vida e de luta na Amazônia marajoara. *ILUMINURAS*, v. 19, n. 46, 2018.

SARRAF-PACHECO, Agenor. **Cosmologias afroindígenas na Amazônia marajoara**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 44, 2012.

SARRAF-PACHECO, Agenor. **En el corazón de la Amazonía**: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras. 2009. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, São Paulo.

RODRIGUES, Venize Ramos. **Marajó e Vaqueiros**: Memórias de ofício, épica e ancestralidade. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Disponível em: Academia.edu. Acesso em: 27 maio 2024.

VINCENT, Joan. **A sociedade agrária como fluxo organizado**. Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.

WOLF, Eric R. **Sociedades camponesas**. Tradução de Oswaldo Caldeira C. da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

www.agenciapara.com.br/galeria

www.ibge.gov.br

www.comprerural.com

